

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA MÍDIA
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Recife – PE

2012

Paulo Gilberto de Oliveira Filho

Paulo Gilberto de Oliveira Filho

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA MÍDIA
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Recife – PE

2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291

O48c Oliveira Filho, Paulo Gilberto de.
A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal do Reino de Deus / Paulo Gilberto de Oliveira Filho. – Recife: O autor, 2012.
147 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Pós-Graduação em Psicologia, 2012.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Pentecostalismo. 4. Igreja Universal do Reino de Deus. 5. Gênero. 6. Análise do discurso. 7. Folha Universal. I. Oliveira Filho, Pedro de (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2012-136)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA MÍDIA
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho
1º Examinador/ Presidente

Prof. Dr. Drance Elias da Silva
2º Examinador/externo

Profª. Drª. Karla Galvão Adrião
3º Examinador/ Interno

Recife, 27 de abril de 2012

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer primeiramente ao professor Pedro, pelo grande professor e orientador que foi. Quando me inscrevi para a seleção do mestrado e estava formulando meu pré-projeto, pesquisei os currículos de todos os professores, e, sem conhecê-lo, pensei comigo mesmo “é esse que eu gostaria que me orientasse”. Tive a sorte de ser escolhido, e vejo hoje que minha intuição estava mais que certa. Em particular, agradeço a paciência, a gentileza e a autonomia que me deu durante este tempo.

Agradeço igualmente a minha mãe, que sempre me deu a sensação de que, quaisquer que sejam minhas decisões na vida, sempre contarão com seu apoio e suporte. Isto é muito importante para mim. Agradeço também por mostrar confiança em mim, não importando qual seja minha própria opinião, e por sempre me incentivar a buscar mais.

Agradeço a Guilherme por ter sido sempre um exemplo para mim, e por sempre me incentivar em tudo na vida, principalmente na vida acadêmica.

Agradeço a Ester pelo amor, pelo carinho e pela atenção que me deu durante todo esse tempo. Foram muito importantes para que eu seguisse adiante em certos momentos. Além disso, agradeço a ajuda prática, por tantas vezes ter me levado até a IURD de Valinhos para pegarmos um exemplar. Ainda me lembro de sua cara de estranhamento quando, no nosso primeiro encontro, escutou a frase “Podemos dar uma passadinha na Igreja Universal?”. Aquele exemplar certamente será guardado com carinho.

Agradeço a Fernando pela grande amizade que temos desde os tempos da graduação. Suas provocações quase sempre pertinentes ajudaram muito ao longo dos anos, e muitas vezes me fizeram desfamiliarizar com idéias até então bem estabelecidas em mim.

Agradeço a Karla e Drance pelas ótimas contribuições que deram para este trabalho, e que com certeza foram levadas em consideração.

Agradeço a vovô Baixinho e vovó Zuzuca por sempre terem me incentivado a evoluir intelectualmente, além, claro, por todo o amor que sempre me deram. Peço-lhes desculpas por estar ausente nos últimos tempos.

Agradeço também a tia Mireille por ter me hospedado em sua casa enquanto precisei ficar em Recife por causa do mestrado. Nunca esquecerei a boa vontade e o carinho. A Amanda agradeço pro ter participado junto comigo, nos meus momentos de aperreio, das duas fases mais importantes desta caminhada: a formulação do pré-projeto para a seleção, e a finalização da dissertação.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro.

LISTA DE SIGLAS

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PSD – Psicologia Social Discursiva

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Charge.....	130
------------------------	-----

RESUMO

O Brasil passou por uma drástica mudança nos últimos anos: embora ainda componha a maioria da população, desde a década de 1950 o catolicismo tem declinado de maneira rápida, dando lugar ao pentecostalismo. Este movimento religioso é bastante plural, e pode ser dividido em três gerações de igrejas que, mesmo com semelhanças, possuem características específicas. As primeiras gerações são marcadas pelo sectarismo e pelo ascetismo, cujo efeito é um afastamento do fiel das coisas do mundo, à espera de uma recompensa em outra vida. A terceira geração, porém, nasceu sob um processo de liberalização dos costumes baseada na Teologia da Prosperidade, que prega que o fiel deve ter “vida em abundância” ainda nesta existência, e assim rompe com o antigo sectarismo e ascetismo pentecostal. A sociedade brasileira igualmente vivenciou nas décadas passadas uma profunda transformação nas relações de gênero, no caminho de forte questionamento do patriarcalismo e um movimento de emancipação da mulher em relação a seus antigos posicionamentos. Tendo nascido já sob tais transformações, a Igreja Universal do Reino de Deus foi o objeto desta pesquisa. Seus objetivos foram analisar como a instituição constrói práticas discursivas sobre as relações de gênero e sobre as mudanças pelas quais a sociedade brasileira passa nesse quesito. A Igreja Universal do Reino de Deus apresenta dentro de si as contradições encontradas na sociedade como um todo: por um lado mantém aspectos das relações de gênero do pentecostalismo de gerações anteriores; por outro lado, leva adiante mudanças no sentido de adaptação às demandas feministas, embora retire parte do seu caráter contestador. Dessa forma, a Igreja Universal promove repertórios que ao mesmo tempo posicionam mulheres em novos lugares, anteriormente interditados, como o mundo político e do trabalho, mas em outros momentos posicionam em lugares tradicionais, como por exemplo de mãe e esposa submissa ao marido. O homem é posicionado majoritariamente como trabalhador e pai de família. A Psicologia Social Discursiva serviu de aporte teórico-metodológico, por considerar o discurso como uma forma de ação e possibilitar a compreensão da variabilidade e do caráter funcional do discurso. De acordo com esta abordagem, a compreensão que temos da realidade é construída discursivamente. O gênero não deixaria de ser diferente, sendo mais uma construção discursiva produzida coletivamente que uma realidade biológica. A Igreja Universal, contudo, produz práticas discursivas que essencializam o gênero, atribuindo as características supostamente femininas e masculinas à biologia humana e à criação divina. Tal discurso contribui para a manutenção de posicionamentos subalternos para a mulher, que é incentivada a manter-se num lugar submisso à vontade masculina.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus; gênero; Psicologia Social Discursiva; Folha Universal

ABSTRACT

Brazil has undergone a drastic change in recent years: although it still composes the majority of the population, since the 1950's Catholicism has declined quickly, giving rise to Pentecostalism. This religious movement is quite plural, and can be divided into three generations of churches that despite similarities have specific characteristics. The first generations are marked by the sectarianism and asceticism, whose effect is a departure of the congregation from the things of the world, waiting for a reward in another life. The third generation, however, was born under a liberalization of customs based on the Theology of Prosperity, which preaches that the congregation must have "life in abundance" even in this lifetime, and thus breaks with the old Pentecostal sectarianism and asceticism. The Brazilian society also experienced in the past decades a profound transformation in gender relations, in the way of strong questioning of patriarchy and women's emancipation movement in relation to their former positions. Having been born already under such transformations, the Universal Church of the Kingdom of God was the object of this research. Its objectives were to analyze how the institution builds discursive practices on gender relations and on the changes that Brazilian society is in this matter. The Universal Church of the Kingdom of God has within itself the contradictions found in a society as a whole: on the one hand it keeps aspects of gender relations of Pentecostalism from previous generations; on the other hand, it carries out changes in order to adapt to feminist demands, although it removes part of its controversial character. Thus, the Universal Church promotes repertoires that while place women in new positions, previously banned, such as the political world and work, but at other times place them in traditional places, such as mothers and wives submissive to her husband. The man is mainly placed as a worker and family man. The Discursive Social Psychology served as a theoretical and methodological base, for consider the discourse as a form of action and facilitate the understanding of variability and the functional character of the discourse. According to this approach, the understanding we have of reality is discursively constructed. The genus would not be different, being more a collectively produced discursive construction than a biological reality. The Universal Church, however, produces discursive practices that essentialize the genus, attributing the supposed feminine and masculine characteristics to human biology and the divine creation. Such discourse contributes to the maintenance of subordinate positions to women, who is encouraged to remain in a place subject to the masculine will.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God. Gender. Discursive Social Psychology. Folha Universal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	17
1.1 A história da IURD.....	18
1.2 A IURD e seu uso da mídia.....	21
1.3 Alguns aspectos sobre a prática religiosa da IURD.....	26
1.4 Gênero, família, e comportamento.....	29
1.5 A Igreja Universal e seu braço político.....	31
1.6 A teologia da Igreja Universal do Reino de Deus.....	33
2. GÊNERO E CRISTIANISMO.....	38
2.1 Teoria do gênero.....	38
2.2 O gênero na história do Cristianismo.....	45
2.3 Gênero e família no neopentecostalismo.....	52
3. DISCURSO, LINGUAGEM, E A PSICOLOGIA SOCIAL DISCURSIVA.....	60
3.1 A linguagem e a construção da realidade.....	61
3.1.1 O discurso e a metáfora da construção.....	61
3.1.2 A Psicologia Social Discursiva.....	63
3.2 Repertórios interpretativos e posicionamentos.....	64
3.3 Linguagem, discurso e subjetividade.....	68
3.4 O discurso e sua orientação para a ação.....	74
3.5 Versões e factualidade.....	78
3.6 A constutividade do discurso.....	80
4. METODOLOGIA.....	83
4.1 A análise de textos midiáticos.....	83
4.2 O jornal “Folha Universal”.....	87
4.3 O procedimento analítico.....	89
5. CONSTRUINDO HOMENS E MULHERES.....	92

5.1 Posicionando o feminino e o masculino.....	93
5.2 Coisas de mulher.....	100
5.3 Um traço de personalidade.....	106
5.4 O homem iurdiano.....	109
6. MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.....	118
6.1 Aborto, controle de natalidade e AIDS.....	119
6.2 Mulheres no poder.....	128
6.3 A resistência.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

Nos últimos 60 anos, o Brasil vem passando por uma profunda mudança no campo religioso que traz conseqüências em diversos campos, rompendo com uma tradição católica construída ao longo de séculos de história. A mudança em questão diz respeito ao crescimento, durante esse período, do movimento religioso conhecido como evangélico¹, o qual, embora tenha começado sua ascensão na sociedade brasileira desde a década de 1950, conheceu um crescimento vertiginoso principalmente a partir dos anos 1980.

Esse dado, porém, esconde uma diferença muito grande entre os dois grandes grupos que formam os evangélicos, os pentecostais e os protestantes históricos. Mariano (1999), ao analisar o crescimento evangélico de acordo com as denominações, mostra que os responsáveis pelo bom desempenho numérico apresentado pelo grupo são principalmente os pentecostais. Na verdade, enquanto estes cresceram a taxas muito acima dos outros, na década de 1980 os protestantes históricos não só não cresceram proporcionalmente, mas também perderam fiéis em números absolutos, desempenho pior até mesmo que o da Igreja Católica (que, embora tenha perdido grande participação proporcional, cresceu em números absolutos no período analisado pelo autor – 1980 a 1991). Somente no censo de 2000 eles voltariam a apresentar crescimento mais consistente novamente. Dados do Instituto Datafolha de 2007, divulgados por Mariano (2008), sugerem que, atualmente, o catolicismo tenha se reduzido a 64% da população brasileira, enquanto 17% se declaram pentecostais e 5% protestantes. Valle e Sarti (1994) destacam que o pentecostalismo cresce principalmente nas zonas mais empobrecidas, embora Bovkalovski (2005) aponte uma recente maior aceitação por parte da classe média, mesmo que o maior público, em média, ainda seja constituído por pessoas de baixa renda e escolaridade, numa comparação com a demografia da sociedade brasileira como um todo.

O pentecostalismo, entretanto, não é um movimento unitário, apresentando diversas correntes, e, mesmo dentro destas, há ainda diferenças teológicas de acordo com a denominação. Freston (1994), por exemplo, argumenta que as organizações pentecostais não são estáticas, cuja única mudança ao longo do tempo é o aumento ou perda de fiéis. Elas estão em constante adaptação e mudança, que levam a lutas e debates.

¹ De acordo com Mariano (2004), os evangélicos podem ser separados em protestantes históricos (Igrejas Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista) e pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.)

De acordo com Freston (1994), o pentecostalismo nacional surgiu como resultado de um movimento americano que iniciou-se em 1906. Este movimento teve influência do avivamento metodista do século XVIII. O pentecostalismo teria nascido de um movimento de santidade com influência forte nos países de língua inglesa, e que produziu uma espécie de separatismo no protestantismo, culminando no surgimento do pentecostalismo.

Bovkalovski (2005) sugere que a história cristã no Ocidente funciona como um pêndulo, no qual as extremidades são movimentos mais racionais, de um lado, e movimentos mais emocionais de outro. Assim, após um período de valorização da razão advindo com o liberalismo no século XIX, o início do século XX viu novamente o pêndulo se mover na direção do emocionalismo pentecostal. Este movimento de avivamento trouxe à tona a questão do batismo no Espírito Santo, que seria confirmado pelo falar em línguas estranhas. O batismo no Espírito Santo, de acordo com a autora, teria relação com a valorização de uma vida santificada, que seria confirmada pela experiência mística do batismo. Uma das principais características do nascente movimento pentecostal era o seu adventismo, ou a crença na volta iminente de Jesus Cristo. A glossolalia (falar em línguas estranhas) seria a confirmação deste fim próximo. Embora já existisse anteriormente, a glossolalia ganha um status diferente no novo movimento: torna-se central na liturgia e na teologia destas igrejas.

Para Machado (1996), o movimento pentecostal teve sua origem social nos segmentos populares, e sua base bíblica foi o livro “Atos dos Apóstolos”, cuja leitura literal provocou a crença de que o que aconteceu com os apóstolos no dia de Pentecostes, o chamado “batismo de fogo”, poderia se repetir com qualquer cristão². De acordo com a autora (1996), isso abriu o campo para que os dons carismáticos como a cura, a glossolalia, a profecia e a libertação, por exemplo, fossem cada vez mais valorizados e virassem o centro da pregação das igrejas pertencentes ao movimento. O movimento pentecostal americano investiu fortemente numa expansão mundial através de missionários, e foi assim que ele chegou ao Brasil. Façamos, então, com base em Santos (2010), um resumo histórico de como ele surgiu no Brasil, a partir da divisão em três momentos diferentes.

A primeira grande onda surgiu com a vinda de dois missionários suecos e um italiano, todos convertidos nos Estados Unidos, que fundaram a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã em 1911 e 1910, respectivamente. Tinham como características um profundo ascetismo

² De acordo com Bovkalovski (2005), o batismo de fogo é narrado no livro Atos 2, e se refere ao dia de Pentecostes. A narrativa do livro afirma que a descida do Espírito Santo possibilitou que as pessoas falassem em línguas estranhas e desconhecidas. Dessa forma, falar em tais línguas, na experiência pentecostal do século XX, é um sinal de que o fiel possui o batismo no Espírito Santo, e, portanto, tem uma comunicação mais direta com Deus.

em relação às paixões mundanas, isolamento do mundo, forte negação dos valores seculares, a tentativa de levar uma vida santa, distante do mundo secular, e a ênfase no dom de falar em línguas e no batismo no Espírito Santo. Frequentadas, talvez por suas características, principalmente pelos setores economicamente mais pobres da população, essas igrejas não pregavam nenhuma recompensa terrestre para o cristão, cabendo a ele aceitar as dificuldades desta vida com fé, esperando uma existência melhor na eternidade. Essa primeira geração de igrejas é conhecida como pentecostalismo clássico.

De acordo com Freston (1994), as duas igrejas citadas acima tiveram todo o campo pentecostal para si durante mais de quarenta anos, porque as igrejas pentecostais concorrentes eram bastante inexpressivas. O autor esclarece que a Congregação Cristã, após um êxito inicial, permaneceu mais acanhada, enquanto a Assembléia de Deus se espalhou por praticamente todo o país, e pode ser considerada como a igreja protestante nacional por excelência. De fato, apesar do crescimento avassalador do neopentecostalismo, a Assembléia de Deus ainda figura como a maior igreja pentecostal do país em número de fiéis, contando, de acordo com Campos (2011), baseado em dados do IBGE de 2009, com quase onze milhões de fiéis, um impressionante crescimento de 30% em relação à pesquisa anterior, de 2003³.

Freston (1994) esclarece que quando chegou ao Brasil, o pentecostalismo estava ainda em sua infância e, sem recursos nem denominações estabelecidas, não exerceu relações de dependência com as matrizes americanas. Isto contribuiu enormemente para a configuração de um pentecostalismo clássico autóctone. Toledo-Francisco (2002) caracteriza este pentecostalismo clássico como altamente sectário, de modo que um “crente” poderia ser reconhecido facilmente como tal. Isso se dá porque há uma busca deliberada por se distanciar do mundo secular, com sua moral mais relaxada. O fiel pentecostal clássico deve esquecer das coisas do mundo, das coisas materiais, e se concentrar no mundo espiritual, quase que exclusivamente. De acordo com a autora (2002), há um forte contraste com a cultura nacional, uma vez que havia desvalorização profunda da história católica do país e do sincretismo marcante com religiões de matriz africana.

As relações de gênero no pentecostalismo clássico são marcadas pela naturalização da subordinação feminina através de argumentos baseados em passagens bíblicas. Amorim (2009) salienta que uma condição que foi sócio-historicamente desenvolvida é transformada numa verdade estabelecida revelada através da inspiração divina. Para a autora, esta configuração limita a construção de uma alteridade das mulheres como algo positivo. Ela

³ Dados da mesma pesquisa sugerem que, neste mesmo período de tempo, a Igreja Universal do Reino de Deus perdeu 24% de seus fiéis.

argumenta que estas igrejas, como instâncias sociais, funcionam como legitimadoras de uma configuração de gênero altamente hierárquica, na qual os homens levam a vantagem da dominação sobre as mulheres. Porém, como coloca Freston (1994), nos últimos anos estas fronteiras têm se borrado, na medida em que há grandes influências mútuas entre as igrejas de gerações diferentes, principalmente no sentido de adaptação ao fenômeno neopentecostal.

A segunda onda surgiu em meados da década de 1950, e é conhecida pelo nome de deuteropentecostalismo. Pertencem a ela igrejas como a Deus É Amor (1962), Brasil Para Cristo (1955) e a Quadrangular (1951). Para Freston (1994), é neste período que o campo pentecostal se pulveriza e a relação com a sociedade começa a se dinamizar. Nesse ponto do movimento pentecostal, enfatizava-se a cura divina, e investia-se bastante na comunicação de massa e na pregação itinerante como estratégias de conversão. Provavelmente há alguma correlação entre o início do crescimento evangélico e essa nova estratégia, mas não se pode afirmar isso sem uma pesquisa mais detalhada. É interessante acrescentar também que entre o pentecostalismo clássico e o deuteropentecostalismo há uma pequena flexibilização nos costumes, tornando os últimos um pouco mais liberais nos usos e costumes em relação aos primeiros. Porém, uma mudança ainda tímida.

A última onda do movimento pentecostal iniciou-se no final da década de 1970, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e os membros dessa corrente são conhecidos pela alcunha de neopentecostais. Contam ainda nesse quadro a Internacional da Graça de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus (ambas dissidências da Igreja Universal), além da Renascer em Cristo e da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, entre muitas outras de menor expressão. Essas igrejas marcam uma mudança mais profunda em relação às outras dos dois primeiros grupos e às religiões cristãs em geral. Entre suas principais características, encontram-se a exacerbação da guerra espiritual contra as forças do mal, um investimento nunca visto antes nos meios de comunicação de massa, o uso de técnicas empresariais e de marketing na administração eclesiástica, uma liberalização maior ainda nos costumes, e, relacionado a isso, e talvez a característica mais marcante, a Teologia da Prosperidade. Nota-se a grande diferença em relação aos dois primeiros grupos pentecostais, principalmente em relação ao pentecostalismo clássico. Enquanto neste é dever do cristão suportar a vontade de Deus em relação às dificuldades colocadas por Ele em sua vida, procurando fugir dos prazeres mundanos para desfrutar da felicidade após a morte, com o surgimento do neopentecostalismo é dever de Deus, uma vez o cristão tendo preenchido os requisitos, provê-lo de bens materiais e felicidade em todos os aspectos da existência já nessa

vida terrestre, como um sinal da bênção divina. Para o cristão neopentecostal, só há problemas em qualquer área da vida se não há fé suficiente (SANTOS, 2010).

O neopentecostalismo, de acordo Bittencourt Filho (1994), é herdeiro de uma matriz religiosa brasileira, devendo-se levar em consideração, entretanto, a variedade simbólico-doutrinária. Para ele (1994, p. 24), esta matriz “seria composta pelo catolicismo ibérico e a magia européia trazidos pelos colonizadores; a religião e a magia africana e indígena; e, mais tarde, pelo espiritismo e pelo catolicismo romanizado”. Esta matriz teria uma expressão religiosa própria, a Umbanda, fruto deste sincretismo.

Bittencourt Filho (1994) argumenta que o neopentecostalismo alicerça sua proposta religiosa na tríade cura, exorcismo e prosperidade. Em sua opinião, esta tríade congregaria os fatores sócio-religiosos que respondem às interpretações simbólicas que a população pobre realiza de seus problemas existenciais. A cura através de intervenção religiosa, por exemplo, tem sua importância para a população na medida em que o acesso à saúde é caótico: o serviço público oferece um atendimento deplorável, enquanto o particular é inacessível para a maior parte das classes pobres. Assim, qualquer promessa de cura recebe atenção e esperança.

Com relação ao exorcismo, Mariano (2010) destaca que este dualismo entre o mundo das trevas e o mundo celestial permeia todo o cristianismo e o pentecostalismo clássico. Entretanto, com a ascensão do neopentecostalismo, a luta contra o Diabo passou a se destacar cada vez mais e se torna uma parte crucial da pregação destas igrejas. Para os neopentecostais, argumenta o autor (2010), o que se passa no mundo material tem estreita relação com os resultados de uma guerra travada entre as forças divinas e as forças demoníacas no mundo espiritual, e da qual todas as pessoas, conscientemente ou não, fazem parte. O Diabo está em todos os lugares, e o cristão tem que ser extremamente vigilante e participar ativamente desta luta ao lado das forças de Deus, mediado pela igreja à qual pertence.

A Teologia da Prosperidade é outra forte característica do neopentecostalismo. De acordo com Mariano (2010), ela surgiu da necessidade dos pentecostais poderem usufruir dos bens materiais que conquistaram sem a culpa que outrora recaía sobre uma parte dos cristãos, ensinados a desvalorizar as coisas do mundo e privilegiar a vida espiritual. Para isso, seria necessário substituir as concepções teológicas ascéticas das primeiras gerações pentecostais, reinterpretando ensinamentos e mandamentos da Bíblia para solucionar o problema das demandas imediatistas de resolução de problemas financeiros e desejo de consumo dos fiéis, além de legitimar a vida dos que já usufruíam de um bom padrão de vida. A ideia central da Teologia da Prosperidade é que o mundo é um lugar de felicidade espiritual e material para aqueles que

crêem verdadeiramente em Deus, e foi ela, segundo Mariano (2010), que impulsionou a outrora incipiente tendência de acomodação ao mundo das igrejas pentecostais, no caminho de maior liberalização dos costumes e rompimento com ascetismo do pentecostalismo clássico.

Mariano (1999) aponta que o movimento pentecostal brasileiro tem passado por um processo de maior autonomia em relação às influências norte-americanas, formando sincretismos. Para o autor, estas igrejas têm promovido sucessivas acomodações sociais, além de estarem abandonando as práticas ascéticas e sectárias. Têm igualmente penetrado em novos e anteriormente proibidos espaços sociais, e cada vez menos têm o interesse de representar uma ruptura com a cultura ambiente. Esse rompimento com o ascetismo, com conseqüente valorização do que antes era restrito ao mundo secular, faz parte, de acordo com Machado (1999), de um esforço dos grupos religiosos pentecostais para se adaptar aos processos sociais que atualmente acontecem no Brasil. Dentro do espectro pentecostal, a Igreja Universal do Reino de Deus seria a instituição que leva esta adaptação mais adiante.

De acordo com Mendonça (2008), o crescimento do neopentecostalismo no Brasil poderia ser justamente atribuído a esta atração simbólica que um sagrado mais livre oferece, além da característica popular que permite uma maior imersão no cotidiano das pessoas. Na opinião da autora (2008), estas igrejas não estabelecem uma diferenciação clara entre os mundos religiosos e o secular. Embora este processo de adaptação seja capitaneado pelas igrejas neopentecostais, este fenômeno exerce influência em todas as gerações do pentecostalismo. A autora identifica um crescimento no espaço concedido às mulheres, por exemplo, mas salienta que é uma valorização ambígua: a ampliação da participação feminina não necessariamente ajuda a romper com a hierarquização das relações de gênero presentes no cristianismo.

Essas mudanças neopentecostais em relação aos costumes e à moral, rumo a uma maior liberalização, é de fundamental importância nos estudos sobre religião, pois apontam para possíveis conseqüências inovadoras em vários aspectos, ao menos no campo religioso. O aspecto levado em consideração nesta dissertação, e que será trabalhado e desenvolvido como um problema de pesquisa, é o que diz respeito às relações de gênero. Este é um ponto muito delicado no emaranhado de transformações que têm ocorrido no pentecostalismo brasileiro. Há fortes tensões, porque um dos pilares das práticas pentecostais nas relações de gênero sempre foi a questão da divisão clara de atribuições.

Porém, as mudanças que aconteceram na sociedade brasileira nas últimas décadas entram em confronto com esta perspectiva, e as religiões reagiram a ela. Dessa forma, é importante analisar como a igreja que é a representante maior do neopentecostalismo, e que foi a instituição que levou mais adiante as transformações de adaptação à sociedade, compreende estes novos posicionamentos de homens e mulheres na sociedade. Ambos mudaram, e agora são posicionados de formas diferentes do que eram décadas atrás. Esta pesquisa tentou lançar luz sobre a forma como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) utiliza estes dois repertórios interpretativos que tem à disposição e que foram encontrados na análise: um que celebra as mudanças ocorridas e se adapta a elas, e outro que luta pela permanência das relações de gênero tal como eram compreendidas pelas gerações anteriores do pentecostalismo. A escolha do jornal Folha Universal, um semanário gratuito distribuído nas igrejas e pelas ruas, se deu pela fácil disponibilidade de acesso, por ser um documento público. Como esclarece Mariano (2010), existe uma política instituída na IURD de dificultar o acesso de pesquisadores a pastores e fiéis. Dessa forma, e levando-se em consideração que a pesquisa trata de um assunto delicado e que normalmente gera calorosos debates, o trabalho com jornais não teria o inconveniente de necessitar de um possivelmente difícil relacionamento com membros da igreja. Além disso, o jornal tem a vantagem de funcionar como um porta-voz oficial da igreja, evitando que opiniões pessoais de membros sejam infiltradas como sendo norma da instituição.

O objetivo geral foi analisar as práticas discursivas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus no campo destas relações de gênero. Os objetivos específicos foram: a) Identificar o modo como a instituição compreende as diferenças entre homens e mulheres e os posiciona como tais, além de como expressa discursivamente as atribuições e características de cada um; b) Identificar e analisar pontos onde há mudanças e pontos onde há continuidades, no sentido de adaptação às mudanças da sociedade, ou conservação de valores tradicionais do pentecostalismo, no que diz respeito às relações de gênero.

O capítulo um trata da Igreja Universal. Nele há um pequeno histórico da instituição e suas principais características. No capítulo três foi feita uma delimitação teórica da noção de gênero utilizada neste trabalho, acompanhado de uma pequena abordagem histórica da questão do gênero no cristianismo e uma contextualização de como o neopentecostalismo tem compreendido o assunto. O capítulo quatro conta com a abordagem teórica que alicerça esta dissertação. Aborda os principais conceitos da Psicologia Social Discursiva. O capítulo cinco traz a metodologia utilizada na confecção desta pesquisa. Os capítulos seis e sete são os

capítulos analíticos. No primeiro foram abordadas as práticas discursivas que posicionam homens e mulheres de acordo com o sexo. No capítulo seguinte foram analisados no discurso da igreja alguns pontos de rupturas e permanências em relação ao pentecostalismo das gerações anteriores. Por fim, o capítulo oito apresenta as considerações finais desta pesquisa.

1. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é, sem sombra de dúvidas, a instituição religiosa mais representativa e conhecida da terceira onda do pentecostalismo brasileiro, o chamado “neopentecostalismo”. Para Nunes (2006), é a mais próspera e influente de todas as igrejas evangélicas neopentecostais brasileiras, embora dados recentes apontem para queda no número de fiéis (CAMPOS, 2011). O crescimento da Universal se dá principalmente a partir dos anos 1980. De acordo com Lima (2007), durante os primeiros anos a IURD não despertava nem interesse acadêmico nem interesse por parte da imprensa. Porém, seu crescimento acelerado, seus megaeventos públicos em estádios lotados, seus métodos de arrecadação de dinheiro, sua agressividade contra outras religiões, assim como seus projetos políticos, fizeram com que, no final dos anos 80, a Universal se visse no olho de um furacão midiático, na maioria das vezes com tons extremamente críticos.

Freston (1994) argumenta que as igrejas da terceira onda, da qual a Universal é sua principal representante, adaptaram-se muito bem às mudanças pelas quais o país vinha passando durante o regime militar, entre as quais podemos citar:

O aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão da mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicações de massas que, no final dos anos 70, já alcança quase toda a população; a crise da Igreja Católica e o crescimento da Umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80. (FRESTON, 1994, p. 131)

O autor (1994) relata que a terceira geração de igrejas é de influência marcadamente carioca, fundada por pessoas de nível cultural um pouco mais elevado que as duas anteriores, num contexto de decadência econômica, domínio da máfia do jogo e populismo político. A Universal surge numa cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie*. Ela é, dessa forma, uma igreja mais ligada à cultura das grandes cidades, fazendo um cruzamento entre duas pontes: uma ligada à tradição religiosa do país, como se pode notar em suas influências sincréticas, e outra ligada à cultura urbana do Brasil moderno.

Segundo Freston (1994), a Universal tendeu a crescer mais onde houve influência de religiões afro-brasileiras, onde havia famílias desestruturadas e onde não havia presença forte nem de um catolicismo tradicional nem de igrejas pentecostais mais antigas. O autor (1994) afirma que, embora muitas igrejas não aceitem a IURD como evangélica, e até ela mesma tenha uma estratégia de diferenciação de seus pares, sua pregação é tipicamente pentecostal. Mantém o princípio protestante da autoridade única da Sagrada Escritura, mantém ênfases

típicas do pietismo, mantém uma linguagem caracteristicamente evangélica. Defende também a glossolalia como evidência do batismo no Espírito Santo, embora ela não tenha tanta importância para a teologia da Universal quanto a cura, a guerra contra o demônio e a prosperidade.

Por causa de um histórico de desentendimentos com a mídia e com pesquisadores, a quem acusa de perseguição religiosa, dificilmente membros, pastores ou quem quer que seja ligado à IURD se dispõe de boa vontade a contribuir com pesquisas científicas. Proença (2005) esclarece que não são permitidas filmagens de cultos, nem os pastores têm permissão de divulgar informações sobre a igreja. Todos os envolvidos com ela são incentivados a ver com desconfiança qualquer tipo de aproximação desse tipo, havendo, inclusive, um episódio no qual os questionários de um pesquisador mineiro foram rasgados dentro de uma igreja. Assim, a pesquisa com documentos públicos torna-se mais interessante para se compreender as práticas discursivas da instituição, seja através de suas próprias publicações ou através de entrevistas e reportagens da grande imprensa.

1.1 A História da IURD

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 por antigos membros da Igreja Nova Vida. De acordo com Ricardo Mariano (2010), a Nova Vida é, na classificação do pentecostalismo em três ondas utilizada neste trabalho, pertencente à segunda geração, nomeada de deuteropentecostal. Porém, ela foi formadora de quadros para a terceira geração, gerando os líderes de duas das maiores igrejas neopentecostais do país: a Igreja Internacional da Graça de Deus, representada pela pessoa de Romildo Ribeiro Soares, e a própria Universal, representada pelo seu líder máximo, Edir Macedo. Não é coincidência, então, que ambos sejam cunhados, e tenham iniciado juntos a construção da Universal, culminando, porém, na saída de R. R. Soares poucos anos mais tarde, como veremos a seguir.

Segundo Mariano (2010), a Nova Vida, igreja carioca fundada pelo missionário canadense Walter Robert McAlister em 1960, apresentava em sua teologia um embrião do que viriam a ser as principais características do neopentecostalismo, levadas a cabo com afinco pela IURD: relaxamento do legalismo comportamental, valorização da guerra contra o diabo, e a prosperidade material e espiritual através do pagamento financeiro à igreja (a chamada Teologia da Prosperidade). Porém, a Igreja Universal do Reino de Deus levou essas características muito além, transformando-as no centro de sua teologia.

Alegando falta de apoio para seus métodos evangelísticos, considerados agressivos pela Nova Vida, além de considerá-la elitista demais, Macedo, de acordo com Mariano (2010), decidiu fundar sua própria igreja. E assim o fez em 1975, junto com R. R. Soares, Roberto Augusto Lopes, e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho. Surgia então a Cruzada do Caminho Eterno. Esta associação mal durou dois anos, terminando no desentendimento dos três primeiros com os irmãos Coutinho. Macedo, Soares, e Lopes, então, deixaram a Caminho Eterno e fundaram, em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Desde a fundação até hoje, como se pode ver, a Universal é coerente com as críticas de Macedo à Nova Vida, pois é voltada basicamente para um público pobre e iletrado, além de ter uma estratégia de evangelização bem planejada e extremamente agressiva.

De acordo com Freston (1994), a Igreja Nova Vida serviu de aprendizado para três das igrejas da terceira onda. Além da Igreja Universal e da Internacional da Graça de Deus, saiu de lá também o fundador da Cristo Vive. O autor argumenta que ela atraiu muitas pessoas de classe média baixa, que se utilizaram do treinamento trazido pela igreja para tirar de lá receitas e idéias novas para o pentecostalismo de massas. Robert McAlister saiu em 1960 da Assembléia de Deus na intenção de pregar um pentecostalismo menos baseado no legalismo e mais próximo da renovação carismática. Ele investiu muito em recursos midiáticos, mas não foi capaz de atrair grande número de fiéis, tendo sua importância histórica mais como estágio para futuras lideranças do neopentecostalismo do que pela sua própria igreja. Entre as influências que podem ser vistas na Universal, segundo Freston (1994), há o modelo mais solto culturalmente, menos distante do mundo secular, as lições de como conseguir boas ofertas, e a mensagem sempre positiva para os fiéis, fruto da Teologia da Prosperidade.

O crescimento da Igreja Universal, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1980, foi muito grande, fazendo com que uma igreja que começou numa funerária de uma zona empobrecida do Rio de Janeiro se tornasse, em menos de vinte anos, um mega complexo que envolve, além da atividade religiosa, fortes tentáculos midiáticos, políticos, e empresariais de variadas áreas, como construtoras, fábricas de móveis, agências de viagens, bancos, seguradoras, produtoras, entre outras.

Mariano (2010) afirma que grande parte do sucesso da IURD pode ser atribuído à habilidade de seu maior líder hoje, Edir Macedo. Porém, como vimos, ele não fundou a Igreja sozinho. O que teria acontecido, então, que o catapultou a líder único desse gigantesco império? O autor esclarece que, no início, o líder e principal pregador da IURD era, na verdade, R. R. Soares. Porém, a personalidade de Macedo, carismática, e ao mesmo tempo

centralizadora e autoritária, aliada a uma habilidade empresarial pragmática e dinâmica, logo começaram a se impor junto às lideranças da igreja. Nessa disputa de bastidores pela liderança da instituição Macedo se saiu melhor, e R. R. Soares se desligou oficialmente em 1980, fundando, então, a Igreja Internacional da Graça de Deus, hoje uma das maiores igrejas evangélicas do país (porém, longe ainda de ser tão grande como a Igreja Universal). Restaram do grupo fundador, conseqüentemente, Macedo e Roberto Lopes. Este, porém, após ser eleito deputado federal constituinte com o apoio de Macedo, se desentendeu com ele e voltou para a Igreja Nova Vida em dezembro de 1987, acusando Macedo de se preocupar somente com o lado mercantilista e empresarial da instituição. Macedo se tornou, a partir daí, líder espiritual e administrativo único, não havendo, desde então, sinais de disputas contra ele dentro da igreja, apesar de algumas secessões.

Entre as características que tornam a Universal um caso único de crescimento no Brasil, cita-se bastante a habilidade empresarial de Edir Macedo. Porém, Freston (1994) menciona ainda o conceito arrojado de missão religiosa, de penetração na sociedade. De acordo com o autor, todo o império econômico, político e midiático da igreja é voltado para a missão de defendê-la e prosperá-la. Nesse sentido, argumenta Freston (1994), a Universal começa a se parecer com a Igreja Católica.

Governando a IURD com mãos de ferro, Macedo facilita o controle das decisões e as inovações que desejar: não tem que pedir permissões, fazer votações, nem nada do tipo. O que decidir é acatado sem muitas divergências, pelo menos aparentemente. Isso facilita sobremaneira a administração, já que não há perda de tempo discutindo-se longamente as questões propostas nem demora na execução das ordens. Porém, de acordo com Freston (1994), a liderança de Macedo difere um pouco de outros tipos de liderança religiosa. Ele não é personalista, de modo que a continuidade da IURD não depende de sua pessoa. A Igreja Universal procura de várias maneiras manter o poder sempre nas esferas mais altas, com a última palavra nas mãos de Macedo. Entre essas maneiras pode-se citar o rodízio constante de pastores nas localidades, para que não desenvolvam vínculos que porventura possam provocar a formação de igrejas novas, a padronização dos cultos, e um esquema eclesiástico que não cria laços fortes entre os membros.

De acordo com Freston (1994), Macedo viveu nos Estados Unidos entre os anos de 1986 e 1989. Não há informações confiáveis a respeito das intenções dele com essa experiência americana. Tanto pode ter sido uma tentativa (frustrada, diga-se) de ingressar no mercado hispânico americano, como pode ter sido uma viagem de aprendizagem seletiva das

estratégias americanas de ação religiosa, ou mesmo as duas coisas. É nessa época que a IURD começa a crescer vertiginosamente e ganha grande visibilidade na mídia brasileira, com um certo sentimento de estranhamento por parte da mídia que dá o tom dos noticiários. É a partir de então que também há uma grande diversificação nas atividades da igreja muito além da atuação religiosa, culminando na compra da rede Record em 1989. A forte inserção da IURD no rádio e na televisão mostra a importância que ela dá ao uso da mídia como uma das principais fontes de sua estratégia de conversão

1.2 IURD e seu uso da mídia

Durante esses pouco mais de 34 anos, o crescimento da Universal foi vertiginoso, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1980. Boa parte desse crescimento se deve, sem dúvida, ao uso bastante eficiente dos meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão, e a imprensa escrita. Além de possuir rádios, inúmeros jornais e aumentá-los em número constantemente, a igreja é dona da rede Record, hoje uma das maiores emissoras de televisão do Brasil, e que tem, cada vez mais, ameaçado o domínio da rede Globo na sua outrora absoluta liderança. A Record, embora mantenha alguma programação religiosa, é uma emissora comercial com fins lucrativos. Mendonça (2008) argumenta, porém, que a rede Record, mesmo sendo a ponta mais visível do império comunicativo da IURD, é só uma pequena parte dele. O tamanho do poder midiático da IURD é incalculável, e mostra o poder financeiro que as igrejas pentecostais vêm exponencialmente acumulando e investindo.

Pinto e Ribeiro (2007) associam a expansão da Igreja Universal ao uso intensivo que ela faz da mídia. Há, de acordo com os autores, um esforço da igreja no sentido de adaptação às mudanças pelas quais passa a sociedade, e isso se reflete, como não poderia deixar de ser, nas suas estratégias de evangelização. Dessa forma, a mídia se tornou para a IURD parte crucial de seu crescimento e de seu império empresarial. A própria concorrência com outras igrejas, principalmente as neopentecostais, força a Universal a diversificar e investir em seus métodos de conversão. Nas palavras dos autores (RIBEIRO; PINTO, 2007, p. 9), “desta maneira, ela precisa estar sintonizada com as necessidades e desejos de um público, formando seu próprio mercado, empregando estratégias de marketing e de propaganda que podem ser observadas através de sua teologia, administração e organização”.

A Universal mantém emissoras de televisão com caráter mais evangelizador, mas seu principal meio de comunicação com os fiéis continua sendo o rádio, mais presente dentro dos lares pobres, seu principal público. De acordo com Mariano (2010, p. 69),

A utilidade das rádios para a expansão da igreja é múltipla, crucial. Elas atraem grande número de pessoas por meio de testemunhos e promessas de bênçãos, possibilitam a implantação de novas congregações, divulgam a programação e os eventos da igreja. Contribuem ainda para a sua unidade ministerial, ao transmitirem a “fórmula” (as correntes de oração e os temas de pregação) semanal a ser adotada pelos pastores em todo o país.

Pinto e Ribeiro (2007) salientam que o principal alvo dos programas de rádio da Igreja Universal são as pessoas atormentadas por problemas, e que procuram maneiras de tornar a vida mais fácil de alguma forma. Por isso os depoimentos sobre milagres, mudanças para melhor e o recebimento de bênçãos são parte essencial da programação.

Sem exagero, pode-se afirmar que a IURD é dona de um verdadeiro império das telecomunicações no Brasil. De acordo com Siqueira (2006), a evangelização na mídia é uma parte essencial da Universal. A autora argumenta que aquele que quer ter voz ativa e conquistar público no mercado da cultura não pode se confiar somente no diálogo racional, precisando também jogar com as regras do “novo jogo”, que valoriza crescentemente a imposição de pontos de vista, seja através da política, seja através de uma presença cada vez maior na mídia. Segundo Pinto e Ribeiro (2007), na luta pela conquista de um público cada vez mais heterogêneo, a Universal utiliza uma estratégia de marketing que busca se infiltrar na mídia em suas mais diversas formas: televisão, rádio, jornal, e até mesmo na internet, como se pode constatar pelo blog mantido pelo líder máximo da instituição, Edir Macedo, no qual ele posta mensagens e responde às perguntas de seus fiéis⁴.

Para Mendonça (2008), o uso da imprensa por parte da IURD tem como uma de suas principais funções maximizar sua capacidade simbólica, ampliar numa escala muito grande o poder de agregar pessoas, criar laços sociais, além de vincular interesses e orientar ações coletivas. A mídia e toda a sua tecnologia, segundo o autor, associados à massificação de seus meios, dão um suporte que permite uma circulação veloz e eficiente às suas mensagens, aumentando de forma exponencial sua visibilidade.

Proença (2005), referindo-se ao jornal Folha Universal, destaca que é necessário, assim, observar o papel que a mídia exerce nas práticas e representações dos fiéis da Igreja Universal, além da forma como eles se apropriam e interagem com as mensagens. Como

⁴ Pode ser acessado através do endereço eletrônico <http://www.bispomacedo.com.br/>

esclarece o autor, o conteúdo da página de um jornal só ganha sentido a partir do momento em que ocorre a interpretação. Isso faz com que o leitor e sua configuração cultural ganhem um papel de destaque. A leitura não é uma atividade passiva, de modo que o sujeito produz uma compreensão nova a cada leitura que faz, interpretando a mensagem transmitida pela mídia iurdiana a partir dos repertórios interpretativos disponíveis em seu mundo cultural. Ressaltando o papel do leitor na construção da interpretação, Proença (2005) observa que as representações do mundo são construídas sempre a partir dos interesses dos grupos que as fabricam, mas a mídia iurdiana, por mais que tente manter sob controle o tipo de subjetividade que tenta construir, não pode escapar de contestações e interpretações divergentes.

Proença (2005) acrescenta, por outro lado, que o próprio formato material da mídia interfere no que ela vai produzir de subjetividade. Um texto escrito num papel de jornal poderia gerar relações diferentes se estivesse sendo lido no rádio ou na televisão. Nesse sentido, é importante destacar que o sujeito, por mais que exerça um papel ativo na interpretação do que é vinculado na mídia, também sofre influência dela. Nas palavras de Darnton (1992 apud PROENÇA, 2005, p. 7):

Mas os textos moldam a recepção dos leitores por mais ativos que possam ser (...) criam um arcabouço e dão um papel ao leitor ao qual ele não pode se esquivar. (...) A história da leitura terá de levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto. A tensão entre essas tendências existe sempre que as pessoas estão diante de livros (...)

Esta função coerciva do texto escrito é particularmente destacada por Bovkalovski (2005). A autora escreve que as publicações da Igreja Universal, como a Folha Universal, fazem uma releitura das normatizações bíblicas. Sua proposta seria incluir o fiel na sociedade, de forma que os assuntos seculares trabalhados na publicação, como moda, trabalho, negócios, amor, culinária, etc., tem a intenção de formar o leitor holisticamente. E esta formação é de fundamental importância para a igreja: pesquisa relatada pela autora sugere que os fiéis da Igreja Universal lêem pouco a Bíblia, pois o pastor faria este trabalho por eles. Por outro lado, grande parte lê publicações da própria igreja. Bovkalovski (2005) escreve que esta produção tem forte relação com o processo de institucionalização e solidificação da igreja, ao proporcionar autonomia e flexibilidade para que a instituição fizesse o processo de adaptação às mudanças da sociedade urbana que efetivou durante sua constituição, em contraste com o sectarismo do pentecostalismo clássico.

A autora (2005) crê que o investimento na imprensa escrita efetuado pela IURD faça parte de um esforço para criar um *habitus* em seus leitores. Para Bovkalovski (2005), a

compreensão deste poder que o discurso tem sobre as pessoas motivou a igreja a iniciar a atuação na imprensa escrita com apenas três anos de fundação. Ela escreve que a igreja busca, através desta atuação, capacitar o fiel a estabelecer novas relações com os mais diversos setores da sociedade, ressignificando espaços anteriormente barrados a pentecostais, como a vaidade estética e os espaços de poder ocupados pelas mulheres, entre outros rompimentos com as igrejas antecessoras da IURD.

Assim, a mídia é um dos aliados mais importantes na conquista de espaço por parte dos evangélicos neopentecostais, com destaque para a Universal. Mais do que uma mercadoria ou um meio de comunicação, a mídia é, de acordo com Fonseca (2003) apud Siqueira (2006), um local de constituição e construção de identidades, um espaço para a configuração de comunidades. Para além de sua importância econômica e política, a mídia neopentecostal cria identidades culturais e funciona como um fator central na constituição de pessoas e bens simbólicos. Isso se dá principalmente quando se considera a importância da mídia na sociedade contemporânea. Como argumenta Siqueira (2006), a realidade não está dada, ela é produzida e performaticamente interpretada o tempo inteiro. A mídia assume um papel central nessa produção, visto que estamos cada vez mais conectados a ela, seja pelos jornais, pela televisão, pelo rádio ou pela internet, só para citar os meios mais abrangentes.

Em consonância com a consideração dos interesses da instituição na construção dos fatos por ela veiculados, Sant'Anna (2006) traz uma grande contribuição ao falar sobre a mídia das fontes. De acordo com sua definição, a mídia das fontes são

Meios mantidos por atores sociais até então considerados apenas como fonte de informação. Jornais de grande circulação, emissoras de rádios, TV, ou mesmo programas especiais, são disponibilizados à sociedade por corporações, organizações não governamentais e mesmo por movimentos sociais, influenciando o conteúdo da agenda apresentada à opinião pública. (SANT'ANNA, 2006, p. 2)

Sant'Anna (2006) argumenta que organizações como a IURD, que detém grande poder midiático, atuam de forma parecida às entidades representativas e grupos de interesse, cujo objetivo é interferir na esfera pública através de sua visibilidade, porque, segundo o autor, para conseguir tal objetivo neste período de pós-modernidade é necessário estar inserido na agenda midiática. A mídia iurdiana rompe de vez com uma visão de certa forma ingênua, mas que ainda encontra alguns porta-vozes importantes, visão esta que compreende a imprensa como um expectador externo aos fatos, e cujo objetivo é relatá-los imparcialmente. Como ser imparcial sendo, simultaneamente, dono do jornal e o assunto tratado por ele? As informações veiculadas pela mídia da IURD são selecionadas, editadas, tratadas, filtradas e difundidas de

acordo com os interesses da igreja, e isso fica bastante claro mesmo numa leitura rápida do jornal Folha Universal ou ao se assistir os programas da Rede Record de televisão. Por isso, o autor (2006) trata como sinônimos os termos mídia das fontes e mídia corporativa. O objetivo é, assim, difundir a perspectiva da igreja, interferir na moldagem da esfera pública, ou, como diz o autor, fazer um jornalismo de influência. Sendo uma igreja extremamente criticada pela imprensa secular, faz todo sentido que Edir Macedo invista pesado numa maneira de garantir que seu ponto de vista seja ouvido pela população sem intermediários.

Não que esse uso da mídia com fins proselitistas seja novo. Mas, como afirma Siqueira (2006, p. 17),

Nos toca refletir sobre o movimento mais recente de mediatização (...). Refiro-me às teias, ou à rede que vem sendo costurada entre mídia e religião, ou vice-versa. Esse movimento incita diferentes atores sociais, com destaque para os evangélicos, e entre eles os neopentecostais, a buscarem o controle de canais e de espaços na mídia.

A autora (2006) afirma que o uso da mídia pelo neopentecostalismo brasileiro tem mais relação com a percepção de suas potencialidades de atrair novos fieis por parte dos seus líderes do que com algum tipo de cópia de modelos americanos. Santos (2010) destaca que a IURD, a partir do uso que faz da mídia, consegue atrair para seus templos não só novos fieis antes distantes da religião, mas consegue também atrair membros de outras igrejas evangélicas mais tradicionais, que fazem o caminho do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo.

Além das intenções proselitistas, a mídia da Igreja Universal como um todo oferece entretenimento, informação, serviços religiosos para membros e não membros, e de acordo com Siqueira (2006), cria uma cultura evangélica. Há, nesse mercado midiático da Universal, uma interseção entre religião e consumo, de forma que a igreja assumiu a mídia como um espaço de propaganda e venda. Esta constatação é compatível com a administração empresarial da IURD.

Mendonça (2008) acrescenta ainda que o emprego da mídia é mais um passo na modernização das ferramentas de divulgação dos conteúdos religiosos e sua adequação à cultura de mercado. Existe, segundo o autor, um contexto social em que a mídia marca as transformações ocorridas no pensamento, no comportamento, e nas atividades pessoais e coletivas dos grupos sociais. Dessa forma, o estudo do que diz essa imprensa, do modo como ela compreende determinados assuntos, se torna importante, na medida em que essa atividade ajuda a construir subjetividades. Existe um processo de mediatização de nossa sociedade, no

qual avança uma hegemonia de uma determinada cultura fabricada pelas instituições religiosas (e nisso a IURD consegue ser bastante competente) e que tem grande impacto na vida cotidiana das pessoas, já que, nas palavras de Mendonça (2008, p. 227), “as mídias têm capacidade de fornecer informações políticas e culturais, de representar emoções e idéias e de produzir necessidades de consumo e entretenimento”. Santos (2010) argumenta, no mesmo sentido, que a mídia é capaz de moldar estruturas sociais, porque reinterpreta valores e normas de acordo com seus interesses. Citando Harold Innis, teórico da comunicação, ela diz (2009, p. 10) que “o caráter da mídia de uma sociedade exerce uma forte influência sobre a organização dessa sociedade”. A mídia tem, dessa forma, um papel fundamental no desenvolvimento das instituições modernas. A autora afirma ainda que a imprensa não é somente um meio de registro de informações, mas se torna um meio de criação da realidade, porque controla aquilo que será veiculado, omitindo e acrescentando conteúdo de acordo com seus interesses, o que constitui, de certa forma, uma construção da realidade.

Nesse sentido, o jornal Folha Universal, por mais que tenha inúmeras páginas semanais com reportagens num estilo mais secular, não pode deixar de ser visto como um porta-voz do pensamento da igreja e um instrumento de propaganda. Como salientam Pinto e Ribeiro (2007), as manchetes são sempre voltadas a explicar os fatos do ponto de vista da teologia iurdiana.

Mesmo assim, essa nova realidade não deixa de estar sujeita às críticas e ressignificações efetuadas pelo público, seja através da leitura solitária acompanhada de reflexão, seja através de debates, conversas e confrontações. A pesquisa científica realizada a partir da análise da mídia ganha importância na compreensão de nosso tempo presente na medida em que estuda os acontecimentos enquanto eles se fazem. Ao se pesquisar o modo como a Universal compreende determinados assuntos a partir de sua imprensa, estamos estudando um veículo que atinge milhões de pessoas e que ajuda a construir modos de se relacionar e modos de compreender o mundo. Como diz Proença (2005), no estudo da mídia as fontes e os documentos se fazem ao mesmo tempo que o trabalho do pesquisador.

1.3 Alguns aspectos sobre a prática religiosa da IURD

De acordo com Mariano (2010), os cultos da Universal são muito simples, sem roteiro pré-estabelecido, embora sejam repletos de simbolismos e cheios de manifestações do sobrenatural. O autor afirma que a IURD estabeleceu um sistema de magia muito bem

organizado, institucionalizando deliberadamente uma série de práticas e crenças mágico-religiosas com a intenção de funcionar como um intermediador junto ao divino na resolução dos problemas terrenos daqueles que a procuram. Para Pinto e Ribeiro (2007), entre as principais características da Igreja Universal, está exatamente o fato de ela se colocar como uma instituição que soluciona os problemas dos fiéis, sejam eles sociais, financeiros, físicos ou emocionais. Essa mediação proposta pela igreja se mostra principalmente na programação semanal de cultos e reuniões, que são voltadas quase sempre para a resolução de um tipo de problema em particular. Funcionando como uma empresa, administrada como uma empresa, a Universal vende produtos simbólicos, como paz de espírito, saúde, prosperidade financeira, ou amor.

Para Proença (2005), os cultos da Universal chamam atenção pelas imagens e pela estética dos rituais desenvolvidos nos cultos. Há, segundo o autor, um rico universo mítico, fortemente influenciado pela religiosidade popular brasileira, que quebra com a pobreza simbólica das outras gerações de igrejas pentecostais. Existe grande riqueza simbólica também na ornamentação, como na organização dos objetos dispostos no palco, o que demonstra a importância que ícones e objetos simbólicos têm para a IURD.

De acordo com Mariano (2010), o pastor comanda com mãos de ferro a direção dos cultos, dividindo muito pouco as atividades com outras pessoas, embora conte com a ajuda importante e voluntária dos obreiros, trabalhadores que são cooptados entre os fiéis mais entusiasmados com a igreja. Nas palavras do autor (2010, p. 58),

Deles se exige apenas dedicação e a posse do dom de línguas. Seu trabalho é fundamental para dar conta das inúmeras tarefas cotidianas requeridas por uma denominação que possui três mil templos, realiza quatro cultos diários e abre suas portas diariamente do início da manhã ao fim da noite.

As suas principais características teológicas fazem com que ela se torne, de acordo com Mariano (2010), uma espécie de pronto-socorro espiritual, prometendo a resolução de todos os males terrenos e espirituais dos fiéis que se dispõem a se entregar de corpo e alma às exigências da igreja. Lima (2007) esclarece que seu principal público é a camada mais pobre da população. A média salarial e de escolaridade dos seus membros é mais baixa que a média brasileira, que, por si só, já é considerada bem baixa. Os fiéis concentram-se principalmente nas zonas urbanas, e a maioria não tem acesso ao mercado formal de trabalho nem a serviços de saúde e educação. A atração que a Igreja Universal exerce teria origem no anseio de que se acabem as aflições cotidianas dos grandes centros urbanos empobrecidos, com especial ênfase

na ascensão social. Nesse sentido, a Teologia da Prosperidade faz um papel importantíssimo nessa ideologia de valorização da riqueza que é bem exacerbada na IURD. O sucesso da igreja seria, assim, de acordo com a autora, resultado tanto do crescimento da ideologia neoliberal dentro da sociedade brasileira quanto da perda de confiança nos instrumentos racionais de intervenção política.

De acordo com informações trazidas por Mariano (2010), existem dois tipos de pastores na Universal: os nomeados e os titulares. Os primeiros fazem as funções de pastores auxiliares, e são, em média, extremamente jovens. Não têm direito a fazer todas as atividades que cabem a um pastor titular, e para subir na hierarquia e se tornarem titulares, precisam ser casados, ter a vocação ministerial comprovada pelo Espírito Santo e, acima de tudo, ser grandes arrecadadores de dízimos e ofertas, sinal da bênção de Deus. Essa habilidade, inclusive, determina promoções e regalias aos mais bem sucedidos. A formação intelectual dos pastores é rala ou inexistente. Mariano (2010) afirma que já houve tentativas de se instituir uma faculdade de Teologia pertencente à Igreja Universal, mas percebeu-se que isso fazia com que os pastores perdessem o fervor da fé e se distanciassem das demandas imediatas dos fiéis. Em vez disso, há um pequeno curso, não obrigatório, voltado ao aprendizado de questões práticas do pastorado. De acordo com Pierucci e Prandi (1996) apud Nunes (2006), a habilidade mais incentivada nos pastores da IURD não é o desenvolvimento intelectual, e sim demonstrar boa capacidade de atrair público e conseguir boa arrecadação. Um bom pastor é aquele que consegue trazer boas ofertas, num modelo de igreja que é, segundo os autores, estruturada como um negócio e administrada empresarialmente por Edir Macedo.

Em relação à organização do governo da igreja, a liderança de Edir Macedo, o bispo primaz, é inegável. Segundo Mariano (2010), a estrutura de poder da Universal é vertical e despótica. A instância superior na hierarquia é o Conselho Mundial de Bispos, seguida pelo Conselho de Bispos do Brasil e, na base, o Conselho de Pastores. O que acontece na prática é que ninguém tem autonomia e liberdade de decisão sem as ordens de Macedo, que, segundo relatos, odeia delegar poderes.

Com aqueles que chegam aos seus templos, a Universal não é muito exigente em matéria de rigores morais. Todo tipo de gente é bem recebida, seja de que origem for, pois, ao se libertarem do mal por intermédio da igreja, haverá sempre a esperança de mudança. E para isso, segundo Mariano (2010), não existem muitos mistérios: o reino dos céus está à disposição de todos aqueles que quiserem aqui nesta vida mesmo, através da aceitação de

Cristo, da fidelidade nos dízimos e generosidade nas ofertas, na declaração verbal de já ter recebido as promessas bíblicas, e da fé fervorosa no Deus que tudo pode fazer por aqueles que assim queiram.

1.4 Gênero, família e comportamento

Em relação às questões de gênero e sexualidade, a Universal apresenta uma mistura de rupturas e repetições quando se compara com as igrejas cristãs mais tradicionais. Ela faz, por exemplo, uma campanha antinatalista que contrasta fortemente com a Igreja Católica, chegando, inclusive, a defender a descriminalização e legalização do aborto⁵, algo quase inimaginável dentro do contexto cristão do Brasil. Por outro lado, o lugar feminino na sociedade e em casa é ainda colocado hierarquicamente sob as ordens de um homem. Cabe à mulher ser uma boa mãe e esposa obediente e submissa ao marido, mesmo que ainda haja espaço, como veremos, para ocupação de outros territórios pela mulher, dentro de certos limites.

A respeito das mudanças na ética comportamental, a Igreja Universal é diferente de suas colegas mais tradicionais em vários aspectos. Segundo Freston (1994), a IURD é muito liberal em matérias como vestuário, embelezamento feminino, etc. Além disso, não existem controles disciplinares, o que faz com que ela atraia um público extremamente diverso. Essa falta de controle disciplinar, entretanto, é seletiva. Quanto mais baixo na hierarquia, menos exigência comportamental. Dessa forma, um obreiro já é mais cobrado que um simples membro, enquanto o pastor tem que ter mais cuidados ainda que o primeiro. Porém, tudo sem normas. De acordo com o autor (1994, p. 138), “há uma ideologia da interioridade como a única base para a vida transformada, em contraste com o que se considera o legalismo de outras igrejas”. Claro que se exige dos membros que abandonem as drogas, a homossexualidade, a promiscuidade, etc., mas sem que a reincidência termine em exclusão ou punições disciplinares. Ela é uma combinação de igreja pentecostal com uma agência de cura divina, pois alia a demanda espiritual por salvação das primeiras com o atendimento das demandas particularistas da segunda, mesmo que quem procure não seja membro. Ou seja, ela oferece serviços religiosos a todos os interessados, independente de suas origens e de seu comportamento, sendo assim uma igreja muito pouco sectária.

⁵ Em seus escritos, a IURD utiliza os termos “descriminalização” e “legalização” indistintamente. Não há clareza em relação à sua posição, e dessa forma este trabalho utiliza os dois termos.

Segundo Pinto e Ribeiro (2007), o assunto “família” é o mais discutido pela mídia iurdiana, com temáticas voltadas principalmente para o casamento, embora haja um movimento de diversificação de público. De acordo com os autores, a família é representada na imprensa da Igreja Universal quase sempre nos padrões tradicionais hierárquicos, nos quais a mulher deve ser obediente e submissa ao homem, assim como as crianças. O núcleo familiar, de acordo com Bovkalovski (2005), é interpretado pela IURD como a célula que forma no indivíduo uma conduta ética, e tem grande destaque nas publicações da igreja.

A autora (2005) escreve que, após um período inicial de consolidação nos anos 1980, a Universal voltou sua atenção para o tema da estrutura familiar. A abordagem da igreja é visivelmente de valorização da organização familiar e o fortalecimento das relações entre pais e filhos. É um esforço feito justamente num período de contestação dos modelos tradicionais de família, e, embora a instituição muitas vezes embarque nestes questionamentos (como no caso da defesa do direito ao aborto), seu modelo para os lugares de marido, esposa e filhos é, ainda assim, bastante ligado às primeiras gerações do pentecostalismo. O homem é detentor de autoridade dentro e fora de casa, e a mulher tem como principal função ser mãe e esposa, embora possa ocupar outros espaços secundariamente.

Bovkalovski (2005) destaca que o relacionamento sexual é frequentemente abordado pela imprensa escrita da IURD, e, neste sentido, a igreja apresenta uma postura mais liberal em relação à mulher. Neste momento ela não precisa nem deve ser submissa, embora o casal precise manter algum decoro. A vida sexual intensa dentro do casamento é incentivada como algo normal, da qual o cristão não deve se envergonhar. O prazer sexual no matrimônio nada tem a ver com pecado ou tentação: é algo que deve ser cultivado pelo bem-estar do casamento.

Essa valorização da sexualidade, embora restrita, tem relação com uma das maiores características do neopentecostalismo e da IURD em particular: a liberalização dos usos e costumes. Mariano (2010) escreve que os neopentecostais rompem com as gerações anteriores neste quesito ao se adaptarem fortemente às mudanças estéticas e comportamentais pelas quais a sociedade passou, recusando-se a continuar o sectarismo e ascetismo presentes nas primeiras igrejas pentecostais. O autor argumenta que, embora o deuterpentecostalismo já trouxesse o início de uma mudança, foi somente a partir do neopentecostalismo, sob liderança da Igreja Universal, que houve realmente um rompimento nítido. Para ele, os neopentecostais, em matéria de sexualidade, são mais permissivos e avançados que seus antecessores, embora esta sexualidade seja restrita ao casamento heterossexual monogâmico. Mariano (2010)

chama a atenção também para a liberalização com a qual a Universal trata do planejamento familiar, bastante incentivado entre fiéis e pastores, o que traz conseqüências práticas: pesquisa trazida pelo autor mostra que as famílias frequentadoras da Igreja Universal apresentam taxas de natalidade inferiores às médias de outras denominações. Como se vê, mesmo que critiquem a sociedade moderna e suas mudanças, os pentecostais, e mais intensamente ainda, os neopentecostais, reforçam certos valores dela, como o hedonismo, o individualismo, e uma reorganização das relações de gênero. Este individualismo romperia com a visão tradicional e patriarcal, porque coloca a responsabilidade sobre a própria vida nos ombros da mulher, aumentando de certa forma a igualdade.

A Igreja Universal se mostra mais liberal igualmente nas vestes e nos hábitos dos fiéis. Se antes o pentecostalismo era conhecido pela rigidez das formas de se vestir e de lazer de seus membros, com o surgimento do neopentecostalismo este legalismo implode. Quase não existem mais espaços proibidos a um evangélico (pelo menos a um neopentecostal), de modo que até mesmo uma ida ao motel com a esposa é enfaticamente permitida, e o legalismo é criticado abertamente: na Igreja Universal, é proibido proibir (MACEDO, 2010). Ou seja, não há mais o sectarismo anteriormente dominante: o crente da Universal não se separa mais tão fortemente do mundo em comparação a um pentecostal clássico. As mulheres são incentivadas a usar roupas que valorizem as formas do corpo, que mostrem um corpo sensual e vestido para seduzir, como fica evidente na leitura da seção “Olhar Feminino” da Folha Universal, voltada para a estética feminina, e na fala de Machado (1996), que destaca o cuidado com o corpo e formas de lazer como praia, academia de ginástica e banhos de piscina entre membros da igreja.

Machado (1996) afirma, nesse sentido, que num continuum pentecostal da igreja mais liberal para a mais rígida, a Igreja Universal seria a representante da primeira característica, enquanto a Assembléia de Deus seria a melhor representante do segundo pólo. De acordo com a autora, o aspecto moralista raramente aparece no discurso iurdiano, e quando o faz, é usualmente discreto. A função do pastor não é vigiar seus fiéis, mas ajudá-los na superação da presença do demônio em suas vidas.

Porém, há ainda restrições a se obedecer: deve-se evitar o consumo de drogas, de álcool, tabaco e o sexo fora do casamento, por exemplo, no que ela se aproxima do pentecostalismo clássico. Mariano (2010) destaca que, embora procure se mostrar mais liberal em matéria de usos e costumes de santidade, ainda há marcas de sectarismo, que, entretanto, tem perdido cada vez mais espaço e importância. Para o autor, esta abertura ao mundo traz

novas possibilidades de participação social, como a militância política, e a conquista e exercício de cidadania pelos fiéis.

1.5 A Igreja Universal e seu braço político

A Igreja Universal do Reino de Deus mantém, também, intensa participação na vida política do país, controlando, inclusive, um partido político importante, que teve, durante os oito anos do governo Lula, a cadeira da vice-presidência da República. No governo Dilma Rousseff a Igreja Universal mantém grande prestígio, tendo Edir Macedo participado da posse da presidente⁶. Além disso, o Ministério da Pesca é atualmente (março de 2012) ocupado por Marcelo Crivella, bispo licenciado da Universal e sobrinho de Macedo⁷. Embora mantenha um partido, o PRB, e seja acusada de tentar unificar todos os políticos evangélicos nele, prevalece ainda o pluripartidarismo (NUNES, 2006). A IURD lança, através de vários partidos de todo o espectro político, candidatos próprios, para os quais faz forte campanha. Alega, de acordo com Freston (1994) e Nunes (2006), para justificar essa inserção na política, a defesa de seus interesses, o que combina bem com sua fama meticulosamente construída de ser uma igreja perseguida pelas forças maléficas deste país. Não é, então, por razões outras que não o corporativismo evangélico. Nunes (2006), porém, ao analisar o jornal Folha Universal, encontrou também justificativas baseadas na suposta maior honestidade de políticos evangélicos, de forma que a corrupção espalhada em todas as esferas do mundo político seria uma justificativa para se votar em candidatos cristãos evangélicos.

De acordo com Freston (1994), a Igreja Universal se utiliza de uma grande bancada política para garantir seus interesses, como um respaldo e uma garantia para suas ações. O autor afirma que a IURD mantém uma disciplina eleitoral exemplar, contando com cabos eleitorais poderosos, intensa mobilização política entre os fiéis e uma organização de dar inveja aos maiores partidos políticos do país, o que, de acordo com Nunes (2006), a torna a igreja mais bem sucedida no campo político. Não há, efetivamente, separação entre as esferas religiosa e a política. Para a IURD não é só aceitável, mas sim necessário manter uma bancada evangélica a maior possível no congresso para defender seus interesses, e essa defesa é abertamente usada como justificativa na campanha pela eleição de representantes da igreja.

⁶ Para mais informações, acessar <<http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/veja-acompanha-cerimonia-de-posse/edir-macedo-tambem-foi-convidado-ao-planalto/>>

⁷ Mais informações no endereço eletrônico <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/marcelo-crivella-toma-posse-do-ministerio-da-pesca/n1597661161189.html>>

Nunes (2006) associa o crescimento espantoso da bancada evangélica ao expansionismo pentecostal na sociedade como um todo. Para ele, à medida que o pentecostalismo se torna um fenômeno cada vez mais entranhado na sociedade brasileira, a cidade antes profana vai sendo invadida pelo sobrenatural. Assim, todas as esferas sociais são disputadas pelas igrejas, como a cultura, a economia, e, como não poderia deixar de ser, a política, talvez a que receba mais atenção.

Na opinião de Freston (1994), com a intenção de maximizar os votos, e além disso, conquistar novos fiéis, é interessante para a igreja cultivar uma imagem de perseguida pelas forças do mal, representadas pelos inimigos terrenos dela, criando assim um espírito solidário e uma necessidade de defesa. A IURD, de acordo com o autor, não conta só com a presença política de seus próprios representantes, mas tem também aliados políticos de outras denominações e fora mesmo da bancada evangélica, em todas as esferas do governo.

Embora no começo a IURD se encontrasse majoritariamente no campo político da direita, nos últimos anos ela se aliou também a partidos esquerdistas. Apoiava, segundo Freston (1994), candidaturas conservadoras, como Collor e Maluf, por medo de que um governo esquerdista ameaçasse seu império. Porém, houve uma virada nos últimos anos, surgindo na política brasileira uma aliança entre a Igreja Universal e o governo petista na esfera federal. Nas eleições presidenciais de 2010, por exemplo, Macedo declarou abertamente apoio à candidatura de Dilma Rousseff, participou ativamente da campanha, e seus representantes ocupam cargos de grande importância nos governos Lula e Dilma.

1.6 A teologia da Igreja Universal do Reino de Deus

Em sua teologia a Igreja Universal é bastante sincrética. Apresenta, de acordo com Freston (1994), diversas características trazidas do catolicismo popular, como uma adaptação das novenas, rebatizadas de correntes, o farto uso de símbolos que se utilizam de todos os sentidos dos fiéis como um incentivo à fé, em contraste com a primazia da palavra no pentecostalismo, e sessões de incorporação vindas das religiões afro-brasileiras (nesse ponto é importante lembrar que o próprio Macedo teve passagem pela Umbanda na juventude). Com relação a essa última, é parte essencial da teologia da Universal. Para o autor (1994), a primeira onda pentecostal no Brasil deu grande ênfase ao batismo no Espírito Santo certificado pelo dom de línguas. A segunda onda deu mais importância à cura. A terceira

onda, de onde se origina a Universal, dá maior importância à libertação da possessão maligna através do exorcismo, numa clara referência aos cultos mediúnicos.

De fato, Almeida (2006) chega a argumentar que a IURD se constituiu e se expandiu através da negação e assimilação do universo simbólico das religiões afro-brasileiras. Esse movimento, de acordo com autor, se deu através da conversão de sentidos operada pela figura do diabo. Nas palavras de Almeida (2006, p. 113):

Trata-se de uma espécie de “sincretismo às avessas” que opera na lógica dos binômios negação/assimilação e inversão/continuidade. No primeiro, a Igreja Universal combate as outras religiões ao mesmo tempo que assimila suas formas de apresentação. No segundo, trata as outras religiões como falsidade ao mesmo tempo que atesta sua existência sobrenatural. Em suma, alimenta-se daquilo com que está em confronto e ao mesmo tempo é reconhecida pelo próprio meio religioso como evangélica.

Como salienta o autor, é uma reinvenção da religiosidade evangélica que, apesar de ser apresentada como rígida e tradicional, mostra-se na verdade bastante fluida. Uma das causas do sucesso evangélico na conquista de novos fiéis seria justamente esse paradoxo entre negar e assimilar a religiosidade popular brasileira.

Não deixa de ser irônico, portanto, que ela critique com tanta veemência estas duas tradições, visto que, na prática, as ressignifica e usa para si com bastante habilidade. Segundo Mariano (2010), ela rompe com a tradição da Reforma Protestante, já que se utiliza de vários tipos de mediações materiais e humanas entre Deus e os homens, construindo um sincretismo entre a religiosidade popular brasileira e o pentecostalismo. É como se a Igreja Universal tivesse se apossado de um universo simbólico anterior à sua existência, profundamente arraigado na cultura brasileira, mas transformado em seu benefício, na chamada guerra espiritual contra o demônio. Esta guerra contra o demônio faz parte do tripé que sustenta a IURD, junto com a Teologia da Prosperidade e a liberalização dos usos e costumes.

De acordo com Proença (2005), a IURD se inscreve profundamente na cultura brasileira, apóia-se nos signos e na simbologia dos objetos, e a partir disso descobriu uma maneira de puxar os fios invisíveis da memória de nossa população. Esses símbolos sagrados funcionam como um sintetizador do ethos e da visão de mundo dos brasileiros (GEERTZ, 1978 apud PROENÇA, 2005).

Essa característica da Universal é explicada por Freston (1994) como consequência da realidade social dos anos 80, havendo uma relação entre instabilidade social e aumento na incidência de medo dos poderes do mal. Além disso, há também a percepção por parte da cúpula da Universal de que a concorrente direta da igreja não é o catolicismo decadente, e sim

a Umbanda. Assim, a visão de mundo dessa religião é basicamente mantida na IURD, embora seja vista como oriunda do demônio. O demônio, em vez de ser mantido à distância, em vez de ser temido, como nas outras igrejas, é enfrentado, ridicularizado. O pastor conversa com ele, faz chacota, dá ordens. Sob a batuta do pastor que fala em nome de Jesus, o demônio nada pode fazer a não ser se curvar.

Mariano (2010) afirma que a guerra contra o demônio é antiga dentro do cristianismo. Porém, com o neopentecostalismo há uma verdadeira exacerbação desta batalha, tornando-se um dos pilares da teologia da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta guerra é fruto da crença de que o que se passa no mundo material decorre de uma guerra acirrada travada entre as forças divinas e as forças demoníacas. Para a IURD, mesmo que não percebam, os seres humanos participam ativamente destas batalhas, em ambos os lados. De acordo com o autor (2010, p. 113), os membros da Igreja Universal “voluntariamente engajados no lado divino, crêem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal”. Os neopentecostais enxergam a presença demoníaca em todos os lugares, como parte de uma batalha gigante entre Deus e o demônio, e este último pode ser invocado a qualquer momento nos cultos, através da incorporação mediúnica em pessoas possesas, as quais são exorcizadas em sessões barulhentas.

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das maiores representantes no Brasil da Teologia da Prosperidade, idéia de origem americana (health and wealth gospel). É, de acordo com Freston (1994), uma etapa avançada na secularização e declínio da ética protestante. O autor afirma que a plausibilidade da Teologia da Prosperidade nos extratos mais pobres da população é facilitada pelas poucas expectativas da religiosidade popular. As pessoas não buscam a cura das doenças em geral, mas de uma doença específica. Querem melhorar de vida, e alguma melhora, por pouca que seja, já é suficiente para se creditar à ação divina. A atitude dos brasileiros em relação à pobreza mudou. Se antes, sob o domínio católico, ela era vista com um sentido religioso de redenção pelo sofrimento, hoje ela é compreendida como uma privação da qual se deve fugir. O que a Teologia da Prosperidade traz é a perspectiva de que as privações da vida são todas obra do demônio, e aquele que tem fé e segue as recomendações dos pastores da Universal consegue efetivamente mudar de vida.

Se o pentecostalismo clássico propõe a felicidade no Paraíso, a Teologia da Prosperidade afirma que Deus quer que seus filhos sejam felizes aqui e agora, inclusive materialmente. Bovkalovski (2005) escreve que a sociedade de consumo não sustenta o desejo de posse de todos os seus membros por razões econômicas e sociais do capitalismo. Porém,

de acordo com a autora, a Teologia da Prosperidade da IURD explica esta exclusão a partir da suposta ação do demônio: não considera a divisão da sociedade em classes sociais e as desigualdades provenientes do nosso sistema econômico. A imprensa escrita da igreja, assim, elabora modelos de conduta que pretendem estimular novos hábitos e idéias nos fiéis, incentivando-os a buscar novos meios de vida, a partir de valores ligados ao meio empresarial.

Os cultos da Igreja Universal são repletos de mensagens baseadas na Teologia da Prosperidade. Ligado a isso, a questão dos dízimos e das ofertas se torna central. De acordo com Nunes (2006), há grande ênfase, nos cultos, na importância de o fiel ser dizimista, sob o argumento principal de que Deus dará proporcionalmente àquele que fizer sacrifícios de fé. E quando se usa o termo “sacrifício”, não é mera figura de linguagem: os fiéis são incentivados a dar até quantias que possam fazer falta no orçamento, porque, quanto maior a fé e o sacrifício, maior será a retribuição de Deus.

É, nas palavras de Freston (1994, p. 149), uma religião de resultados: “No contexto do capitalismo selvagem, a IURD proclama a sobrevivência dos mais fiéis. Quem tiver fé, progredirá; os outros serão empregados a vida toda”. Há um grande incentivo à autonomia, uma idealização da vida empresarial e uma crítica feroz à vida de empregado assalariado. Porém, como é óbvio, nem todos que querem e tentam conseguem. O sistema de crenças da IURD, porém, consegue dar conta de explicar esses casos sem perder a plausibilidade de sua mensagem. Segundo o autor (1994, p. 150),

A ética da IURD pode ser contrastada com a da AD [Assembléia de Deus]. Esta representava a ética tradicional do capitalismo primitivo, uma luta longa e árdua para alcançar a modesta respeitabilidade pequeno-burguesa. A Universal, por outro lado, encarna uma visão religiosa da ética *yuppie*, o enriquecimento súbito através de jogadas audaciosas.

A partir dessa valorização da vida material encontrada na IURD, Freston (1994) analisa as críticas endereçadas à igreja em relação a seus métodos de arrecadação e à vida luxuosa de sua cúpula. De acordo com ele, toda instituição religiosa precisa de dinheiro para viabilizar seus empreendimentos. Esse financiamento geralmente vem do Estado ou do exterior, das rendas e lucros de atividades econômicas ou dos fiéis, através de doações e cobranças de serviços. Algumas igrejas conseguiram desenvolver mecanismos de financiamento pouco vistosos, de modo que se sentem mais à vontade para criticar os pedidos constantes da Universal por dinheiro de seus fiéis.

De acordo com Lima (2007), as principais críticas à IURD dizem respeito ao modo como ela articula a cura, o exorcismo e a prosperidade. Para a autora, critica-se com especial ênfase a linguagem proveniente do mercado utilizada pela igreja e a força persuasiva de sua mídia eletrônica, que não passariam de uma mensagem teológica vazia para recrutar uma massa de fiéis, boa parte das vezes caracterizados como ingênuos e ignorantes⁸. Fala-se em mercantilização da fé, imediatismo, pragmatismo, magia, charlatanismo, e superficialidade teológica, com a intenção de se explorar os fiéis. Porém, de acordo com a autora, o fato de os fiéis procurarem a IURD em vez de outras formas de engajamento diz respeito ao modo como a igreja conseguiu juntar em suas idéias elementos que dão respostas e soluções aos principais anseios das sociedades modernas urbanas, embebidas de um desejo de consumo, de uma insegurança social grande e vítimas da decadência das grandes instituições e ideologias que outrora davam conta de explicar o mundo e suas vicissitudes.

Siqueira (2006) argumenta que a globalização vem acelerando o não cumprimento das promessas da modernidade para a maior parte da população brasileira. Aquilo que prometia a inclusão, a racionalidade, a emancipação baseada no desenvolvimento da técnica, o desvelamento dos mistérios do mundo a partir da ciência, na verdade nem de longe cumpriu suas promessas. Em vez disso colocou diante de nós a contradição entre todas essas promessas e a realidade crua dos centros urbanos dos países pobres.

A população pobre, embora não tenha acesso aos meios necessários para a ascensão social, é atingida, entretanto, pelos meios de comunicação de massa. Estes, de acordo com Lima (2007), fazem parte do circuito que dissemina os elementos de uma ideologia individualista, assim como os significados hedonistas que constituem o ethos econômico de nossa sociedade, e que encontram ecos na teologia da Igreja Universal. Ela oferece, de alguma forma, uma promessa de prosperidade imediata que enche os olhos de uma parcela da população submetida às maiores humilhações e privações por causa da pobreza. Não é à toa, então, que o maior período de crescimento da Igreja Universal, os anos 90, é justamente o período em que há quase uma hegemonia do pensamento neoliberal no direcionamento da economia brasileira.

Entretanto, Pinto e Ribeiro (2007) argumentam que, se quiser continuar a crescer no ritmo atual, a Universal terá que se reformular constantemente. Hoje sua proposta maior, e

⁸ Freston (1994, p. 156) transcreve um texto escrito pelo juiz que ordenou a prisão de Edir Macedo em 1992. Segundo ele, o juiz estava convencido dos “nefastos e malsinados efeitos que redundam na eventual liberdade do agente...**contando com a colaboração de massas enfileiradas de pessoas incautas e incultas**, com o propósito notadamente mercantilista”.

que atrai uma multidão aos templos, é a promessa de que, uma vez tendo fé e contribuindo nas obras da igreja, o fiel será recompensado com a expulsão do demônio da sua vida, e isso abriria portas para a cura, a salvação e a prosperidade. Porém inúmeras outras igrejas neopentecostais, e até algumas mais tradicionais, já vêm imitando a proposta iurdiana, de modo que a concorrência tende a se acirrar cada vez mais. Ou mesmo a fórmula pode, com o tempo, se esgotar. Num mercado religioso baseado nos preceitos capitalistas e em consonância com a ética neoliberal, a Universal, se não tiver uma visão de futuro e não estiver atenta às mudanças sociais pelas quais passa o Brasil, corre o risco de ser ultrapassada em sua capacidade de arregimentar fiéis.

2. GÊNERO E CRISTIANISMO

Este capítulo tratará de como este trabalho entende o conceito de gênero, um de seus alicerces. Além disso, aborda um pouco da história de como o cristianismo lidou com as relações entre homens e mulheres e do modo como os posicionou, e como as mudanças emancipadoras das últimas décadas foram compreendidas pelo neopentecostalismo.

2.1 Teoria do gênero

Nogueira (2001a) contextualiza o conceito de gênero como tendo se desenvolvido principalmente dentro do movimento feminista dos anos 60 e 70, espalhando-se rapidamente como ferramenta de análise das relações entre homens e mulheres. Judith Butler (2008) considera o conceito de gênero, nos debates feministas contemporâneos, cercado de problemas, embora não tome esta palavra de maneira negativa. Eles são, para a autora, inevitáveis, e a incumbência do pesquisador é formular as questões que investigarão estes problemas da melhor maneira possível. Para Gebara (2000), não há um acordo unânime a respeito deste conceito, apesar de semelhanças. Várias correntes atuam de maneira distinta, argumentando sobre as desigualdades entre homens e mulheres baseados em pressupostos epistemológicos diferentes. A autora, a respeito do conceito de gênero, afirma que ele se tornou mais popular a partir da reflexão das feministas americanas nos anos 1980, de onde se espalhou para outros países. Para ela, a categoria gênero inclui duas dimensões interligadas. Primeiramente, afirma que a realidade biológica não é suficiente para explicar as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade. Desse modo, tornar-se um homem ou uma mulher não diz respeito a questões biológicas, mas a um aprendizado social construído discursivamente. A segunda dimensão trata da questão do poder, exercido de forma desigual entre homens e mulheres. As últimas, em geral, estão quase sempre em posições submissas na organização da vida social, inclusive nas instituições religiosas. Assim, as diferenças de gênero envolvem questões domésticas e sociais mais amplas, se é que se pode diferenciar as duas coisas.

Nogueira (2001a) explica que as discussões teóricas acerca do gênero começaram a implicar em mudanças mais substanciais a partir da década de 80, com o surgimento do feminismo pós-modernista. Inserida no contexto de forte crítica à ciência como verdade, essa corrente argumenta pela recusa de discursos universalizantes sobre mulheres e homens. Busca fazer uma crítica às próprias categorias utilizadas pelas cientistas no estudo das relações de gênero, enfatizando o poder da linguagem na criação da realidade e suas conseqüências

políticas e ideológicas, como foi visto no capítulo sobre a Psicologia Social Discursiva. Essa recusa em procurar por uma verdade absoluta e universal a respeito das mulheres e dos homens é, de acordo com a autora, a característica mais importante desta corrente. A identidade, nesta perspectiva, é compreendida como fragmentada, plural, contraditória e em conflito, baseada em contextos discursivos, e não em características estáveis, individuais e universais.

De acordo com Nogueira (2001b), a pós-modernidade atacou diretamente o mito da verdade e da uniformidade, e o que era convencional e natural passou a ser visto como arbitrário. Para a autora, a modernidade, ou a ciência moderna, para ser mais específico, justificou e legitimou estruturas de poder desiguais e posições normativas que eram mais valorativas do que propriamente científicas. A ciência serviu, dessa forma, para “provar” idéias que davam suporte para vários tipos de dominações e desigualdades, inclusive baseados no gênero. Nenhuma ciência, nem a Psicologia, está livre de aspectos políticos e ideológicos, e, portanto, a pesquisa baseada no conceito de gênero não pode cair no erro de se propor a ser neutra. Para Nogueira (2001b), é uma responsabilidade ético-política do pesquisador avaliar os efeitos do discurso na sociedade, principalmente se se tiver em mente a necessidade de transformação de diversos aspectos das relações de gênero. Rosado-Nunes (2005) problematiza a questão de maneira parecida, ao afirmar que a divisão entre sexos masculino e feminino são mais construções sociais que determinações biológicas. Portanto, não faria sentido determinar papéis imutáveis e eternos, muito menos quando consideramos a desigualdade nesta distribuição.

De acordo com Nogueira (2001a), existem dois grandes grupos de perspectivas no estudo das relações de gênero, os quais ela chama de perspectiva empiricista e perspectiva pós-moderna, com a qual este trabalho mais se identifica.

Em resumo, na perspectiva empiricista, ainda predominante na Psicologia, há a crença nas diretrizes positivistas da disciplina. Para as feministas deste paradigma, o uso da Psicologia como forma de justificar sexismos e androcentrismo é causado por vieses sociais, mas que podem ser eliminados se forem seguidos os preceitos rigorosos da ciência positivista. Essa perspectiva se divide principalmente em duas grandes abordagens explicativas das relações de gênero. São as abordagens essencialista e a da socialização.

Nogueira (2001a) argumenta que a abordagem essencialista

sugere a existência de diferenças inatas e estáveis entre os sexos, conceituando o gênero (ou sexo, que, nessa perspectiva, são praticamente equivalentes) como uma

propriedade estável, inata e bipolar de diferenciação sexual, tendo um caráter eminentemente determinista. (NOGUEIRA, 2001a, p. 140)

A posição essencialista é, dessa forma, tributária de um determinismo biológico que coloca as diferenças entre homens e mulheres num nível estável e previsível, independente de fatores culturais. Existiria uma natureza masculina e uma natureza feminina com características próprias, persistentes e previsíveis.

A segunda abordagem empiricista, de acordo com a autora, é a da socialização. Como o próprio nome sugere, essa perspectiva muda o foco das explicações para as diferenças de gênero da biologia para o social. Não são mais forças inatas e inevitáveis que geram as diferenças de gênero, mas forças sociais e culturais. Nessa abordagem

as crianças, ao aprenderem a internalizar prescrições apropriadas ao ser masculino ou feminino de acordo com as normas da sociedade, formam personalidades e padrões de comportamento enquadrados no gênero. Assim, a masculinidade e a feminilidade passam a ser características socialmente aprendidas pelo desenvolvimento cognitivo e emocional. (NOGUEIRA, 2001a, p. 140),

Apesar de reconhecer a importância da cultura na formação das formas socialmente estabelecidas de relações de gênero, essa perspectiva recebeu críticas por manter os conceitos convencionais de masculinidade e feminilidade, ou seja, por manter o conceito de gênero numa abordagem dicotômica, continuando a compreender as diferenças como reais e internas do ponto de vista psicológico. Nogueira (2001a) afirma que a diferenciação que estas abordagens fazem entre inato e adquirido é meramente semântica, porque a socialização de gênero em ambas ainda é vista como algo específico e persistente ao longo da vida, ou seja, interno e imutável, e, dessa forma, essencialista. Mesmo assim, a abordagem culturalista representa uma mudança em relação à perspectiva anterior por reconhecer a possibilidade de transformação social, de uma visão essencialista num nível biológico para outra que, embora mantenha as diferenças de gênero numa compreensão realista e individual, já a concebe como um fenômeno fabricado socialmente.

É importante ficar claro, entretanto, que ambas as abordagens são essencialistas, porque, mesmo que apresentem diferenças em relação à origem das características masculinas ou femininas, interpretam tais características, de acordo com Nogueira (2001a), como fazendo parte dos indivíduos, não importando a origem, social ou biológica. A autora, citando Hare-Mustin e Marecek, diz que

a reafirmação de qualidades essenciais negligencia a complexidade e o dinamismo do comportamento de gênero que se estabelece durante as relações sociais, fazendo entrar em colapso um jogo de diferenças que estão sempre em mudança, em dualismos estáticos exagerados. (NOGUEIRA, 2001a, p. 142)

Apesar de propor uma diferenciação entre gênero e sexo, na intenção de separar o sexo biológico do social, esse grupo de feministas manteve o essencialismo que criou diferenças entre homens e mulheres, situando essas diferenças no indivíduo, além de manter a Psicologia presa na armadilha dos dualismos, como sexo e gênero, e semelhança e diferença.

Rompendo com esta perspectiva, Butler (2008) afirma que o gênero não é nem uma substância nem um conjunto de atributos internos. Esse efeito substantivo, de acordo com a autora, é produzido performativamente, e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. O gênero se faz, e essa obra é realizada por um sujeito que não existe antes dela. Não, há, assim, identidades de gênero por trás do que é expresso sobre isso. A identidade de gênero é construída performativamente pelas expressões que normalmente tomamos como seus resultados. Dessa forma, as identidades de gênero estão sempre se fazendo e se refazendo, ganhando novos significados e atributos de acordo com a passagem do tempo e com as mudanças culturais. O fato de o gênero ser construído, entretanto, não o torna menos regulador nem menos importante para a vida das pessoas. Não há uma separação entre uma construção ilusória e um real autêntico, como afirma a autora.

Esta abordagem discursiva das relações de gênero dá grande importância à linguagem e às relações sociais, e a produção de conhecimento é entendida como pragmática e parcial, sendo o papel do produtor social e político, independentemente de discursos que o qualifiquem como neutro e desinteressado. O gênero, assim, é visto como um processo sempre em andamento, construído discursivamente na linguagem e nas relações sociais, e não como um conjunto de categorias fixas presentes nas pessoas. De acordo com Nogueira (2001a, p. 146), “a Psicologia e a Psicologia Social não podem pretender descobrir a ‘verdade’ da natureza das pessoas e da vida social, porque as suas explicações estão limitadas no tempo e na cultura”. Sendo as pessoas produtos do contexto histórico e cultural, construídos na linguagem e no discurso, restritos a uma determinada época e local, não existiriam características determinadas anteriormente a isso para nenhum ser humano, e isso, obviamente, se aplica também ao gênero.

Compreende-se, então, que não existem diferenças substanciais entre homens e mulheres, a não ser aquelas que são criadas no discurso. Os repertórios interpretativos de certa forma constroem as pessoas a fazer determinadas escolhas que sejam compatíveis com sua

identidade socialmente aceita, reforçando a percepção de diferença e naturalidade. Mas mesmo estas escolhas, normalmente vistas como perenes e coerentes, mal escondem as contradições enfrentadas o tempo inteiro pelas pessoas que, associadas a um determinado gênero, tem práticas completamente diferentes do que se espera, e que são ignoradas. De acordo com Wetherell, Stiven e Potter (1987), os repertórios interpretativos fornecidos pela cultura são utilizados pelas pessoas de acordo com seus interesses, de modo que todo o tempo entramos em contradição com o que dissemos anteriormente, por causa desta orientação funcional do discurso: o que era conveniente numa situação pode não ser agora. Dessa forma, o gênero é uma categoria fluida, na qual as pessoas são posicionadas, mas que não necessariamente permanecem sempre, havendo contradições. O gênero se faz, é uma produção discursiva e para estudar este processo é necessário compreender os aspectos sociais, culturais, políticos e históricos que o cercam, e entendê-lo a partir desta orientação funcional do discurso. Focar-se em aspectos biológicos ou somente psicológicos “internos” significa perder grande parte da riqueza presente neste assunto, e dar margem a teorias que servem a práticas dominadoras, antidemocráticas e alienadoras.

Em relação à diferenciação proposta entre gênero e sexo, Butler (2008) escreve que esta formulação tem a intenção, originalmente, de questionar a premissa de que a biologia é o destino. Esta diferenciação supõe que, por mais que a diferenciação biológica seja indiscutível, o gênero é construído culturalmente. A identidade sexual não se restringiria às limitações biológicas. A distinção binária entre os sexos não produz gêneros em uma relação causal, de modo que as construções a respeito do que é masculino, por exemplo, não necessariamente saem de corpos biologicamente masculinos. Ainda afirma que, se nesta proposição existem dois sexos, o número de posicionamentos de gênero, por sua vez, é maior que dois. O gênero seria radicalmente independente do sexo, e se torna um artifício flutuante. A autora, porém, vai mais além nesta separação entre sexo e gênero. Para ela, o próprio sexo é histórico e cultural. Não é imutável, mas sim tão culturalmente construído quanto o gênero. Ela teoriza que, talvez, o sexo tenha sido sempre o gênero, e não haveria nenhuma distinção entre os dois. Não faz sentido, dessa forma, definir o gênero como interpretação cultural do sexo. Então, o gênero se torna não a inscrição cultural de algo previamente dado pela natureza, mas o próprio aparato de produção no qual os sexos são produzidos. Sexo não é uma categoria natural, anterior à cultura, nem pré-discursiva: é produzida no discurso tanto quanto o gênero. Mas produzido de tal forma que parece ser dado em número de dois, com características próprias, universais e incontestáveis cientificamente.

Como coloca Nogueira (2001b), apesar de existirem órgãos reprodutores diferentes em homens e mulheres, a importância que se dá a essa diferença não se justifica por aspectos biológicos, e as características que se tomam como de masculinidade e feminilidade não se justificam por tal diferença nos órgãos reprodutores. A autora salienta que o conhecimento que se produz sobre o mundo não provém da natureza do próprio mundo em si, mas de um processo social datado e situado. A tentativa feminista de separar sexo de gênero trouxe grandes avanços para o debate, mas levou, mais tarde, a uma repetição de essencialismos dicotomizantes. Se antes se falava em diferenças sexuais, começou-se a se falar em diferenças de gênero. Perdeu-se, dessa forma, a noção de construção social do gênero, e a responsabilidade pelas mudanças deslocou-se mais uma vez para o indivíduo, portador de uma identidade fixa.

O sexo, para Butler (2008), não é, como se entende majoritariamente em nossa sociedade, uma categoria básica e importante de diferenciação. Ele é um princípio de organização social que estrutura determinadas relações de poder entre homens e mulheres. Assim, mesmo o sexo, que algumas feministas ainda aceitavam como um fato biológico, distinto do gênero como categoria social, é também um produto ideológico, e não biológico. O conjunto de características que se convencionou chamar de masculinidade e feminilidade e suas conseqüentes formas de se exercer a sexualidade são práticas discursivas ideológicas, cuja eficácia reside justamente em parecerem naturais, individuais e inevitáveis. A identidade de gênero, nessa perspectiva, se desenvolve socialmente durante toda a vida, através do discurso e de seus repertórios interpretativos. Apresenta, como quase tudo na vida, suas contradições e inconsistências, apesar da aparência de solidez e permanência.

O corpo, segundo Butler (2008), é normalmente tomado como pré-discursivo, um lugar onde a cultura vai atuar para formar os posicionamentos de gênero. Um instrumento, um meio. Porém, a autora argumenta que o “corpo” é em si mesmo uma construção, sem existência significável anterior à marca de gênero. Ela afirma que, para algumas correntes do feminismo, o gênero não é um atributo individual da pessoa, uma substância, um núcleo, mas uma relação entre sujeitos socialmente constituídos em contextos especificáveis. O gênero com o qual a pessoa é marcada não diz do que ela é, mas das relações e práticas discursivas nas quais ela se engaja. Nas suas palavras (2008, p. 29), “como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”. A identidade é, para ela, um ideal normativo, e não uma característica descritiva. São as práticas

reguladoras de formação e divisão do gênero que constituem a identidade. A coerência e continuidade da pessoa são, em sua opinião, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas, e que mantêm a ilusão de que haveria uma verdade coerente e contínua do sexo. As categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo são efeitos de uma formação específica de poder, efeitos de instituições, práticas e discursos de origens diversas.

O gênero, dessa maneira, se faz no cotidiano, através das escolhas que as pessoas fazem nas práticas discursivas, na interação social. Nogueira (2001a) argumenta que o gênero não é imposto pela biologia ou pela sociedade, mas se faz através das escolhas de homens e mulheres, quando preferem certas opções em vez de outras num determinado momento. Todos podemos nos comportar fora do que se espera para o próprio gênero, mas normalmente a maioria de nossas ações são compreendidas como fazendo parte de uma determinada organização coerente e única.

Gebara (2000) afirma que o conceito de gênero permite compreender que o que distingue homens de mulheres não se funda numa ordem biológica. Esta diferenciação serve mais, de acordo com a autora, como um pretexto para se estabelecer uma hierarquia na qual o homem se apropria da maior parte do campo real e simbólico do campo social, cultural e religioso. Esta situação, entretanto, é contingente, e não corresponde a diferenças que estejam além da cultura e do discurso. Para a autora, o conceito de gênero é importante para mostrar que poderes atuam na divisão social do trabalho e na própria organização da sociedade como um todo. Ele serve para alertar para o fato de que existe uma cultura que toma o masculino como normativo para a sociedade, além de mostrar o quanto a atividade científica pode ser usada também para justificar desigualdades.

As diferenças de gênero se cruzam com outras formas de desigualdade, como as de renda, de etnia, de raça, de cultura, de idade, de religião, etc. Estas diferenças de gênero funcionam para manter uma ordem hierárquica que atinge todos os aspectos da existência, e a religião é um dos principais deles. A sexualidade, segundo a autora, é culturalizada a partir de relações de poder extremamente desiguais. O conceito de gênero, dessa forma, abre uma questão política importante. Não só isso: para Gebara (2000), abre uma questão teopolítica, na medida em que os discursos religiosos tem conseqüências marcantes no processo histórico. Estes discursos seriam influenciados por ideologias, por questões históricas e por jogos de poder que não podem ser negligenciados. Assim, o nosso modo de organizar o mundo, de exprimir, de pensar, de professar uma religião, entre vários outros aspectos, são transpassados pelas construções de gênero.

2.2 *O gênero na história do cristianismo*

De acordo com Jablonski (1998), a religião foi, ao longo do tempo, uma das maiores forças norteadoras dos valores da família. Na opinião de Pagels (1992), os padrões tradicionais de masculino e feminino e de relacionamentos sexuais presentes no cristianismo surgiram numa época específica, a saber, os quatro primeiros séculos da era cristã. Foram se consolidando à medida que a nova religião deixou de ser uma seita rebelde numa província distante para se tornar a religião oficial do Império Romano. A autora afirma que esta cultura cristã das relações de gênero representou, na época, uma novidade, diferente tanto da cultura judaica quanto das práticas pagãs. Diferentemente dos judeus, os cristãos não permitiam o divórcio nem a poligamia, por exemplo. Em relação aos romanos, se diferenciavam por não permitir relações extraconjugais, além de pregar a moderação sexual. A relação sexual deveria servir somente à procriação, e não à busca do prazer.

Para Gebara (2000), a teologia cristã é fortemente marcada por uma estrutura hierárquica e dualista em relação ao gênero, tornando-se quase sua essência. Há mudanças ao longo dos tempos, mas elas são lentas e ainda insuficientes para uma tentativa de diminuir o abismo existente entre homens e mulheres na Teologia cristã. De acordo com a autora, a Teologia atual, assim como a formulação dos dogmas, é centrada na figura masculina, formada a partir das experiências masculinas. É o homem que representa a imagem de Deus, é o homem que é a imagem de Deus de modo normativo, enquanto a mulher só pode ser em segundo grau. Além disso, os textos cristãos tradicionais ainda insistem no papel maternal da mulher, sendo o espaço de poder público ocupado pelos homens. Na história do cristianismo, os eventos ligados a figuras masculinas são considerados mais relevantes, e a própria figura de Deus é pensada como masculina. A história cristã construída por mulheres é, na maior parte das vezes, ou ignorada ou subestimada. Para Gebara (2000), a construção dos símbolos religiosos cristãos são prioritariamente masculinos, e a obediência se dá em torno de figuras masculinas: pais, padres, bispos e o papa. Os símbolos de amor e de poder seriam também masculinos. De acordo com a autora, existe uma visão pessimista do ser humano, incapaz de amar e de ser feliz; é preciso obedecer, então. Obedecer assim como Jesus fez em relação à

vontade de Deus até a hora de sua morte. É também baseada na imitação desse sacrifício que se justifica a obediência feminina.

Para Toledo-Francisco (2002), um dos maiores valores na tradição cristã para a mulher é que ela tem como ideal ser modesta no comportamento em sociedade, privilegiando seu lugar de mãe e esposa, enfatizando seu caráter afetivo, intimista, cuidadoso, sensível e familiar. Embora as mulheres sejam maioria absoluta na maior parte das instituições religiosas, Toledo-Francisco (op. cit.) destaca que a tarefa de pensar sobre a transcendência cabe majoritariamente ao homem, restando à mulher subordinar-se silenciosamente, em acordo com a ordem divina, à palavra masculina, seja ao marido em casa, seja ao líder na igreja. Como se pode perceber, esta é uma perspectiva intrinsecamente essencialista do que é ser homem e do que é ser mulher.

Esta hierarquização teria sua justificativa na história da criação contida no Velho Testamento. Pagels (1992) argumenta que nos primeiros três séculos da era cristã, quando era uma religião perseguida, a mensagem da criação era interpretada como uma história sobre liberdade e livre arbítrio. Liberdade em vários aspectos, inclusive em relação a governos tirânicos dos quais eram vítimas. Com a conversão de Constantino e o crescimento de poder e aceitação do cristianismo, essa mensagem perdeu seu apelo, e com Agostinho ela mudou definitivamente: de uma mensagem sobre liberdade, passou a ser interpretada como uma história sobre a servidão humana. O pecado de Adão condenou a humanidade à morte e fez com que todos os seres humanos nascessem já corrompidos pelo pecado original da sexualidade. Ela não faria parte da natureza humana, mas seria um castigo pela desobediência, junto com a mortalidade. Essa análise da natureza humana, de acordo com a autora (1992), influenciou profundamente o mundo ocidental, e construiu as bases do modo como exercemos a sexualidade e até mesmo o pensamento psicológico e político.

Tendo sido perseguida fortemente durante os primeiros séculos de existência, a religião cristã passou mesmo assim por um crescimento exponencial, sendo seus seguidores vítimas, entretanto, de prisões, torturas e execuções públicas cruéis. Tudo mudou no ano 313, quando o imperador Constantino se converteu e as perseguições, embora tenham voltado por um breve período de dois anos durante o reinado de Juliano, se encerraram e o cristianismo, mais tarde, se tornou religião oficial (PAGELS, 1992). O que se viu, então, foi uma mudança nas relações de gênero e na sexualidade proporcional à mudança social de religião, com base, principalmente, na história de Adão, Eva, e a serpente. De fato, Pagels (1992), em sua pesquisa, interpretou que os teólogos cristãos encheram páginas e mais páginas para

compreender como se poderia entender a história de Adão e Eva e contextualizá-la à humanidade. Desse mito, por exemplo, Santo Agostinho entendeu que o desejo sexual é pecaminoso, que estamos todos contaminados pelo pecado original desde a concepção, e que o pecado de Adão corrompeu toda a humanidade. Butler (2008) afirma que a vasta e abrangente tradição filosófica que faz uma distinção entre corpo e mente sustenta, inevitavelmente, uma hierarquia e relação de subordinação políticas e psíquicas. De acordo com essa tradição, a mente subjuga o corpo, e foge à corporificação. Levando-se isso em consideração, é claro em nossa cultura que existe uma associação entre masculinidade e mente, e feminilidade e corpo. Estas são idéias extremamente influentes nas sociedades cristãs ocidentais, e moldaram muitos dos valores que ainda hoje fazem parte de nossa cultura. Mesmo para os que não aceitam este mito como literal, não se pode negar sua importância na transmissão de valores sociais e religiosos que são interpretados pelas pessoas como válidos universalmente, independentes de sua história contextualizada. Tal história implica todos nós, na medida em que, mesmo sem perceber, nossa moral, ou ao menos a da maioria de nós, repousa em grande parte nestas histórias bíblicas.

Pagels (1992) afirma que Jesus trouxe uma disciplina austera para a sexualidade e o casamento, e Paulo a aprofundou mais ainda. Baseado na história da criação, ele sustentou que as mulheres deveriam se subordinar ao homem, já que ela foi feita dele, e não o contrário. Além disso, na carta atribuída a Paulo, mas supostamente escrita por seus seguidores como sendo dele⁹, novamente baseados na história de Adão e Eva são escritos argumentos que defendem a tese de que, sendo as mulheres facilmente enganáveis, não deveriam exercer outra atividade a não ser cuidar da casa e dos filhos:

Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade (I Timóteo 2:12-15)

Em I Coríntios 11: 7-9, numa carta que é atribuída realmente a Paulo, ele diz:

O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher

⁹ Pesquisadores atribuem algumas cartas incluídas na Bíblia como sendo de Paulo a outros autores. Esta diferença é marcante. De acordo com Mazzarolo (2011, p. 284), “Há uma diferença muito grande entre as advertências que Paulo faz (nas cartas reconhecidas autenticamente como paulinas, por unanimidade) sobre questões éticas, litúrgicas, morais ou disciplinares e as que encontramos nesses escritos (podemos chamá-los de deuteropaulinos). Podemos dizer que dois verbos determinam o código: submeter-se e obedecer”.

do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem. Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos.

Como estes, existem muitos outros exemplos. Como se vê, a história da criação foi utilizada em muitas passagens da Bíblia para justificar a ordem patriarcal da sociedade e um exercício da sexualidade muito restrito. Como exemplo, em muitas discussões teológicas foi debatido se não seria preferível o celibato ao casamento, como defendia Jesus (Lucas 20:34-36) e Paulo em alguns momentos (I Coríntios 7:1-35). Alguns cristãos dos primeiros séculos acreditavam que mesmo dentro do casamento os cônjuges deveriam se dedicar ao celibato, tendo relações sexuais somente com fins de procriação. As cartas de Paulo têm esse tom, embora as deuteropaulinas apresentem um Paulo muito menos rigoroso em relação ao casamento. Foi essa visão que perdurou ao longo do tempo, embora ainda seja uma interpretação bastante ascética da sexualidade.

De acordo com Gebara (2000), estes textos são na maioria das vezes interpretados ao pé da letra, como se tivessem sido escritos inspirados diretamente por Deus. Dessa forma, a mulher é vista como aquela que surgiu do homem e que o corrompeu, derrubando a harmonia com a qual os primeiros seres humanos viviam no paraíso. A história mítica da criação tornou-se, para Gebara (2000), um mito fundador dos preconceitos contra a mulher, e extrapola as fronteiras religiosas, servindo como combustível para discursos que tomam a mulher como um ser naturalmente sedutor e, ao mesmo tempo, submisso ao homem. A maçã mordida, como salienta a autora, ainda é símbolo da sedução e da sexualidade, mostrando como o Gênesis ainda é forte quando associa a mulher à perdição da humanidade.

De acordo com Pagels (1992), a história de Adão e Eva como é compreendida pela maioria dos cristãos funciona como uma prova da fraqueza e credulidade naturais das mulheres. Nas palavras da autora (1992, p. 53), “castigadas pela lembrança do pecado de Eva, tolhidas de qualquer autoridade, as mulheres devem se submeter caladas aos seus maridos, gratas por também poderem ser salvas, desde que se adaptem aos seus papéis domésticos tradicionais”. Tertuliano, por exemplo, entendia a história de Eva como uma oportunidade de advertir as mulheres de que mesmo a melhor delas era ainda cúmplice de Eva. Pagels (op. cit.) traz também a concepção de Agostinho, de que o marido deve predominar sobre a mulher como o espírito sobre a carne. De fato, ele acreditava que Adão e Eva foram criados para viver uma ordem harmoniosa de autoridade e obediência, sendo a mulher a parte mais fraca do casal. A mulher seria intimamente relacionada com as paixões físicas e, criada para ajudar o homem, se tornou na realidade sua tentação e desgraça. Por causa disso, argumenta a autora,

Deus teria reforçado a autoridade masculina, sendo esta dominação, então, um mecanismo de proteção divina.

Gebara (2000) afirma que, na história do cristianismo, a própria ideia de mal é influenciada pela questão do gênero. De acordo com a autora, o mal masculino não faz parte de sua natureza. Está ligado à questão do livre arbítrio. O mal é uma prática, a qual se pode desfazer. Nas mulheres, entretanto, a Igreja enxerga uma malignidade maior, uma tendência natural, que está em sua essência. Nas palavras da autora (2000, p. 31), “o mal que elas fazem se deve ao seu ser mau, um ser considerado responsável pela ‘queda’ ou desobediência do ser humano a Deus”. O corpo da mulher é associado ao pecado, à queda do paraíso, enquanto o homem é visto como originariamente bom. Além disso, como salienta a autora, é o homem que é visto como a imagem de Deus, sendo a mulher só secundariamente, por sua alma. É o matrimônio e a maternidade que resgatam a mulher. Ou seja, enquanto o homem obedece a Deus somente, a mulher conta com uma mediação dupla: de Deus também, mas também do homem. Essas idéias são baseadas na história da origem humana encontrada no Livro do Gênesis, livro escrito com intenções políticas por parte dos redatores, e interpretado a partir de dualismos hierárquicos.

Em relação aos valores tradicionalmente defendidos pelos cristãos em relação à importância da família, Silva (2006) afirma que o cristianismo se afirmou nos séculos IV e V a partir de alguns personagens que expressam claramente o binômio gênero e família. Tais personagens foram importantíssimos para a legitimação cristã da família conjugal que se estabeleceria como modelo mais tarde. Maria, por exemplo, se tornaria um modelo do posicionamento da mulher como mãe e esposa exemplar, serena, obediente, sábia e fraternal. Ao seu lado estão Jesus e José, símbolos da masculinidade. A autora argumenta, entretanto, que a construção desses símbolos não se deu por si só, mas a partir de uma legitimação efetiva produzida pela Igreja Católica, através de regras conciliares e canônicas.

A família, nesse processo de apropriação da história da sagrada família, tornou-se um dos pilares do cristianismo. Silva (2006) escreve que a nascente cultura cristã, a partir da apropriação da história de Maria, enfatizava o cumprimento de seus deveres a partir da ordem da submissão. Ela diz, de acordo com suas próprias palavras (2006, p. 234):

Por um lado, expressaram-se os símbolos carregados de conteúdos religiosos sobre a mulher, por outro, ao homem (varão) caberia manter o domínio da família, exercendo a função de cabeça do casal, pois seria ele o único capaz de raciocinar e, ao mesmo tempo, tomar decisões.

A transformação de Maria em um mito, parte importante da teologia cristã, deve muito à sua suposta virgindade. Assim, as mulheres cristãs que queiram aderir a esta superioridade espiritual precisam buscar uma vida igualmente santa, ou seja, abdicar de sua própria sexualidade, tornando-se mães, mas sem ceder aos prazeres e desejos da carne. Este processo, de acordo com Silva (2006), é que dá a elas o alto poder simbólico de natureza cultural-religiosa. Este poder, porém, seria marginal em comparação ao exercido pelos homens. Para a autora, a forma institucional do judeu-cristianismo é predominantemente masculina, uma religião de homens, visto que é a eles que pertencem os meios de produção simbólica, além da própria organização e presidência das comunidades. A divinização de Maria diz respeito à sua maternidade, ao papel criacionista da família, enquanto Jesus alcança uma divinização bem mais ampla e importante. O poder simbólico de Maria é restrito à sua posição de mãe e esposa dedicada.

De acordo com Silva (2006), a constituição da família cristã é legitimada na Bíblia sob uma valoração claramente masculina. A mulher é compreendida como sendo sedutora e frágil, e por isso delegada a um lugar secundário em relação aos homens. A sexualidade é profundamente desvalorizada (vide o mito da concepção divina de Jesus, na qual é abolida a relação sexual), e o casamento e a maternidade se tornam o centro da vida da mulher. Para a autora, o matrimônio foi implantado justamente para disciplinar a sexualidade e organizar a família.

Este princípio coube à Igreja Católica organizar, após muitas discussões laicas e civis. A consolidação do casamento cristão se deu entre os séculos XII e XVI, após muitos debates conciliares. Assim, a sacramentalização do casamento foi tardia, discutida em concílios, nos quais foram aprovados os regulamentos que o elevaram ao status de sacramento. A partir de então passaram a ser condenados o concubinato ou qualquer prática que estivesse fora do poder eclesiástico. A transformação definitiva do casamento num sacramento se deu em 1438, no Concílio de Florença, embora ainda fosse demorar 125 anos para que fosse aprovada uma legislação regulamentadora das uniões conjugais. Como afirma Goody (1986, p. 208) apud Silva (2006, p. 236),

A partir do século XII, a Igreja, pelo menos de maneira informal, considerou o matrimônio como um sacramento que os nubentes administravam entre si, mutuamente. Ainda que a Igreja considerasse pecado grave os matrimônios clandestinos, essas uniões eram válidas. O Concílio de Trento (1545-1563) confirmou sua validade, mas reafirmou a condenação das núpcias clandestinas, obrigando o casal a expressar seu consentimento em presença do sacerdote depois de publicar as denúncias.

A autora argumenta que a igreja conseguiu, a partir daí, unificar costumes profundamente diferentes na Europa medieval, agrupando-os sob seu modelo.

Silva (2006) afirma que, se no começo do cristianismo Maria seria o ícone da mulher assexuada, a partir da institucionalização do sacramento do matrimônio esta característica passou por mudanças, assim como no homem. O fato de o casamento ser monogâmico e indissolúvel trouxe transformações, embora ainda com base na Sagrada Família. A sexualidade tornou-se algo menos pecaminoso, e o casamento passou a ser uma opção para quem buscava a perfeição. As relações entre homens e mulheres, dessa forma, passaram a passar pelo crivo da Igreja Católica, com um padre e testemunhas que tornam o ato válido perante Deus e a sociedade.

Ele passou, então, a ser um instrumento de controle da Igreja Católica sobre a vida dos fiéis. Para Machado (1996), este processo de domesticação dos indivíduos pela família foi um projeto que teve início a partir das duas reformas religiosas do século XVI. Antes disso não havia muita interferência do poder eclesiástico sobre os costumes e os laços familiares, ocorrendo, até aquela época, uma adaptação da Igreja à cultura local, como se pode inferir pela regulamentação tardia do casamento. Com a Reforma Protestante e a Contra-Reforma é que ambas as religiões passaram a se interessar ativamente pelo controle dos laços domésticos, embora o protestantismo, no Brasil, tenha levado vantagem nessa intenção, pela sua condição de minoria religiosa. De fato, os evangélicos, até recentemente, formavam comunidades de relacionamento quase fechadas, nas quais havia um grande policiamento do comportamento alheio.

De acordo com a autora (1996), já desde o século II da era cristã começa a haver uma desvalorização do corpo, que é visto como inferior à alma, e tudo que diz respeito a ele se torna impuro e indesejável. A sexualidade, nesta concepção cristã, é completamente subordinada à concepção. Como a mulher era vista prioritariamente como alguém cuja principal função é procriar, a ela foi relegado um lugar hierarquicamente abaixo do homem. Assim, se destacava no homem a dimensão espiritual, como se fosse criado à imagem e semelhança de Deus, enquanto a mulher era associada à dimensão fisiológica, da tentação carnal e da procriação.

Gebara (2000) talvez nos ajude a entender melhor esta organização. De acordo com a autora, toda teologia é uma teologia política. Ela exprime a ideia de que, na formação histórica do pensamento teológico das igrejas cristãs, Deus toma formas diferentes de acordo com os interesses daqueles que o descrevem. Ou seja, toma partido de certos grupos em

detrimento de outros, ama uns mais que outros, e muda de acordo com o período histórico que se fala. Dessa forma, as mulheres, dentro de uma sociedade patriarcal, passaram também na religião cristã por um processo de dominação, justificado de acordo com interesses variados.

Machado (1996) acrescenta ainda que nossa ordem tradicional de gênero é baseada num sistema dual de prestígio, que valoriza a honra como um atributo masculino e a vergonha como feminino. Nesta organização patriarcal a reputação dos homens, e mesmo de toda a família, é dependente da capacidade masculina de controlar o comportamento e a sexualidade das mulheres, garantindo que elas vivam em confinamento virtual e domínio e submissão aos homens da família. Com o advento do pentecostalismo no século XX, a reputação tende a ser algo individualizado, o que entra um pouco em conflito com esta ordem altamente hierarquizada, já que as reputações de ambos não terão mais relação com o comportamento do outro, mas com o seu próprio relacionamento com o divino.

2.3 *Gênero e família no neopentecostalismo*

Ariès (1981) afirma que o sentido de família tradicional que temos hoje, ainda muito forte nas religiões cristãs, com pai, mãe e filhos vivendo numa casa em família, intimista, se sedimentou no século XVIII e mudou muito pouco até a segunda metade do século XX. De acordo com o autor, a reorganização da casa e a reforma dos costumes que aconteceram durante os séculos anteriores ajudou a formar uma casa reduzida aos pais e às crianças, sem criados, clientes e amigos circulando o tempo inteiro, como acontecia antes, quando a vida familiar e o trabalho aconteciam ao mesmo tempo e num mesmo ambiente. Houve uma separação que criou o sentido de família e lar que temos hoje. Surgiu, ao longo desse tempo, uma familiaridade e um sentimento de intimidade e privacidade cada vez maiores. Criou-se, então, um sentimento de solidariedade familiar maior, e um distanciamento em relação aos demais.

Dentro deste ambiente que se transformou de público em privado, o cristianismo exerceu sempre um grau de influência enorme em questões de sexualidade, moral e normas de comportamento. A força maior desta influência durou até meados do século XVIII, quando começou a decair. Desde a Revolução Industrial, a religião (ao menos no Ocidente) vem perdendo poder de convencimento em relação à obediência a suas normas morais. De fato, nas últimas décadas os campos da sexualidade e do gênero passaram por mudanças profundas em relação à moral burguesa do século XIX, no caminho de mais igualdade entre homens e

mulheres, e estas transformações encontraram reações nas instituições religiosas. Pagels (1992) argumenta que estas transformações desafiam a todos, mas particularmente os cristãos, pois elas vão de encontro não só aos valores tradicionais, mas também à própria natureza humana como entendida pelo cristianismo.

Porém, por parte das igrejas não houve somente posturas conservadoras no que diz respeito às reações às tais mudanças. Houve também adaptações e aceitações, mesmo que parciais, às demandas de mudanças nas relações de gênero. Obviamente, este fato não ocorreu sem tensões, discussões, opiniões contrárias. Também não se pode dizer que houve aceitação irrestrita de equilíbrio nas relações de poder. O homem continua gozando de um status dentro das religiões cristãs que o coloca numa posição visivelmente privilegiada em comparação com a mulher.

Mas há autores que propõem algumas mudanças na forma de certas religiões compreenderem a relação entre homens e mulheres, ao menos na sociedade brasileira atual, e em comparação com o formato antigo presente em nossa cultura. De acordo com os autores que compactuam desta idéia, o grupo religioso pentecostal é onde melhor se pode visualizar este fenômeno, e com mais profundidade nos neopentecostais.

Jablonski (1998) argumenta que após a modernização e industrialização da sociedade houve um verdadeiro declínio da obediência à religiosidade. E, embora se possa argumentar que nos últimos anos o Brasil venha sofrendo um boom de novas igrejas e conversões pentecostais, também é verdade que as principais igrejas que lideram este processo sofrem grande influência desse movimento de secularização. Elas são, mais do que nunca, adaptadas ao mundo, em vez de sectárias. Ou seja, não há uma queda da religiosidade, mas uma apropriação individualizada de cada pessoa. Há uma queda na obediência às normas institucionais ou a mudança de tais normas, caso do neopentecostalismo, embora a crença no sobrenatural encontre hoje uma popularidade enorme no Brasil. A modernidade estaria dando impulso a um movimento de autonomia dos sujeitos em detrimento da obediência às instituições. Nas suas palavras,

uma sociedade que enfatiza sobremaneira as realizações do indivíduo, seus direitos, e principalmente sua liberdade de fazer o que quiser, quando e da forma que quiser, é uma sociedade que necessariamente se torna menos sensível aos apelos à submissão e à obediência irrestritas, mormente no que diga respeito a valores primários e/ou afetivos. (JABLONSKI, 1998, p. 40)

Somando-se esse fato ao conhecido pragmatismo de Edir Macedo, entende-se por que a IURD vai tão longe em suas adaptações à sociedade. Jablonski (1998) argumenta também que, por

viver um estilo de vida decididamente condenado por religiões tradicionais, os fiéis buscam alternativas mais individuais, que sejam mais condizentes com suas práticas. Assim, um código de vestimenta mais vaidoso e ousado, um incentivo à fruição dos bens materiais, o apoio à entrada da mulher no mercado de trabalho, a aceitação de práticas sexuais mais liberais, ou até mesmo uma defesa um tanto atrapalhada do aborto tornam a IURD uma igreja que leva adiante muitas das mudanças recebidas com desconfiança por outras gerações pentecostais. As religiões mudam na tentativa de manter seus fiéis, diante dos movimentos de fluidez que caracterizam as práticas religiosas recentes e oferecer respostas eficazes para suas novas questões.

De acordo com Jablonski (1998), o mundo moderno não compartilha mais da ideia de que a vida espiritual seria superior ao aqui-e-agora, havendo uma substituição pela crença no valor do indivíduo. Essas mudanças encontram grande ressonância no neopentecostalismo, que abraçou com ardor a ideologia individualista que anteriormente era combatida pelo cristianismo católico, outrora dominante no Brasil.

Para Machado (2005) a ética pentecostal incentiva valores ligados à subjetividade considerada feminina pela nossa cultura e, provavelmente por isso, critica e combate a identidade considerada masculina que predomina na sociedade brasileira. Valores como docilidade, tolerância, dedicação à família, cuidado e carinho com os filhos, tão tipicamente considerados femininos na construção de subjetividades de nossa sociedade, são esperados dos homens que aderem ao movimento. Esta reconfiguração da subjetividade masculina, de acordo com a opinião de Machado (op. cit.), transforma as relações conjugais no caminho de uma domesticação dos homens, ocorrendo o que ela chama de androginização das famílias. Isso torna, por conseqüência, as relações entre homens e mulheres mais igualitárias. A autora enfatiza, porém, que quando se fala em relações mais igualitárias não se fala do ponto de vista do ideário feminista de questionamento do patriarcado, porque há, na verdade, uma apropriação seletiva de suas idéias, e as relações ainda são bastante assimétricas: ainda cabe ao homem chefiar a família e à mulher submeter-se à autoridade masculina.

A pesquisadora (2005) propõe que há mudanças também na subjetividade feminina. As mulheres, ao penetrarem no pentecostalismo, seriam incentivadas a uma autonomia em relação ao marido e aos filhos, elevando a auto-estima e conquistando uma autoridade moral diante da sociedade. Há, nesse processo, a expansão da cultura individualista das sociedades modernas num campo anteriormente marcado pela hierarquização e cuja célula era a família, e não o indivíduo. Isso facilitaria um maior desenvolvimento da participação feminina na

esfera pública através de atividades extra-domésticas e a formação de redes de sociabilidade, colocando a participação da mulher em outro nível em relação ao modo de organização anterior. É interessante perceber que há, para Machado (2005), uma troca entre homens e mulheres, com cada um mudando na direção das características culturalmente associadas ao outro. Toledo-Francisco (2002) traz, através de sua pesquisa, no relato de vários homens convertidos, a idéia de uma mudança drástica nas relações conjugais e no convívio familiar como um todo, passando o núcleo familiar a ser o centro prioritário para o homem. Esta mudança confirma a idéia proposta por Maria das Dores Machado, discutida anteriormente.¹⁰

Moreira (2006) afirma que o neopentecostalismo tem como uma de suas principais características o rompimento com o sectarismo e o ascetismo puritano do pentecostalismo tradicional. E isso seria algo novo: se por um lado as igrejas neopentecostais querem fugir das coisas do mundo, através da crítica ao álcool, ao fumo, aos bares, por outro há fortes mudanças. Como o autor salienta, a esfera do lazer e do sexo continua sendo vigiada, mas já não são interpretados com a carga negativa que existia antes. O sexo é entendido como algo prazeroso, e que, dentro do casamento, deve ser feito pelo prazer, e não só para a procriação. As roupas são bem mais liberais que em outras épocas, sendo permitido, por exemplo, o uso de biquínis nas praias, até mesmo com a intenção de salientar as curvas do corpo feminino.

Esta transformação tem origem nas grandes mudanças comportamentais ocorridas em meados do século XX, quando as religiões são obrigadas a lidar com certas questões que anteriormente não solapavam seu prestígio e poder. A divisão tradicional das tarefas domésticas convive, contemporaneamente, com a presença da mulher no mercado de trabalho, por exemplo. Porém, como escreve Machado (1999), as instituições religiosas pentecostais mais clássicas procuram orientar seus fiéis de modo a minimizar os efeitos de tais mudanças, propagando a idéia de que a antiga divisão deve ter prioridade nas escolhas da família. Diferentemente do homem, ao qual cabe prover a família, a mulher deve, a partir de exemplos retirados da Bíblia, valorizar os atributos da ordem tradicional de gênero, deixando outras atividades em segundo plano. Mesmo quando trabalham ativamente nas obras da igreja, as mulheres raramente têm acesso irrestrito à hierarquia eclesiástica, porque sua organização dificulta tal infiltração.

¹⁰ Tais mudanças, entretanto, não tornam a relação menos hierárquica. Ao contrário. De acordo com Machado (1996), as mulheres são incentivadas à submissão ao homem. O que acontece, nessa mudança relatada, é que as mulheres conseguem uma forma de interação social, indo mais ao mundo externo dentro de um contexto permitido e controlado, e os homens passam mais tempo com a família. Assim, a distância entre eles diminui, mas a relação é orientada a seguir uma hierarquia muito clara de submissão feminina.

Esta divisão entre clero e laicato é, de acordo com Nunes (1998 apud Toledo Francisco, 2002), exatamente uma divisão de gênero, repetidora da estrutura de poder de nossa sociedade. Para ela, os padrões de normalidade sobre a masculinidade e feminilidade construídos no discurso das igrejas funcionam como formas de controle, porque, internalizados como próprio e normal para a conduta da mulher, afastam-na de condutas diferenciadas, vividas como pecado e transgressão. Estes discursos encontram sua fundamentação em diversas passagens da bíblia, o que outorga aos pensadores cristãos a autoridade para legitimar a submissão feminina ao homem.

Mendonça (2008) destaca ainda a inserção do cristianismo na modernidade através da sacralização do consumo e da intervenção midiática. Este primeiro ponto tem relação indiscutível com uma das maiores características do neopentecostalismo: a Teologia da Prosperidade, que tornou a fruição do mundo material algo não só aceito, mas até incentivado como uma bênção de Deus. Para o autor, o neopentecostalismo surge no Brasil num período em que as fronteiras entre o sagrado e o secular se tornam cada vez mais borradas, e as próprias igrejas fogem dessa polarização, fruto de uma influência cada vez maior do pensamento secular. Há um esforço deliberado para adaptar a mensagem bíblica para as novas gerações, através de uma sacralização do profano. Isto, de acordo com Mendonça (2008), desemboca numa relativização da ética do consumo e da noção de santidade protestante. Em suas palavras,

a autonomia leiga e a concorrência institucional parecem conduzir as igrejas cristãs a uma orientação rumo às marcas da cultura contemporânea de rejeição de tradicionalismo, adoção de antigos processos mágico-religiosos e inserção na lógica de mercado e na cultura das mídias. (MENDONÇA, 2008, p. 225)

Como esse processo se reflete nas relações de gênero? De acordo com Machado (1996), o modelo de família idealizado pelos pentecostais, de uma forma geral, é o de base nuclear, da burguesia do século XIX, altamente hierarquizado. Porém, este modelo encontra hoje muitas dificuldades para se manter, e, para a autora, mesmo que contestem esta crise da família, a doutrina e ética pentecostais facilitam uma redefinição de posicionamentos. Para argumentar a favor desta hipótese pode-se comparar algumas mudanças sociais que, de forma mais ou menos intensa, encontram apoio na ética neopentecostal. Entre elas estão a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho; o aumento da aceitação das separações entre casais; a feminilização da chefia das famílias; a radicalização do processo de individualização das relações familiares, entre outros. Machado afirma que, mesmo que não

cheguem a superar a assimetria dos papéis das relações patriarcais, há a abertura de pequenas brechas para uma redefinição de gênero. De acordo com ela (1996, p. 191), “o ethos familiar que resulta dessa redefinição apresentaria assim pontos de contato com o processo de androginização social assinalado acima (...)”. Dessa forma, os limites da vida pública feminina e da vida privada masculina são reabertos e redefinidos. Há no neopentecostalismo, de acordo com Mendonça (2008), uma relativização da tradição cristã quanto a inúmeros conceitos e costumes que antes davam à mulher um lugar e importância muito diferentes em relação ao papel exercido no pentecostalismo clássico.

Há, então, uma grande adaptação à cultura dominante e uma evitação deliberada do sectarismo outrora exercido pelas igrejas pentecostais. Em vez de se afastar do mundo, o neopentecostalismo adota a política de enfrentá-lo, de combater o inimigo em seu próprio campo. Existem mudanças em diferentes aspectos, comparando-se com o pentecostalismo tradicional, de acordo com o Moreira (2006). Entre elas, estão as diferenças teológicas (escatologia intramundana), as diferenças comportamentais (abandono do ascetismo e puritanismo), e as diferenças sociais (diminuição do sectarismo). Essas mudanças tem exercido forte influência em outros grupos religiosos, inclusive na Igreja Católica, por causa da forte concorrência em busca de fiéis.

A própria compreensão do que seria uma mulher, de quais seriam suas características, tem mudado. De acordo com Jablonski (1998), a civilização cristã ocidental colocou na mulher a culpa pela expulsão do paraíso, e a mulher até bem pouco tempo vinha pagando caro por isto. Sua imagem no cristianismo era associada a fraquezas de caráter, inferioridade, pouca capacidade de resistir a tentações, sedutora, misteriosa. Nossa geração, entretanto, estaria vivenciando uma profunda mudança nesta ordem. Ainda há muitas demandas pelas quais lutar, mas as transformações nas relações de gênero na direção de maior igualdade são inegáveis. Porém, como salienta o autor, as pessoas não se modernizam em todas as facetas de suas vidas por inteiro, e, desse modo, o moderno convive lado a lado com o arcaico. Assim, a IURD mantém uma conduta em relação às relações de gênero que mantém aspectos modernos com tais aspectos arcaicos.

Para Toledo-Francisco (2002), há um processo acentuado nas igrejas neopentecostais de adequação da visão institucional às representações e experiências dos fiéis, no que diz respeito a questões como sexualidade, divórcio, representações de gênero ou papéis sociais na família. Assim, ao mesmo tempo em que os fiéis se adéquam à moral religiosa, eles também causam transformações na posição da própria igreja, ressignificando e readaptando valores do

restante da sociedade que anteriormente não eram aceitos pelas igrejas pentecostais. O processo de conversão e socialização numa igreja sempre é realizado de forma ativa, de modo que o fiel não recebe a doutrina sem reflexões e adaptações. É o que a autora chama de hibridização, uma espécie de apropriação seletiva da cultura do outro e que, estando as instituições neopentecostais em constante formação, termina por influenciar este processo de construção.

Para Machado (2005), essa flexibilização da moral neopentecostal tem origem na intensificação do trânsito religioso e na competição entre as estruturas eclesiais, que forçam uma competição ferrenha pelo fiel e dificultam a regulação e manutenção das pessoas numa mesma denominação. Em outras palavras, quem oferece as melhores estratégias de recrutamento tem melhores chances de ver seus cultos cheios. Nesse sentido, há nas igrejas neopentecostais, de acordo com a autora, uma grande capacidade de selecionar, ressignificar e incorporar elementos de outras religiões, além da adaptação à sociedade, culminando numa plasticidade e dinamismo paradoxais em comparação a uma das maiores características que marcou o pentecostalismo durante quase toda a sua existência: a luta pela manutenção dos costumes tradicionais.

Estas mudanças ocorridas no neopentecostalismo só acompanham, é verdade, as mudanças ainda mais profundas ocorridas na sociedade como um todo. De acordo com Jablonski (1998), a transformação nas relações de gênero alterou radicalmente as relações dentro da família. As novas demandas sociais surgidas nas últimas décadas provocaram uma saída da mulher na direção do mercado de trabalho, fazendo-a ausentar-se de casa. Concomitantemente, houve, também por conta desse processo, uma desvalorização do trabalho doméstico, fazendo com que as mulheres percam o apoio antes dado à vida de dona de casa. Se antes as mulheres da família se uniam para o trabalho doméstico, hoje este serviço é na maioria das vezes solitário e mal visto. O cuidado do lar e da família já não são as maiores aspirações da maioria das mulheres contemporâneas, que procuram alternativas como o aprofundamento dos estudos e a entrada no mercado de trabalho. Além disso, de acordo com o autor (1998), a diminuição drástica do número de filhos por casal que aconteceu nas últimas décadas contribuiu para que o foco do relacionamento seja mais o indivíduo do que a família. De fato, o individualismo, a idéia de que a satisfação individual é mais importante do que obrigações coletivas, encontra muita ressonância em nossa sociedade contemporânea. Todas estas mudanças tornam as relações entre homens e mulheres bem mais fluidas, e o casamento já não é mais indissolúvel, idéia que perde terreno cada vez mais no Brasil. Existe,

assim, mesmo que aos poucos e não sem percalços, um movimento na direção do igualitarismo, uma perda de força do patriarcado, e a modernização e melhoria do status das mulheres.

Porém, não custa lembrar que todas essas mudanças na direção de maior igualdade nas relações de gênero ainda são muito limitadas em relação à profundidade das mudanças ocorridas nas camadas médias urbanas. Ainda se tem, mesmo nestas novas configurações trazidas pelos autores citados, uma divisão muito clara da posição de cada gênero na sociedade, uma divisão com fortes marcas patriarcais que, embora traga alguns ventos de mudança, ainda colocam sob a responsabilidade do homem comandar a vida familiar. Como afirma Machado (1996), o pentecostalismo é claramente ambivalente em relação ao relacionamento entre os posicionamentos de gênero, porque, ao mesmo tempo em que permite uma grande mudança da posição feminina, por outro reforça a disparidade entre homens e mulheres, não rompendo completamente com o modelo hierárquico patriarcal. A autora, em outra publicação (1999), contrapõe algumas mudanças positivas para as mulheres com a constatação de que, embora tais rearranjos coloquem a mulher num papel diferenciado em relação à tradição católica brasileira, eles não são profundos o suficiente para promover uma compreensão da condição de subordinação das mulheres e o seu combate.

O próximo capítulo tratará da base teórica na qual se embasa a análise deste trabalho, com destaque para a concepção de linguagem e suas conseqüências para a Psicologia Social. Traz os principais conceitos que permitem a compreensão do fenômeno estudado a partir do ponto de vista da Psicologia Social Discursiva.

3. DISCURSO, LINGUAGEM, E A PSICOLOGIA SOCIAL DISCURSIVA

De acordo com Gergen (2007), a pós-modernidade tem apresentado muitos desafios ao paradigma tradicional da ciência e sua capacidade de compreender a realidade objetivamente. A própria noção de realidade tradicionalmente aceita é posta em dúvida, já que, para o autor, a pós-modernidade enfatiza a construção social do conhecimento, entende a idéia de objetividade como uma realização basicamente relacional, e dá à linguagem um papel importantíssimo na construção do mundo. Caberia a ela ser um meio pragmático através do qual as verdades locais se constituem.

Gergen (2007) salienta que o termo pós-moderno inclui diversos diálogos diferentes no mundo acadêmico, cujos conceitos centrais foram as noções modernas de verdade, racionalidade, objetividade, conhecimento individual, evidência e progresso científico. Dentro das ciências sociais vizinhas à Psicologia estes diálogos provocaram grandes impactos, que se refletiram em numerosas mudanças inovadoras tanto na prática científica quanto na própria concepção de ciência. Na Psicologia, entretanto, este movimento chegou com certo atraso. De acordo com a opinião de Gergen (2007), por causa da forte identificação desta disciplina com as ciências naturais. Porém, uma vez tendo repercutido, este movimento despertou muitos debates frutíferos.

Um dos principais campos onde esse questionamento aos métodos e teorias tradicionais na Psicologia reverberou foi o da Psicologia Social, com a adoção e desenvolvimento da análise do discurso como uma forma de pesquisar compreendida como respeitável e em ascensão.

De fato, de acordo com Antaki et. al. (2003), a análise do discurso se desenvolveu consideravelmente nos últimos anos dentro da Psicologia Social. No contexto acadêmico inglês, principalmente, trouxe novos métodos de outras áreas para a Psicologia, além de novas formas de se elaborar as questões relativas à disciplina, de forma que possibilitou reflexões novas e redefiniu os contornos do que seja o campo da Psicologia. Várias teorias e abordagens novas surgiram, de modo que tem se desenvolvido inúmeras formas diferentes de se pesquisar em Psicologia utilizando-se da análise do discurso. A abordagem na qual se baseia este trabalho é a Psicologia Social Discursiva, tal como desenvolvida por um conjunto de psicólogos sociais ingleses nas últimas três décadas (POTTER, 1998; BILLIG, 2008; POTTER; EDWARDS, 2001; POTTER; WETHERELL; GILL; EDWARDS, 1990).

3.1 A linguagem e a construção da realidade

Serão discutidos a partir de agora os principais conceitos da Psicologia Social Discursiva que subsidiam este trabalho. Considerando-se a importância da linguagem e do discurso em tal abordagem, a discussão se dará em torno principalmente da forma como ambos criam versões do mundo que atendem a determinados posicionamentos e interesses.

3.1.1 O discurso e a metáfora da construção

O papel exercido pela linguagem e pelo discurso no mundo humano, de acordo com Potter (1998), pode ser entendido a partir da contraposição entre duas metáforas muito difundidas no meio acadêmico. As duas metáforas tentam explicar o papel da linguagem na suposta expressão ou construção da realidade: são as metáforas do espelho e a da construção. Fazemos um breve esboço de cada uma.

A metáfora do espelho advoga que a linguagem reflete a realidade (ou o conjunto de objetos do mundo, como diz Potter) tal como ela é. Quando fazemos relatos de acontecimentos ou descrições, por exemplo, estamos realizando uma representação cujo conteúdo pode ser considerado factual e verdadeiro, se se aproxima de um bom reflexo do real (no caso, se o espelho que é a linguagem reflete com fidelidade o que é refletido), ou pode ser considerada mentira, falsidade ou deturpação, se o espelho parece deformado. Salienta Potter (1998) que essa metáfora sugere uma certa passividade da linguagem e do próprio ser humano em relação ao mundo. Afinal, o uso da linguagem serviria tão somente para expressar o que o mundo nos transmite. Nada teríamos de ativos nessa relação. Um exemplo do uso dessa metáfora pode-se ter no discurso científico, principalmente da ciência empirista. Há a idéia nessa concepção de ciência de que os dados observados falam por si sós, ou seja, que as conclusões e análises do cientista foram realizadas somente de acordo com o que os próprios dados colhidos demonstraram, dando a idéia de que não houve interferências subjetivas humanas naquela atividade.

Com relação à metáfora da construção, Potter (1998) afirma que ela funciona em dois níveis diferentes. Primeiramente, ela advoga que as descrições e relatos, em vez de simplesmente refletirem como um espelho a realidade, na verdade a constrói. Além disso, num segundo nível essas próprias descrições são construídas, são uma atividade humana, e, assim, poderiam ser feitas de outras formas. Ou seja, elas são construtivas e construídas.

Desse modo, não há relatos e descrições últimas sobre o mundo, mas versões. Em relação ao papel da linguagem, essa metáfora apresenta uma grande diferença em comparação à do espelho. Enquanto nesta última o espelho simplesmente reflete passivamente o que recebe, na metáfora da construção as pessoas e suas falas fabricam ativamente o mundo em que vivem, o que traz conseqüências importantes para a responsabilidade que temos ao dizer coisas. Nas palavras de Potter (1998, p. 130):

A realidade se introduz nas práticas humanas por meio das categorias e descrições que formam parte dessas práticas. O mundo não está categorizado de antemão por Deus ou pela Natureza, de uma maneira que todos nos vemos obrigados a aceitar. Constitui-se de uma ou outra maneira a medida em que as pessoas falam, escrevem e discutem sobre ele.¹¹

Assim, o modo como categorizamos e descrevemos homens e mulheres e suas funções na sociedade, por exemplo, diz muito de nossa cultura, e estas configurações se formam na medida em que falamos, escrevemos e discutimos sobre isso. De acordo com Wetherell e Potter (1992), mesmo a plausibilidade do conhecimento científico depende tanto quanto o conhecimento leigo de certas formas discursivas que, socialmente, lhe garantem respeito e dão uma idéia de veracidade. De fato, o que ocorre é que o que é considerado falso ou verdadeiro dentro da ciência muda regularmente, e não se pode considerar nenhuma teoria científica como definitivamente correta e atemporal, sem mais tarde ter que se deparar com inúmeros argumentos contrários. Não existem fatos nem dados que falem por si sós, independentes de uma interpretação, de uma versão. O modo de se expressar da ciência empirista é, também, uma construção discursiva, embora a maioria dos cientistas alinhados a essa perspectiva discorde disso, obviamente.

Existem inúmeras teorias diferentes que se baseiam em princípios construcionistas. Porém, pode-se dizer que elas têm uma base em comum, como veremos a seguir, e que orienta este trabalho. Gergen (1994 apud Potter, 1996) aponta algumas características básicas de uma visão construcionista da linguagem. Segundo ele, os termos e formas pelos quais nós compreendemos o mundo e nós mesmos são artefatos sociais, produtos de relações interpessoais situadas histórica e culturalmente. Uma determinada versão do mundo, dessa forma, não é mantida através do tempo pela sua validade objetiva, mas sim pelas vicissitudes

¹¹ Tradução livre. Original em espanhol: “La realidad se introduce en las prácticas humanas por medio de las categorías y las descripciones que forman parte de esas prácticas. El mundo no está categorizado de antemano por Dios o por la Naturaleza de una manera que todos nos vemos obligados a aceptar. Se constituye de una o otra manera a medida que las personas hablan, escriben y discuten sobre él.”

do processo social. Dado o caráter situado do discurso, estudá-lo significa, assim, estudar padrões culturais. Refletindo-se esse ponto, torna-se mais claro entender, segundo Potter (1996), o porquê de nas abordagens construcionistas as fronteiras entre Psicologia, Sociologia, História e Antropologia se tornarem obscuras.

Essa perspectiva construcionista inviabiliza tentativas de definir distinções simplórias entre o discurso descritivo verdadeiro e o discurso supostamente distorcido. Na análise do discurso da Psicologia Discursiva, a questão da verdade na construção da realidade se organiza de tal modo que não se trata mais de descobrir a veracidade ou falsidade de uma afirmação, mas sim de descobrir que mecanismos lingüísticos fazem com que uma afirmação pareça verdadeira ou falsa, ou seja, como eles são construídos como “fatos” livres de subjetividade, espelhos da realidade, ou como distorções, ou falsas representações. De acordo com Wetherell e Potter (1992), um dos perigos da perspectiva representacionista da realidade é que, ao trabalhar com a noção de verdade e falsidade, ela pode negligenciar, em nome de uma suposta objetividade, a realidade das práticas ideológicas implícitas nas orientações funcionais do discurso. Porque a orientação funcional do discurso não está necessariamente explícita em seu conteúdo.

Wetherell e Potter (1996) afirmam que o discurso é construído, em parte, com base no fato de que ele está conscientemente ou não orientado para a ação, e isso faz com que variemos o que falamos de acordo com nossos interesses particulares. Longe de ser um reflexo do que se passa na mente ou a mera descrição objetiva das coisas, o discurso se faz com base em construções com funções próprias, orientado para determinadas direções, o que o torna, essencialmente, algo construído. Para os autores, o termo construção é apropriado por três razões. Primeiramente, porque orienta o pesquisador para o lugar onde o discurso se fabrica a partir de recursos lingüísticos pré-existentes e com características próprias. Em segundo lugar, porque deixa claro que, embora o sujeito tenha à sua disposição estes recursos pré-existentes, ele escolhe o que for mais conveniente para suas intenções. Em terceiro lugar, o termo construção destaca o fato de que, baseado nas escolhas que fazemos, o discurso tem conseqüências práticas, e constrói o mundo em que vivemos.

3.1.2 A Psicologia Social Discursiva

A Psicologia Social Discursiva (PSD, de agora em diante), de acordo com Potter e Edwards (2001), é a aplicação de várias idéias da análise do discurso para os principais

tópicos pesquisados pela Psicologia Social. A PSD considera o discurso como fundamentalmente orientado para ação e construtor da realidade, e considera as ações realizadas no discurso como partes de práticas situadas. Potter e Edwards (2001) argumentam que enquanto a maioria das teorias psicológicas considera que existe uma realidade e uma mente fora da linguagem, a Psicologia Social Discursiva busca entender como tanto a noção de realidade quanto de mente são construídas pelas pessoas na linguagem, na medida em que atuam na sociedade em torno de determinadas intenções.

A PSD, de acordo com Potter e Edwards (2001), é construcionista em dois sentidos diferentes. Primeiramente, porque ela estuda o modo como o próprio discurso é construído. Para eles, as palavras, metáforas, idiomas, artifícios retóricos, descrições, relatos, formas gramaticais, etc., são construídos a partir da interação e na realização de ações determinadas. Em segundo lugar, ela estuda como o próprio discurso constrói versões do mundo. O discurso é, para Potter (1996), o princípio organizador central do processo de construção do mundo. Ou seja, como já foi mencionado anteriormente, para a PSD, o discurso é produtor e produzido. De acordo com os autores, (2001, p. 106), “a construção é estudada na Psicologia Social Discursiva como o processo de montar e tornar estáveis versões para fazê-las como factuais e independentes de seus produtores”¹².

Para Wetherell, Stiven e Potter (1987), a Psicologia Social Discursiva traz a possibilidade de lidar com o fato de que as falas e os textos, as ideologias expressas, os repertórios interpretativos, são na maioria das vezes contraditórios e inconsistentes. As pessoas têm comportamentos, opiniões, descrições, etc., que muitas vezes se chocam com o que disseram antes e irão dizer depois, de modo que uma análise do discurso que leve em consideração este fato possibilita uma compreensão melhor das ações e ideologias que estão sendo expostas nas falas e textos. Longe de ser um problema, a variação e contradição são recursos que facilitam a análise de tais ações.

3.2 *Repertórios interpretativos e posicionamentos*

De acordo com Potter et al. (1990), a metáfora da construção permite que se compreendam alguns pontos sobre a análise do discurso, e que são importantes para a temática discutida neste trabalho, pois lançam luz sobre a relação entre o discurso e a construção da realidade.

¹² Tradução livre. Original em inglês: “Construction is studied in DSP as the process of assembling and stabilizing versions to make them factual and independent of their producer”.

Os autores afirmam que o discurso é construído a partir de recursos lingüísticos que já existiam previamente. Assim, as práticas discursivas fornecem ao sujeito opções limitadas de sistemas, termos, formas narrativas, metáforas, lugares comuns, até mesmo formas gramaticais específicas nas quais as pessoas se baseiam para caracterizar e avaliar ações, eventos e outros fenômenos, e é a partir destas opções que um relato pode ser montado. Como se pode ver, o sujeito tem diante de si um repertório amplo de opções, das quais pode selecionar e escolher o modo que lhe convém de desenvolver suas descrições ou argumentações.

Potter et al. (1990) nomeiam estes agrupamentos de termos com a expressão “repertórios interpretativos”, cuja definição enfatiza principalmente o caráter contextualizado e situado do discurso utilizado para construir objetos, em contraste com as visões que o vêem como algo estático e o reificam. Potter (1996) afirma:

Repertórios interpretativos são conjuntos de termos sistematicamente relacionados, frequentemente usados com coerência gramatical e estilística, e frequentemente organizados ao redor de uma ou mais metáforas centrais. Eles são historicamente desenvolvidos e compõem uma parte importante do senso comum de uma cultura, embora alguns possam ser específicos de certos domínios institucionais.¹³ (POTTER, 1996, p. 131)

As pessoas, nas suas interações com as outras, e de acordo com suas intenções, selecionam os repertórios que melhor se adéquam às práticas que desejam efetuar. Ou seja, eles não constroem mecanicamente a realidade, mas de acordo com o tipo de versão que desejam fabricar. É sempre a partir de um contexto imediato que os repertórios interpretativos são escolhidos, de acordo com a sua adequação ao momento, assim como o repertório de movimentos de um bailarino. De acordo com Potter e Wetherell (1992), o conceito de repertórios interpretativos permite que o pesquisador distinga conjuntos contrastantes de termos como fazendo parte de discursos distintos, mas que fazem sentido quando se leva em consideração este conceito.

Para Potter (1996), o conceito de repertórios interpretativos destina-se primeiramente a ajudar na especificação e análise dos recursos interpretativos das pessoas. São, enfim, recursos lingüísticos disponíveis em diferentes situações e que são escolhidos na intenção de realizar determinadas ações. São recursos flexíveis, usados seletivamente de acordo com a

¹³ Tradução livre. Original em inglês: “Interpretative repertoires are systematically related sets of terms, often used with stylistic and grammatical coherence, and often organized around one or more central metaphors. They are historically developed and make up an important part of the common sense of a culture; although some may be specific to certain institutional domains”.

situação, e, segundo Potter (1996), as pessoas se baseiam em diferentes repertórios para produzir sentido sobre o mundo e realizar ações. Na opinião de Wetherell, Stiven e Potter (1987), o conceito de repertórios interpretativos enfatiza a questão da flexibilidade que a seleção de certos termos de acordo com a função do discurso possibilita para as pessoas.

Wetherell e Potter (1996) argumentam que o repertório interpretativo é uma ferramenta analítica. Segundo sua linha de raciocínio, o discurso é variável. As pessoas dizem coisas diferentes de acordo com a função daquilo que falam ou escrevem, de modo que muitas vezes uma mesma pessoa entra em contradição com o que disse em outra oportunidade. Fica claro, assim, que as opiniões e descrições efetuadas não são reflexos de pensamentos pré-formados e coerentes, mas produtos da orientação para a ação do discurso. Porém, essa variação se dá entre repertórios interpretativos diferentes. Estes repertórios são, na definição dos autores, unidades lingüísticas vinculadas e internamente consistentes. Os repertórios interpretativos seriam, então, os elementos essenciais usados na construção do discurso, e são constituídos por um determinado número restrito de termos usados de uma forma estilística e gramatical próprias. É, em resumo, uma espécie de padrão recorrente na construção de uma determinada orientação do discurso. A análise do discurso como entendida pela PSD não se resume à identificação e análise dos repertórios interpretativos, embora ele seja um conceito importantíssimo nesta atividade.

A experiência das pessoas a respeito de uma série de questões culturais e de identidade pessoal só pode ser entendida e expressa a partir dos repertórios disponíveis no discurso. Assim, de acordo com Davies e Harré (1990), o discurso tem um papel parecido com os esquemas conceituais da filosofia da ciência contemporânea, embora eles afirmem que os esquemas sugerem uma noção de que são estáticos e localizados na mente de cada pensador, enquanto o discurso sugere um processo público multifacetado no qual há uma construção dinâmica e progressiva dos sentidos.

É interessante notar que existe uma relação de influência mútua entre o sujeito e os discursos: os repertórios interpretativos já existiam antes de o sujeito nascer, de forma que ele não criou completamente o modo de se expressar. Apenas escolhe entre as opções já dadas. Visto deste ângulo, existe uma espécie de constrangimento do discurso em relação ao sujeito, ou, utilizando a expressão de Potter et al. (1990), é como se o discurso usasse as pessoas. Wetherell e Potter (1992, p. 61) chegam a afirmar: “o discurso é ativo, persuasivo e uma parte

dominante da estrutura da vida social”¹⁴. Em relação a essa questão, Davies e Harré (1990) argumentam que a força constitutiva das práticas discursivas está em prover posições de sujeito. Quando uma pessoa se posiciona em uma determinada prática discursiva, ela incorpora um repertório cognitivo e uma localização dentro da estrutura de direitos de quem usa tal repertório. Quando abraça um determinado posicionamento, a partir de então a pessoa passa a compreender o mundo pela ótica dessa prática discursiva, utilizando-se de suas imagens, metáforas, linhas de história e conceitos. Uma pessoa só terá sua existência como sujeito socialmente integrado se se posicionar em alguma das possibilidades oferecidas a ela.

Por outro lado, é importante considerar-se também que há uma escolha ativa do sujeito, uma flexibilidade em sua relação com os discursos, já que, embora os repertórios disponíveis sejam limitados e criados anteriormente, a orientação funcional nos faz escolher, conscientemente ou não, quais repertórios iremos utilizar entre uma multiplicidade de opções. No que diz respeito a isso, Davies e Harré (1990) dizem que elas estão inevitavelmente envolvidas, pois há numerosas e contraditórias práticas discursivas nas quais as pessoas poderiam se engajar, ou seja, o posicionamento é algo mutável de acordo com a ocasião. Para eles, o fato de nos posicionarmos torna possível que nos pensemos como sujeitos com escolhas, pois nos localizamos nas conversações a partir das formas narrativas com as quais temos mais familiaridade, além de levarmos para tais narrativas nossas próprias histórias vividas subjetivamente.

Como se pode ver, há uma relação de influência mútua entre a pessoa e o discurso, o que torna a história humana um processo sempre em construção. Para Davies e Harré (1990), uma pessoa é o resultado de variados processos de interação social, e dessa forma nunca é um produto fixo e acabado. De acordo com eles (op. cit., p. 9),

As estruturas sociais são coercitivas a tal ponto que, para ser reconhecida e aceita, uma pessoa terá que operar em seus termos. Mas, o conceito de pessoa que trazemos para qualquer ação inclui não apenas o conhecimento de estruturas e expectativas externas, como também a idéia que somos não apenas responsáveis por nossas próprias linhas, como também que há múltiplas escolhas tanto em relação com as possíveis linhas que podemos produzir, como também quanto à forma da própria peça. Somos, portanto, não apenas agentes (produtores/diretores) como também autores e protagonistas, e os outros participantes são co-autores e co-produtores do drama.

Dessa forma, o posicionamento torna-se um conceito crucial para a compreensão do processo de construção da pessoa e sua relação com os discursos. Para melhor compreensão,

¹⁴ Tradução livre. Original em inglês: “Discourse is active, compelling and a pervasive part of the fabric of social life”

posicionar-se pode ser entendido, a partir de uma definição de Davies e Harré (1990), como um processo discursivo no qual as pessoas são situadas nas conversações, através de aspectos autobiográficos que permitem a compreensão de como cada participante se concebe e concebe os outros, a partir das posições que cada um assume na história. Embora nos posicionemos e sejamos posicionados todo o tempo, ninguém está preso a um determinado posicionamento e suas respectivas práticas discursivas. Potter (1998) acrescenta que o conceito de posicionamento se refere às relações que os falantes e escritores mantêm com as descrições que realizam, ou seja, ao grau de distância ou proximidade que estabelecem com aquilo que dizem. De acordo com ele (op. cit., p. 159), “a posição é fundamental quando abordamos informes factuais, porque os falantes administram sua responsabilidade pessoal ou institucional para tais informes mediante a parafernália da posição”.¹⁵

3.3 *Linguagem, discurso e subjetividade*

O discurso, de acordo com Potter e Edwards (2001), pode ser considerado como falas e textos compreendidos como práticas sociais. Para os autores, esta definição leva em consideração o sentido do discurso como um objeto e como uma prática. Ele é essencial para a vida social humana, de modo que a maioria das atividades sociais envolve ou é diretamente conduzida pelo discurso, mesmo que estejam envolvidos aspectos não-verbais na situação, já que estes são sempre melhor entendidos através do discurso. Potter e Edwards (2001) argumentam que o discurso apresenta três características teóricas que são essenciais na compreensão e no desenvolvimento deste trabalho: ele é situado, orientado para a ação, e construído.

O discurso é considerado pela PSD como situado por duas razões. Primeiramente ele é ocasionado, ou seja, os textos e as falas estão, inevitavelmente, inseridos em alguma seqüência de interação em algum contexto específico. Os autores alertam, porém, para não se deixar levar por qualquer idéia determinista que isso possa parecer. O discurso, em vez de ser determinado pelo contexto, é orientado por ele, o que torna as coisas muito mais flexíveis. Em segundo lugar, o discurso é situado porque considera-se que ele seja persuasivamente retórico. Um determinado discurso é produzido muitas vezes para se contrapor a potenciais versões

¹⁵ Tradução livre. Original em espanhol: “La posición es fundamental cuando abordamos informes factuales, porque los hablantes administran su responsabilidad personal o institucional hacia tales informes mediante la parafernalia de la posición”.

alternativas e para defender uma determinada posição de tentativas de desqualificação, seja de que tipo for. Ou seja, para os autores, ele pode ter uma retórica tanto defensiva quanto ofensiva.

A concepção de linguagem que se entende aqui é a imanentista, abordada por Davies e Harré (1990). De acordo com eles, a linguagem existe somente em ocasiões concretas, específicas, nas quais ela é usada. Fora do uso não há linguagem, e essa idéia contrasta fortemente com uma visão transcendentalista, muito difundida no meio científico, cuja base supõe, na opinião dos autores, a existência de uma esfera abstrata, na qual existiriam entidades causais “potentes” que dariam forma à nossa fala. De acordo com esta perspectiva, várias produções humanas, como a conversação, por exemplo, são conseqüências de regras e convenções independentes de nossa produção.

Os autores argumentam, entretanto, que a noção de linguagem como algo feito na interação social é psicologicamente e socialmente é uma idéia melhor aceita pelas perspectivas construcionistas. Para Wetherell e Potter (1992), o uso da linguagem é essencialmente performativo e indexical. Entendida dessa forma é que se pode compreender sua força para posicionar o sujeito a partir das práticas discursivas (entendidas aqui como qualquer forma pelas quais as pessoas produzem ativamente realidades sociais e psicológicas), e construir a subjetividade através do aprendizado e uso de tais práticas.

Davies e Harré (1990) argumentam que os artifícios que são usados pelas pessoas, e que poderiam supor uma transcendentalidade da linguagem, como a gramática, por exemplo, só fazem sentido se são tomadas como importantes pelo locutor-ouvinte. Para os autores, o arquétipo das conversas atuais, na verdade, são as conversas anteriores, e não algo que nos transcenda. É na memória humana que reside a fonte pela qual foi construída a linguagem atual, e certos tipos de conversações passadas podem servir de modelo tanto positivo quanto negativo para conversações de hoje. Esta abordagem imanentista valeria não somente para a questão da linguagem e da conversação, mas serviria também para explicar as origens das produções humanas de forma geral, especialmente os conjuntos de regras sociais.

Potter (1998) salienta que, a partir destes aspectos mencionados sobre a função da linguagem na construção da realidade, é necessário não cair no erro de considerar que ela é simplesmente um sistema de classificação que se encontra entre sujeito e o mundo. Na verdade, é necessário considerá-la como uma prática social, com funções pragmáticas no discurso do sujeito em sua relação com as outras pessoas, no seu uso real. Uma descrição pode ter para quem descreve muito mais funções do que meramente descrever, já que há uma

grande quantidade de questões que podem interferir no processo de seleção e construção discursivas.

Para ele, as representações não podem ser separadas das práticas nas quais são utilizadas, ou seja, é necessário ter em mente o contexto no qual as descrições e representações são produzidas e o que se faz com elas, qual é sua função no contexto em que são utilizadas. A linguagem se produz continuamente, na interação. Não pode ser entendida como uma entidade imaginária interna, e dessa forma mesmo a descrição de estados sentimentais ou cognitivos internos não fogem dessa análise: devem ser também considerados como construções lingüísticas, práticas sociais com funções específicas.

Wetherell e Potter (1992), de fato, acrescentam que, assim como a realidade humana é construída nas práticas discursivas, disso também não difere a própria realidade psicológica. Para eles, os processos psicológicos não estão contidos dentro dos indivíduos. Ou seja, o discurso constrói ativamente, define e articula tanto os processos sociais quanto os psicológicos, e nisso pode-se incluir termos que tradicionalmente foram utilizados justamente para demarcar o campo do individual, como “subjetividade” e “individualidade”. De acordo com os autores, a própria noção de indivíduo é uma construção discursiva, delimitada social, histórica e culturalmente. São as práticas sociais que definem o que é um ser humano (vide a opinião dos portugueses em relação aos negros escravos no Brasil colônia), o que é a mente, o que é subjetivo e objetivo, o que é individual e o que é social, ou que é a personalidade, o que é homem ou o que é mulher e quais são seus lugares na sociedade. Na verdade, a noção de indivíduo atual de nossa cultura é relativamente recente, e mesmo hoje há diferentes versões divergentes tanto em outras culturas como dentro da nossa.

Os processos que são considerados como mentais e individuais, de acordo com Wetherell e Potter (1992), residem no discurso, como parte de uma negociação coletiva, de um debate argumentativo. Conceitos como personalidade, intenção, motivação, por exemplo, são construídos e organizados discursivamente, como um ato público, e mudam de cultura para cultura, de época para época. Dessa forma, como não há um substrato mental, conceitual e cognitivo comum a todas as pessoas, e as mesmas práticas discursivas podem gerar compreensões e atos completamente diferentes, isso inviabiliza qualquer tentativa de compreensão compartilhada. Como dizem Davies e Harré (1990), o que parece óbvio para uma posição não é necessariamente compreensível para quem partilha da mesma situação em posição diferente.

Segundo Wetherell e Potter (1992), até mesmo a noção de identidade, quem o sujeito pensa que é, é fabricada através de atos discursivos. Assim, a separação entre os objetos do mundo interno e os objetos do mundo externo fica comprometida, dado o papel do discurso em sua formação. Os autores (1992) afirmam:

Histórias internas e relatos privados são frequentemente impossíveis de serem falados, mas eles não são menos discursivos. De fato, a própria distinção entre público e privado é uma construção discursiva a qual nós não damos tanto valor – muito do material “privado” pode ser designado dessa forma por questões de etiqueta e responsabilidade, mais do que por ele existir em um campo epistemologicamente fechado.¹⁶ (WETHERELL; POTTER, 1992, p. 78)

As formas de subjetividade e a identidade, para eles, devem ser vistas como construídas a partir de uma sedimentação de práticas discursivas passadas, que fornecem repertórios interpretativos disponíveis na cultura. Estes repertórios circulantes darão as ferramentas para que as pessoas fabriquem suas subjetividades discursivamente. Ou seja, a construção da identidade só pode ser feita a partir das narrativas que estejam disponíveis na cultura. Esta forma de conceber a construção da identidade, de acordo com Wetherell e Potter (1992), enfatiza a fluidez, a flexibilidade e a variabilidade. Obviamente esta sedimentação de práticas discursivas, em nível individual, faz com que surja uma continuidade no sujeito, de forma que ele não se constrói do zero a todo instante. Como afirmam Davies e Harré (1990), as pessoas são caracterizadas tanto por uma identidade pessoal continuada quanto por uma diversidade pessoal descontinuada. É uma mesma pessoa que se posiciona de muitas formas diferentes numa conversação.

Para eles, a idéia de que somos pessoas com identidades unitárias faz com que ignoremos as diversidades e contradições existentes nas práticas discursivas que escolhemos, em favor de consistência e unidade, exigência tanto nossa quanto das outras pessoas. Não percebemos, assim, que as práticas discursivas que adotamos não foram produzidas por nós mesmos, e as tomamos a partir de nossas experiências singulares, separadas do social.

Gergen (2007) argumenta que a linguagem é algo que precede e sobrevive ao indivíduo, de modo que falar como um agente racional é participar de um sistema que já está constituído. Desse modo, aquele que está inserido numa dada cultura bebe de gêneros já existentes, e apropria-se de formas de práticas discursivas que já têm um lugar na sociedade.

¹⁶ Tradução livre. Original em inglês: Internal stories and private accounts are often ‘unspeakable’, but they are none the less discursive. Indeed, the very distinction between public and private is a discursive construction which we do not want to take at face value – much ‘private’ material may be so designated because of issues of etiquette and accountability rather than because it exists in an epistemologically sealed realm.

Assim, o que se chama de racionalidade individual e privada não é mais que uma participação cultural, construída coletivamente. Os termos “racional”, “objetivo”, “interno” e todos os outros tão importantes para a modernidade só fazem sentido dentro de uma determinada cultura, e só são considerados legítimos porque são aprovados a partir de códigos do discurso comum que são fabricados pelas pessoas. De acordo com Gergen (2007), a forma como falamos é intimamente entrelaçada com os padrões da vida cultural, de modo que eles mantêm e apóiam certas maneiras de fazer as coisas e impedem que outras surjam. Assim, a orientação funcional do discurso ganha muita importância, tornando-se essencial questionarmos sobre os efeitos dos vocabulários predominantes nas relações.

Além disso, Gergen (2007) afirma que dentro dos textos da pós-modernidade não há bases para sustentar a idéia de que existe um mundo externo disponível para ser observado, muito menos que ele esteja refletido na linguagem. Quando se fala, então, de mundo material ou relações causais não se está descrevendo o mundo tal como ele existe, mas sim participando, como diz o autor, de um gênero textual, utilizando-se de um repositório de inteligibilidades que constituem uma tradição cultural particular. O autor afirma que a concepção moderna do ser humano, que se propõe revelar a realidade e a verdade universalmente válidas, é produto de uma tradição particular, que inclui as instituições nas quais está imersa, além de seus gêneros lingüísticos. A linguagem, dessa forma, se torna crucial para dirigir e interpretar qualquer observação que seja feita.

A modernidade carrega subentendida nas suas bases uma concepção de linguagem que a entende como um reflexo da realidade. De acordo com Gergen, se a mente individual adquire conhecimento objetivo do mundo, e a linguagem se constitui como um meio de expressar o conteúdo de nossas mentes, logo conclui-se que ela é uma portadora da verdade. Ainda hoje, para o autor, a ciência trata a linguagem como um mero meio para transmitir aos pares e à cultura os resultados das observações e de nossos pensamentos. Ela serviria basicamente para representar a natureza do mundo tal como é vista, e tal representação pode ser submetida à verificação ou falsificação, pode ser testada e provada. As palavras, assim, descrevem o mundo exatamente como ele é.

Essa concepção é considerada até mesmo opressiva por Gergen (2007), porque esconde algumas hierarquias acerca do uso da racionalidade, justificando estratégias de dominação que nem sempre são percebidas, disfarçadas de idéias racionais e legítimas por dizerem uma verdade natural. Para ele, a linguagem é um produto do intercâmbio humano, e não faria sentido pensar a linguagem se não for como um evento essencialmente relacional.

Construir sentidos sobre o mundo é uma forma de participação social, o que reforça o caráter interdependente dos seres humanos. A linguagem, de acordo com Gergen (2007), não é um produto da mente, mas sim dos processos culturais, de seu uso prático. Nossas descrições e explicações do mundo se originam nas relações sociais, em debates retóricos e acordos. Potter (1998) acrescenta que até mesmo os flashes de memória não podem ser considerados um relato fiel do que ocorreu.

Em resumo, a idéia de Gergen (2007) é que a linguagem, nas perspectivas construcionistas, constitui o mundo, e gera/sustenta certas formas de prática cultural. Assim, não há como produzir um conhecimento que seja um espelho da natureza, e o que se faz quando se tenta enveredar por este caminho é, efetivamente, participar das convenções e práticas interpretativas de uma cultura em particular. São os paradigmas teóricos que orientarão o que encontraremos quando observarmos o mundo. A distinção entre fatos e valores torna-se, dessa forma, problemática, assim como a noção de neutralidade científica. Todo o trabalho científico, mesmo que se suponha neutro, além de ter pressupostos fabricados culturalmente, tem conseqüências que nem de longe são neutras. Quando uma cultura privilegia certas formas de produzir conhecimento em detrimento de outras, ou favorece certas formas de vida à custa da destruição de outras, se faz necessária uma profunda reflexão ética e política sobre o caminho que se está trilhando. Conhecimento, para o autor (op. cit.), não é algo neutro, de modo que precisamos pensar nos pressupostos e conseqüências culturais e sociais do que construímos.

Além disso, os discursos são formas de práticas sociais, de forma que não faz sentido separar o conhecimento teórico da prática. O discurso é orientado para a ação. Ele é, de acordo com Gergen (2007), de grande importância porque se organiza como um convite para a atuação em certas formas por oposição a outras e, dessa forma, é constitutivo da vida cultural. Porém, é interessante prestarmos atenção para que não se trate como real e existente fora do discurso, ou seja, como existentes ontológicos, os conceitos e explicações produzidos discursivamente.

Entretanto, o fato de que se considera a realidade como algo provisório e socialmente construído não tiraria, para ele, seu poder e sua importância. Se os valores, os conceitos e as descrições são entendidos como produzidos retoricamente no discurso, isso não os torna menos válidos do que se existissem independentes da linguagem. Torna-nos, no máximo, mais humildes em relação às nossas crenças e mais abertos a debates com outras formas de construir a realidade. Não há, definitivamente, qualquer pensamento nas teorias

construcionistas que sustente a idéia de que, por serem as tradições construídas no discurso, elas não tenham valor e possam ser destruídas. Pelo contrário, é a crença de que há uma realidade objetiva e que a linguagem é seu espelho que tenta calar outras formas alternativas de compreender a relação entre linguagem e realidade. Como afirma Gergen (2007, p. 104), “quando compreendemos os valores como situados histórica e culturalmente, estamos mais preparados para nos envolver nos tipos de diálogos a partir dos quais podem surgir novas e mais viáveis constelações de significado”¹⁷

3.4 *Discurso e sua orientação para a ação*

De acordo com Wetherell e Potter (1996), muitas teorias da Psicologia Social ainda apresentam uma compreensão considerada pelos autores como antiquada. Tais teorias entendem os atos de linguagem como meios neutros e transparentes entre o sujeito e o mundo, e o discurso seria, nessas teorias, uma mera descrição de um estado ou acontecimento mental. Embora se compreenda que possa estar distorcido por inúmeros fatores, o mais comum é que se considere o discurso como uma forma simples e neutra de refletir os processos reais que acontecem na mente.

Os autores, por outro lado, destacam o surgimento e crescimento constante de teorias que levam em consideração a orientação para a ação presente no discurso, o que inviabiliza qualquer compreensão da linguagem como algo neutro e simplesmente especular de estados mentais. Eles argumentam que o discurso é, em si próprio, uma prática social, com características particulares e conseqüências práticas.

Uma das principais características do discurso, essencial para a base teórica deste trabalho, é a orientação do uso da linguagem para a ação. Isso significa, em outras palavras, que uma pessoa, ao falar, escrever um livro, um jornal, ou o que quer que seja, está fazendo coisas com este discurso. Além das ações mais óbvias e intencionais, é importante levar em consideração também as conseqüências não intencionais e mais amplas daquilo que fazemos discursivamente. De acordo com Wetherell e Potter (1996), estes dois aspectos, as ações mais intencionais e particulares, quanto suas conseqüências mais amplas, são agrupadas sob o termo “função do discurso”. Nas palavras dos autores (1996, p. 01),

¹⁷ Tradução livre. Original em espanhol: “Quando comprendemos los valores como situados histórica y culturalmente, estamos más preparados para involucrarnos en el tipo de diálogos a partir de los cuales pueden surgir nuevas y más viables constelaciones de significado”.

Podemos pensar em um contínuo desde funções mais “interpessoais”, tais como a explicação, a justificação, a desculpa, a culpabilização etc., que definem o contexto discursivo local, até os mais amplos propósitos para os quais podem servir o discurso, onde, por exemplo, um analista social poderia desejar descrever uma explicação, de forma muito ampla, como tendo um tipo particular de efeito ideológico no sentido de legitimar o poder de um grupo em uma sociedade.¹⁸

Embora, segundo os autores, muitas vezes seja fácil perceber quais são as funções às quais estão servindo um determinado discurso, outras vezes é interessante para o sujeito ou instituição tentar esconder suas intenções, de modo que a função do discurso, as ações exercitadas nele, tanto as mais pessoais como as mais amplas, não sejam percebidas prontamente. Por exemplo, muitas vezes um determinado discurso serve para manter relações de dominação, ou para manter os privilégios de um grupo em especial na sociedade. Wetherell e Potter (1996) argumentam, então, que as funções são mais facilmente compreendidas para o pesquisador através do estudo da variabilidade. Isto significa, falando de outra forma, que, ao tentar discursivamente realizar uma ação, aquele que fala ou escreve o faz de forma diferente de acordo com seu interesse. Cada ação leva a uma forma diferente de se construir o discurso, mesmo que, postas uma contra a outra, elas pareçam incoerentes entre si. As pessoas, mostram os autores, entram em contradição com muita frequência, porque, ao intentar uma determinada ação, dizem coisas que se chocam com o que disseram antes, tentando realizar uma outra ação diferente. Ao estudar essa variabilidade do discurso, é possível, assim, tentar compreender a função que esse discurso está cumprindo, já que certas funções levam, em geral, a certos discursos específicos.

Já que a Psicologia Social Discursiva considera o discurso como orientado para a ação, é interessante termos uma noção do que os autores consideram que seja uma ação. De acordo com Potter e Edwards (2001), uma ação ou prática diz respeito a uma série de tarefas práticas, técnicas e interpessoais que as pessoas realizam no decorrer de suas atividades cotidianas e na participação social e cultural em variados domínios. Nas palavras dos autores (2001, p. 105), “é central para a vida das pessoas, e portanto central para entender tais vidas”¹⁹. A noção de que o discurso é orientado para a ação se aplica não só às falas visivelmente interessadas, mas

¹⁸ Tradução livre. Original em espanhol: Podemos pensar en un continuo desde funciones más “interpersonales”, tales como la explicación, la justificación, la disculpa, la culpabilización, etc., que definen el contexto discursivo local, hasta los más amplios propósitos para los que puede servir el discurso, donde, por ejemplo, un analista social podría desear describir una explicación, de forma muy amplia, como teniendo un tipo particular de efecto ideológico en el sentido de legitimar el poder de un grupo en una sociedad.

¹⁹ Tradução livre. Original em inglês: “It’s central to people’s lives, and therefore central to understanding those lives”.

mesmo para os discursos supostamente restritos a descrever factualmente algo objetivamente. Por trás de repertórios interpretativos à primeira vista desinteressados, há uma orientação para determinadas ações. A PSD, para Potter e Edwards (2001), se foca no que as pessoas estão fazendo no discurso, e no modo como elas produzem versões do mundo através dele.

A análise do discurso do modo como é feita na PSD, segundo Wetherell e Potter (1996), não é simplesmente a análise de suas funções. Isso se dá principalmente porque as funções de um discurso não estão, na maioria das vezes, diretamente disponíveis para o pesquisador, já que a orientação para a ação está em boa parte escondida por razões de interesse do sujeito que comunica. Além disso, as conseqüências mais amplas do discurso também não são fáceis de se localizar. A análise do discurso, de acordo com Wetherell e Potter (1996), não busca a produção de leis empíricas amplas, que possam ser universalmente aplicadas a todos os seres humanos. Os resultados encontrados nas pesquisas em Psicologia Social Discursiva se referem somente à amostra escolhida, no tempo em que foi realizada a pesquisa. Longe de ser um problema, os autores argumentam que isso só reflete o caráter imanente do discurso, já que ele é construído por pessoas inseridas em uma determinada cultura, num determinado local, com um conjunto de repertórios interpretativos específicos disponíveis numa determinada época. A Psicologia Social Discursiva, desse modo, leva em consideração a complexidade envolvida na produção discursiva humana e suas nuances ideológicas.

Davies e Harré (1990) trazem algumas contribuições interessantes sobre o papel da conversação na produção de atos de fala. Eles a entendem como uma forma de interação social cujos produtos também são sociais. A conversação é um produto de ações conjuntas de todos os participantes, e as ações derivadas dela só podem fazer sentido, ou de certa forma, só podem ocorrer, se houver um acordo entre todos a respeito de seu significado. De acordo com os autores, (1990, p. 03), “um speech-action pode se tornar um speech-act decisivo na medida em que assim for considerado por todos os participantes. Dessa forma, o que foi dito evolui e muda à medida que a conversação se desenrola”.

Levando-se em consideração que o discurso é uma construção voltada para a ação, supõe-se daí que diferentes tipos de atividades produzem diferentes tipos de discursos. Ou seja, a função do discurso terá grande influência no modo como ele será construído, mesmo que seja uma descrição de um mesmo objeto. Por exemplo, ao se descrever uma ação de outra pessoa da qual se queira enfatizar os aspectos negativos, o sujeito escolherá, provavelmente, palavras e construções lingüísticas diferentes em relação às que escolheria caso quisesse

elogiar a ação da referida pessoa. Para Potter et al. (1990), a variação entre os relatos descritivos de um mesmo fenômeno é surpreendente. Esta variação, de acordo com os autores, tem estreita relação, como já foi mencionado, com a orientação funcional do discurso, e dessa forma é possível prever que certas orientações funcionais levarão a determinadas variações sistemáticas, assim como certas variações sugerem determinadas orientações funcionais.

É necessário enfatizar também que para os autores esse processo ativo não é de forma nenhuma mecânico, e ocorre dentro de um contexto retórico: assim como um interlocutor utiliza o discurso para uma determinada ação, como, por exemplo, fazer uma acusação, o outro interlocutor também tem um repertório que o permite contra-argumentar e não aceitar passivamente o que lhe é atribuído. A análise do discurso, na PSD, passa necessariamente pela retórica, se levarmos em consideração esta característica.

Billig (2008), de fato, afirma que, se há sempre dois lados para uma questão, uma versão produzida por uma pessoa é, no mínimo, algo potencialmente controverso e questionável por outras. Ele argumenta que mesmo o pensamento, tido como algo individual pela psicologia tradicional, é como um debate interno silencioso. Assim, as teorias psicológicas e retóricas têm uma conexão muito íntima, já que argumentar e pensar estão profundamente relacionados.

Para Billig (2008), uma perspectiva retórica enfatiza o caráter discursivo das pessoas. Além do próprio sujeito ser, digamos assim, mais de um orador, se levarmos em consideração os debates argumentativos do pensamento, ele está todo o tempo argumentando com outros oradores. Indo pelo mesmo caminho, Potter (1996) acrescenta que a análise do discurso concentra sua atenção nas falas e nos textos como práticas sociais e nos recursos retóricos que tornam estas práticas possíveis. Além da análise dos repertórios interpretativos, fazem parte da análise do discurso baseado na PSD, por exemplo, estudos do modo como ações específicas são realizadas discursivamente, ou quais são os artifícios retóricos utilizados na construção de versões factuais do mundo

A retórica ganha imensa importância na Psicologia Social Discursiva, na medida em que ela compreende o pensamento como algo cheio de dilemas argumentativos cuja estrutura deriva principalmente dos repertórios interpretativos encontrados na cultura (POTTER, 1996). A PSD, segundo Wetherell, Stiven e Potter (1987), preocupa-se principalmente com o modo como a linguagem se organiza e as conseqüências desta organização, como os relatos são construídos, que efeitos certos relatos provocam, e como as pessoas constroem um mundo social coerente a partir de certos repertórios interpretativos.

Voltando à explanação de Potter et al. (1990), podemos afirmar que, se a realidade se constrói discursivamente na prática cotidiana, não se pode ter uma noção de discurso que não uma que o entenda como uma prática humana que se faz e refaz todos os dias de acordo com os contextos. Os autores criticam particularmente uma idéia reificada dos discursos, como se eles fossem objetos independentes separados dessas práticas, como conjuntos coerentes e sistematizados, sem brechas, e que formam blocos compactos. Como os autores salientam, essa noção de discurso coloca os processos de interesse como discursos abstratos, descontextualizados do momento prático em que são usados, atuando contra outros discursos abstratos. É preciso levar sempre em conta que discursos ou repertórios interpretativos devem ser considerados no contexto específico de seu uso. De acordo com eles,

os objetos são construídos na fala e no texto de modo a cumprir ações, e as ações podem ser estudadas justamente em termos de contexto – encaixe e variabilidade, incluindo endosso – e dos modos em que fenômenos como alternância, respostas e reações têm implicações para estas ações (POTTER et al.1990, p. 5)

3.5 *Versões e factualidade*

A Psicologia Discursiva de Potter (1998) entende a construção social da realidade a partir de três aspectos analíticos. Primeiramente, é anticognitivista. Isso significa que sua compreensão da construção não é como um processo mental que comportaria o aparato cognitivo de esquemas, memórias e representações sociais. De acordo com o autor, esta perspectiva desvia a atenção do modo como se organizam os relatos factuais e do modo como eles se encaixam nas interações particulares. Uma orientação cognitivista tende a um individualismo que se distancia de uma visão da construção dos fatos como prática humana social. O segundo aspecto destaca a importância do discurso enquanto prática social, e não como reconstrução dela. O terceiro ponto destaca a organização retórica da construção dos fatos.

Com relação a esta idéia de que o que existem são versões da realidade, Potter (1998) destaca, baseado neste ponto, a importância da retórica como um aspecto da relação antagonica entre versões, pois ela tratará de como algumas versões se contrapõem a outras alternativas, e como se organizam, ao mesmo tempo, para resistirem a uma oposição.

Para Potter (1998), o discurso descritivo e factual, além de ter uma orientação para a ação, tem também uma orientação epistemológica. Ou seja, ao se fazer uma descrição, há por um lado uma ação a se realizar através desta descrição. Por outro lado, há um interesse, por

quem faz uma descrição, de construí-la de modo a lhe dar um status de versão factual, de mostrá-la como uma descrição fiel da realidade tal como ela é, e não como uma simples versão. Porém, ele argumenta que essas duas orientações são inseparáveis, se mesclam e se vinculam com a ação em si. Potter (1998) afirma que as descrições são usadas como meios de realizar uma ação porque normalmente as ações em questão podem ser consideradas de alguma forma problemáticas. A aparência factual que esta construção discursiva lhe dá, dessa forma, possibilita que ela seja orientada para a ação ao mesmo tempo que tem um aspecto de objetividade, neutralidade e frieza, ou seja, independência em relação a quem fala. Assim, elas buscam controlar o chamado dilema da conveniência, ou seja, controlar a relação entre o que uma pessoa diz e as prováveis acusações de seus interesses pessoais em dizer o que diz. Esse é um aspecto fundamental da produção de um discurso factual, e gerenciar adequadamente essa questão é essencial para quem quer produzir uma versão dos fatos que seja confiável para quem ouve.

Dessa forma, a aparência factual de supostamente ser um relato fiel da realidade é uma característica construída discursivamente, com ajuda da retórica, embora as pessoas usualmente não tenham plena consciência desta característica de suas falas. Há inúmeros recursos para transformar uma versão da realidade em algo factual. Como afirma Potter (1998), os processos de construção de fatos não precisam atuar simplesmente sobre eles, pois podem também atuar sobre os recursos que formam os fatos. De acordo com o autor, eles buscam coisificar as descrições para que elas pareçam sólidas e literais. De modo inverso, existem outros recursos que buscam desqualificar uma dada versão, para que ela perca seu caráter factual.

O autor (op. cit.) divide o processo de construção de fatos em dois grupos. Primeiramente, existem os recursos que se focam na identidade do falante, que permitem, por um lado, desmerecer uma descrição factual pelas conveniências e interesses de quem fala, e por outro, permitem fortalecê-las aludindo à sua autoridade. Há, neste ponto também, as vacinas para se proteger contra acusações de conveniência. Em segundo lugar, estão os recursos que tentam destacar a independência existente entre o falante e a descrição.

Com relação ao argumento pela autoridade, Potter (1998) afirma que, se se acredita que certas categorias de pessoas têm um conhecimento maior sobre determinadas coisas, então as informações e descrições apresentadas por estas pessoas terão um crédito especial junto a quem ouve. É uma estratégia bastante utilizada pela mídia, que para tornar suas versões dos fatos mais plausíveis aos leitores, trazem regularmente opiniões dos chamados

especialistas, que servem de fiadores às opiniões da imprensa. Ou mesmo quando contamos uma história e a creditamos a “um amigo”. O fato de ser um amigo de quem fala, mesmo que desconhecido do resto das outras pessoas, aumenta a credibilidade da história. Essa atitude é, como não poderia deixar de ser, negociada retoricamente, e existem formas de desmerecê-la.

Potter (1998) traz também ao debate sobre a factualidade das descrições a questão dos detalhes. De acordo com ele, esse aspecto constitui-se como muito importante para transformar uma versão da realidade em algo que seja considerado fiel. Descrições detalhadas minuciosamente ajudam, por exemplo, a dar crédito a uma determinada descrição de um fato, pois dão a impressão de que o falante esteve presente e, mesmo que não sejam importantes para a descrição em si, creditam autoridade àquele que fala. Além disso, o interesse em detalhar às vezes se junta ao interesse em organizar a descrição na forma de uma narrativa. Esta forma é utilizada para aumentar a credibilidade de uma descrição, porque a insere numa seqüência na qual o que se descreve torna-se algo esperado, ou até mesmo necessário. Por outro lado, há ocasiões em que a vagueza é mais adequada à intenção de tratar uma descrição como factual, pela possibilidade de manter uma descrição orientada para a ação sem a necessidade de inserir informações que poderiam ser questionadas. O autor (op. cit.) argumenta que tratar o gerenciamento do detalhamento como uma construção retórica não significa de modo algum que ele não tem importância na construção de fatos, mas sim que se pode produzi-lo e desenvolvê-lo pelas suas propriedades em tal atividade.

Diante de tamanha complexidade, se torna difícil manter a posição de que a linguagem é um espelho da realidade, porque para as mais simples descrições há diferentes formas pelas quais o sujeito pode optar em suas escolhas lingüísticas e retóricas. Assim, as escolhas que se faz durante o discurso revelam bastante da própria orientação e dos interesses do orador. Uma conclusão que Potter et al. (1990) tiram destas considerações é que estamos lindando, todo o tempo, com construções discursivas ou *versões* do mundo. Se cada um tem múltiplas opções de como atingir seus fins através da fala, então o que se nos apresenta são argumentações, são versões de um mundo que pode bem ser apresentado em outros termos diferentes. Dessa forma, os textos e falas constroem o mundo, já que cada um fabrica seu discurso sobre ele de acordo com suas escolhas conscientes ou inconscientes.

3.6 A constutividade do discurso

Wetherell e Potter (1992) enfatizam que o papel do discurso na construção da realidade não é meramente parcial, ou constitutivo somente sob certas condições. Ele é inteiramente constitutivo, e, de fato, não haveria realidade objetiva independente de discursos. De acordo com os autores, não é que não exista nada a não ser discurso. A questão é que somente conhecemos o que existe através de um relato socialmente contingente, e historicamente específico. Não significa que algo que seja construído socialmente não seja real, e não tenha efeitos reais sobre a vida das pessoas. Mas tais fenômenos são datados, além de que estas manifestações não podem ser separadas de palavras. E, se refletirmos, veremos que aquilo que parecia natural e apresentando uma realidade independente de nossas práticas discursivas pode ser feito de forma diferente.

Complementando essa conclusão, temos a fala de Stuart Hall, citado por Wetherell e Potter (1992), que reflete de maneira clara sobre o papel do discurso na construção da realidade. Ele afirma que eventos, relações e estruturas tem condições de existência e efeitos reais fora da esfera do discurso. Mas, argumenta Hall, somente dentro dessa esfera e sujeita a suas condições, limites e modalidades é que eles podem ser construídos com significado. De acordo com ele, o modo como as coisas são representadas e os regimes de representação numa cultura têm um papel constitutivo, e não simplesmente refletem um fenômeno que ocorreu anteriormente. Isso dá às questões de cultura e ideologia e aos cenários de representação, como a subjetividade, a identidade e a política, um papel constitutivo da vida política e social, e não meramente expressivo.

Wetherell e Potter (1992) esclarecem que sua perspectiva não é de forma alguma subjetivista. A realidade material existe independentemente do desejo de quem quer que seja, e não se pode evitar isso. A questão é que não há como entender essa realidade material se não for através da linguagem, de forma que mesmo tal realidade está impregnada de discurso. Além disso, não se pode esquecer que os repertórios interpretativos são uma construção social, de modo que quando um sujeito fala sobre uma dada realidade, ele está usando uma forma de discurso pré-existente produzido socialmente, com toda uma história passada, e não uma criação mental individual.

Em relação a isso, Gergen (2007) adverte também que não acredita simplesmente que não existe nada fora das construções lingüísticas. O que está em jogo em suas idéias é que, ao descrevermos ou explicarmos o que existe, aí sim não há como escaparmos de uma pré-estrutura de inteligibilidade compartilhada. A verdade está contida nos acordos e convenções

socialmente produzidos, e fora deles qualquer evidência que seja não será levada em consideração. De acordo com o próprio autor (op. cit., p. 101),

“dizer a verdade”, de acordo com esta exposição, não é formar uma imagem exata “do que realmente passou”, mas participar em um conjunto de convenções sociais, uma forma de por as coisas aprovadas dentro de uma “forma de vida”. “Ser objetivo” é julgar com regras de uma tradição específica de práticas sociais.²⁰

Por fim, é importante refletirmos, no trabalho de pesquisa baseado na Psicologia Social Discursiva, sobre as palavras de Billig (2008), que chama atenção para um fato a ser levado em conta por quem trabalha com análise do discurso. Para ele, aquele que usa a análise do discurso como ferramenta de investigação precisa prestar atenção ao paradoxo que é investigar a linguagem usando a ferramenta a própria linguagem. Segundo ele, não há ferramentas diferentes para levar esta atividade adiante. A análise do discurso não existe, assim como quase todo o mundo humano, fora da linguagem que ela mesma investiga, analisa e critica. Assim, é necessário analisar o uso que o próprio pesquisador está fazendo da linguagem, que discursos está utilizando, que repertórios está escolhendo e que conseqüências isto tem, ou seja, que ações ele está realizando quando escreve aquilo que escreve. O analista do discurso precisa estar atento à sua própria linguagem.

²⁰ Tradução livre. Original em espanhol: ‘decir la verdad’, de acuerdo com esta exposición, no es formar una imagen exacta de ‘lo que realmente pasó’, sino participar en un conjunto de convenciones sociales, una forma de poner las cosas aprobadas dentro de una ‘forma de vida’. ‘Ser objetivo’ es jugar con las reglas de una tradición específica de prácticas sociales.

4. METODOLOGIA

Este capítulo tratará de questões ligadas ao modo como a pesquisa foi realizada. A base teórica da análise é a Psicologia Social Discursiva, debatida no capítulo quatro. É importante lembrar que, de acordo com Potter e Wetherell (1992), não há exatamente um método analítico na Psicologia Social Discursiva. O que existe é um amplo referencial teórico que se foca nas dimensões construtiva e funcional do discurso. Porém, antes de se detalhar o procedimento de análise, é importante conhecermos um pouco mais sobre o jornal de onde foi retirado o material, e sobre alguns aspectos do trabalho com documentos de domínio público retirados da grande mídia.

4.1 A análise de textos midiáticos

A mídia, como se sabe, é um dos pilares na estratégia de crescimento da IURD. Dessa forma, é importante definirmos o que se entende por mídia neste trabalho. Segundo Medrado (2000, p. 244), baseado em Thompson (1995b), mídia é:

Um sistema cultural complexo. Por um lado, esse sistema possui uma dimensão simbólica – num constante jogo entre signos e sentidos –, que compreende a (re)construção, armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produziu (os media) como para quem os consome (leitores, espectadores, telespectadores etc.) Por outro lado, como um sistema cultural, compreende também uma dimensão contextual – temporal e espacial – na medida em que esses produtos são fenômenos sociais, situados em contextos que têm aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes.

A partir de sua massificação, a mídia assumiu, para Medrado (2000), um papel crucial no processo de construção e circulação de repertórios junto à população, graças ao seu alcance incomensurável e conseqüente influência no cotidiano das pessoas. O que se publica atinge um público muito grande, e, dessa forma, a informação veiculada pela mídia ganha uma visibilidade enorme, ajudando a redefinir conceitos, propor repertórios interpretativos, delimitar as opções de informação. Enfim, com o grau de circulação e influência que um jornal do porte da Folha Universal tem, sua importância como produtora de discursos para os fiéis da Igreja Universal é inegável. Como salienta o autor (op. cit.), a mídia introduziu muitas transformações nas práticas discursivas do cotidiano, na forma como as pessoas se posicionam e na forma como produzem sentido sobre os fenômenos sociais.

Mais do que isso. De acordo com Medrado (2000), a mídia não é somente um meio poderoso de criar e fazer circular repertórios. Além disso, ela teria o poder de transformar, de reestruturar os espaços de interação, ao construir novas configurações de produções de sentido. Este espaço fluido ocupado pela mídia, sem fronteiras espaciais e temporais, força o pesquisador a reconceituar a divisão estabelecida entre o público e o privado.

Dada esta importância da mídia na vida cotidiana das pessoas, seu estudo se torna fundamental para compreendermos as práticas discursivas circulantes em nossa sociedade. Assim, é importante que a Psicologia Social se disponha a utilizar a mídia escrita como uma fonte legítima de pesquisa. Spink (2000) destaca que a Psicologia Social ainda tende a priorizar, nas pesquisas, métodos que utilizem entrevistas, questionários e discussões de grupo. Os psicólogos sociais, argumenta o autor, não costumam realizar pesquisas com documentos públicos, ou ao menos não tanto quanto pesquisam com o uso de entrevistas. De acordo com ele (op. cit.), parte do problema se encontra no desconhecimento que psicólogos demonstram sobre este campo de pesquisa. Os processos sociais se fazem presentes de diferentes formas, e as tentativas humanas de refletir sobre seus sentidos são coletivas. Bovkalovski (2005), partindo de uma reflexão de Muchembled (2001, p. 10), argumenta que analisar os discursos circulantes na cultura através de textos não se resume às produções consideradas legítimas, como a literatura, por exemplo. Todos os canais de transmissão teriam sua importância, inclusive os jornais. Todos estes meios são produtores de sentido, e nenhum deles é negligenciável na tentativa de compreender as produções discursivas.

Dessa forma, um recorte de jornal ou uma charge, por exemplo, são tão importantes para a compreensão destes processos sociais quanto uma entrevista ou discussão em grupo. De acordo com o autor (2000), nenhum deles é mais representativo que o outro, pois todos, por existirem num determinado momento, têm uma presença.

Spink (2000) argumenta que os documentos de domínio público refletem duas práticas discursivas:

Como gênero de circulação, como artefatos do sentido de tornar público, e como conteúdo, em relação aquilo que está impresso em suas páginas. São produtos *em tempo* e componentes significativos do cotidiano; complementam, completam e competem com a narrativa e a memória. Os documentos de domínio público, como registros, são documentos tornados públicos, sua intersubjetividade é produto da interação com um outro desconhecido, porém significativo e frequentemente coletivo. São documentos que estão à disposição, simultaneamente traços de ação social e a própria ação social. São públicos porque não são privados. Sua presença reflete o adensamento e resignificação do tornar-se público e do manter-se privado; processo que tem como seu foco recente a própria construção social do espaço público. (SPINK, 200, p. 126)

De acordo com Spink (2000), os documentos de domínio público estão, eticamente, abertos à análise justamente por pertencerem ao espaço público. Para ele, eles podem refletir as transformações lentas em posicionamentos e posturas institucionais assumidas por aparelhos simbólicos, e assim refletem as mudanças nas versões circulantes na sociedade sobre determinado assunto. Por mais que um documento como um jornal distribuído gratuitamente numa igreja possa parecer à primeira vista pouco importante, ele funciona como um porta-voz dos posicionamentos e dos repertórios da instituição. Como salienta Spink (2000), tudo tem algo a contar, e cabe ao pesquisador aprender a ler além do que está escrito, treinar seus olhos para perceber a importância dos discursos que circulam nos documentos públicos.

Os jornais, para Spink (2000), são ótimos meios para se analisar as mudanças que os sentidos vão ganhando ao longo do tempo. Ao guardar inúmeras edições, o pesquisador pode voltar a elas e pesquisá-las de forma mais ordenada, buscando compreender as práticas discursivas que estão sendo realizadas naquelas páginas que atingem tantos milhões de pessoas. Pode prestar atenção nas variações do discurso, nas suas repetições, nas ações que estão sendo executadas naquelas palavras e imagens, e nas mudanças sutis que vão acontecendo ao longo do tempo, ou mesmo mudanças na mesma edição, variando de seção, como acontece tão frequentemente na Folha Universal. Para o autor, o sentido de um texto se produz exatamente nas entrelinhas das práticas discursivas.

A análise do discurso a partir de jornais, de acordo com Spink (2000), requer o conhecimento das regras utilizadas na geração dos textos, assim como a disposição para ler e acompanhar o que é escrito dia após dia. Como analisa o autor, é comum que se encontre, no jornal, colunas ou partes dele que sejam mais pertinentes ao estudo. Porém, o pesquisador não pode perder de vista um olhar mais amplo para compreender o contexto no qual tal parte está inserida. Em nossa pesquisa, este fato se concretizou com muita frequência. Em várias ocasiões a seção “Coisas de Mulher” se destacou como grande produtora de discursos pertinentes à pesquisa, embora as outras partes do jornal também tenham trazido práticas discursivas essenciais e tenham sido decisivas para a melhor compreensão desta seção. Assim, de acordo com Spink (2000), é necessário que o analista de discursos preste atenção nas dimensões do texto.

Bovkalovski (2005), por sua vez, destaca a função educadora que os textos escritos da Igreja Universal exercem. Para ela, a mídia escrita da igreja utiliza amplamente técnicas de

treinamento moral. A leitura é sempre simples, acessível e didática, e repetitiva, e assim propicia fácil compreensão e memorização de seus repertórios e posicionamentos. Além de notícias e reportagens especiais, conta igualmente com um grande número de parábolas publicadas, o que a autora associa a uma busca de inculcar uma espécie de moral nas histórias contadas. Ou seja, o jornal serve como fornecedor de repertórios interpretativos para seus leitores se situarem e se posicionarem de acordo com as diretrizes da igreja.

Bovkalovski (2005) chama atenção para o fato de que não se pode considerar o leitor da Igreja Universal como um sujeito passivo. Pelo contrário: embora o texto, de certa forma, constranja o sujeito com seus repertórios interpretativos e posicionamentos previamente dados, o leitor sempre terá a liberdade, mesmo que num sentido mais restrito, de fazer do texto o uso que for mais conveniente. Faria parte desta liberdade do leitor a manipulação do jornal da maneira que ele achar melhor, pular trechos que não interessem, ler as frases ao contrário, deformá-las, reelaborá-las, extrair do texto conclusões não previstas por aqueles que o escreveram, gostar dele, não gostar, e até esquecê-lo. Há uma via dupla: como esclarecem Potter et al. (1990), de um lado o discurso usa as pessoas, ou, como afirmam Davies e Harré (1990), ele provê posições de sujeito que, de certa forma, limitam as possibilidades das pessoas. Porém, por outro lado, há uma escolha ativa do sujeito, que, dentre as possibilidades dadas pelos discursos, pode manipulá-los de forma bastante criativa, de acordo com Bovkalovski (2005). O leitor da Folha Universal nem é totalmente livre, diante da quantidade limitada de repertórios disponíveis a ele, nem é totalmente passivo em relação ao que lhe é dito. Nas palavras da autora (2005, p. 165),

As esferas misturam-se produzindo um novo sentido; autor e leitor são cúmplices na leitura, uma vez que o autor escreve para si também, porém, não tem total controle sobre o leitor, pois este fará sua leitura tendo em vista uma carga de informações outras, que cooperam para que o conteúdo lido seja reelaborado.

A respeito do trabalho com documentos e publicações, Potter e Wetherell (1992) argumentam que eles têm a vantagem de não conter influência nenhuma dos pesquisadores na construção das informações disponíveis. É a versão da instituição que está escrita no jornal, diferentemente de uma entrevista, onde o pesquisador tem que lidar com o fato de que o material produzido nela tem relação com o encontro do entrevistador e do entrevistado, mais do que com uma suposta revelação das versões da fonte. Os relatos contidos no jornal, por exemplo, não sofrem a influência que a presença de um entrevistador efetuará. Uma das possíveis conseqüências desta presença seria, por exemplo, uma postura mais defensiva por

parte do representante da instituição. Dessa forma, no jornal a Universal estava em seu próprio território, digamos assim, além de não estar limitada pelas perguntas de um entrevistador. Além disso, poupa-se uma grande quantidade de tempo e trabalho em transcrições, porque as informações analisadas já estão escritas.

4.2 O jornal Folha Universal

De acordo com Oliveira Júnior (2006), o jornal Folha Universal foi criado com a intenção de abarcar o maior número de fiéis e não-fiéis possível. De fato, ele é o jornal de maior circulação da América Latina, com uma tiragem que varia em torno de dois milhões e quinhentos mil exemplares semanais. Telles (2011) revela que o jornal entrou em circulação no mês de abril de 1992, com uma tiragem modesta de 100 mil exemplares, e sua intenção seria gradativamente abarcar todo o território nacional, além de todos os países onde a IURD exerce suas atividades, atingindo um público diversificado. No exterior, além da distribuição do próprio jornal nestes países, ao longo dos anos foram sendo criados jornais locais, com nomes diferentes.

Uma parte do jornal tem características seculares e nela são abordadas temáticas gerais, sem cunho religioso explícito. Nesta parte, há uma página editorial, que apresenta também cartas de leitores; uma página de entrevistas sobre os mais variados temas, na maioria das vezes não religiosos; em seguida vem a seção “Sete Dias”, que apresenta pequenos textos com as principais notícias da semana, curiosidades, frases de destaque na semana e dicas de saúde; após isto, aparecem reportagens sobre os mais diversos temas, uma seção fixa com dicas de beleza e a página final, com um texto sobre temas considerados polêmicos pela igreja, como pedofilia, maternidade tardia, violência etc. Dentro do jornal, paginado de forma diferente, como se fosse um encarte, há a parte religiosa, que relata as atividades de destaque nacional e internacional da instituição, como abertura de novos templos, trabalhos sociais, e evangelização em outros países; uma quadro de orientação a partir de parábolas, com uma mensagem escrita pelo bispo Edir Macedo; uma página com relatos de cura através da participação nas correntes da igreja, seguida de outra com notícias sobre as atividades políticas da instituição, e finalmente uma seção voltada para orientação direcionada às mulheres. Edir Macedo (2011) destaca que a importância da Folha Universal para a instituição é que ela chega em lugares e pessoas para os quais a televisão e o rádio são

inacessíveis²¹. Para ele, a divisão entre as partes seculares e religiosas é minimizada, já que, além de informar os leitores sobre temas atuais, as reportagens seculares teriam uma função de abrir os olhos dos leitores para certas verdades, numa clara alusão aos ataques constantes encontrados no jornal contra os inimigos da igreja, como a Rede Globo, a Igreja Católica, ou os partidos políticos que estão na posição de oposição política à IURD, atualmente.

Pinto e Ribeiro (2007) destacam que a qualidade da escrita e a boa diagramação do jornal facilitam sua leitura, em comparação com a diagramação pesada e com poucas cores normalmente utilizadas pelas instituições religiosas. Para eles, o jornal é um grande investimento da IURD na tentativa de atrair novos fiéis, porque ele é financiado majoritariamente pela igreja. Há pouca publicidade, e a maior parte dela é de empresas ligadas à própria IURD, como sua editora e seu site de compras. De acordo com os autores, a linha editorial é voltada para o engrandecimento da igreja, assim como também uma resposta aos ataques de seus inimigos.

A distribuição se dá principalmente nos templos e nas ruas, quando grupos de membros saem para evangelizar. As remessas chegam aos templos aos sábados, e então já começam a ser distribuídos das duas formas. Este método de distribuição externa prejudicou bastante o recolhimento dos jornais. Dois foram os lugares de onde saiu a amostra: Bezerros, no interior do Estado de Pernambuco, onde resido, e Valinhos, no interior do Estado de São Paulo, local de residência de minha namorada. Em Valinhos sempre foi fácil conseguir um exemplar, porque as pessoas responsáveis pela manutenção da igreja guardavam grandes quantidades do jornal para distribuição no templo. Em Bezerros, porém, muitas vezes não foi possível recolher o exemplar da semana, porque, mesmo indo no mesmo dia em que os jornais chegavam, inúmeras vezes eles já tinham sido quase que imediatamente despachados para evangelização. Dessa forma, foram recolhidos trinta e um exemplares (trinta usados na análise e uma edição comemorativa utilizada como fonte de informações sobre o jornal), mas não são edições seguidas. Compreendem o período entre junho de 2010 e junho de 2011.

Dada a importância que a mídia tem na estratégia de conquista de fiéis na Igreja Universal, Oliveira Júnior (2006) destaca que a Folha Universal forma uma poderosa tríade no conglomerado midiático da IURD, juntamente com as inúmeras rádios e redes de televisão. Não se pode esquecer, porém, que a igreja investe fortemente em livros também, nos quais Edir Macedo, outros membros importantes da cúpula, e, mais recentemente, autores

²¹ A título de curiosidade, a mensagem do bispo é acompanhada de uma grande imagem na qual ele segura um exemplar cuja reportagem de capa se intitula “A Força da Mulher”. Diante do público majoritariamente feminino da igreja e do apoio entusiástico a Dilma Rousseff, penso que tenha sido uma escolha deliberada.

estrangeiros, escrevem livros que circulam com muita facilidade pelos fiéis. Pesquisa trazida por Bovkalovski (2005), por exemplo, indica que um terço dos membros já leu algum livro da igreja. Pude verificar pessoalmente esta facilidade, já que me foi relatado por uma fiel que algumas vezes doações a partir de cinco reais são premiadas com um livro. Da mesma forma, me foi oferecido na igreja um livro da instituição com o preço equivalente a um terço do valor pago em livrarias e sites de compra.

5.3 O procedimento analítico

A análise do material foi baseada na análise do discurso, mais especificamente na abordagem discursiva da Psicologia Social. Potter e Wetherell (1992) oferecem, nesse sentido, uma orientação de como proceder numa análise do discurso a partir desta abordagem. Embora eles tenham apresentado seu método na forma de “dez passos”, deixam claro que não é necessário que se siga exatamente do modo como colocaram, muito menos que se siga necessariamente a ordem estabelecida. É a ocasião e o contexto que vão dizer a melhor forma de pesquisar e analisar um determinado assunto, e suas orientações não passam de uma espécie de eixo com práticas úteis.

O primeiro ponto a ser esclarecido é em relação às questões de pesquisa que formulamos. Para Potter e Wetherell (1992), a Psicologia Social Discursiva ocupa-se do discurso em si, e não de algo que esteja por trás dele. Ocupa-se de sua orientação para a ação, de sua organização retórica, de sua função no contexto imediato e no contexto mais amplo, de como o discurso é construído, quais posicionamentos estão sendo efetuados. Assim, a formulação da questão do problema da pesquisa deve estar de acordo com estas considerações. Baseando-se nisso, as questões propostas para esta pesquisa foram formuladas de acordo com esta preocupação. O principal objetivo deste trabalho foi pesquisar o modo como a Igreja Universal do Reino de Deus constrói discursivamente homens e mulheres e como os posiciona na sociedade, além das rupturas e continuidades da igreja em comparação ao pentecostalismo clássico no que diz respeito a estas relações de gênero. Inicialmente, a questão envolvia principalmente as construções discursivas sobre o casamento. Porém, durante a leitura do jornal foi verificado que não houve grande cobertura sobre este tema, ao mesmo tempo em que emergiram diversos discursos bastante interessantes sobre os temas que, ao final, se transformaram no alvo de nossa análise.

Potter e Wetherell (1992) também chamam a atenção para o tamanho da amostra. Como é um trabalho extremamente detalhista, que demanda raciocínio e atenção para

inúmeros aspectos diferentes em poucas palavras analisadas, e que exige muitas releituras da amostra, não é aconselhável tomar um número excessivo de exemplares como amostra. Além disso, muitos padrões discursivos emergem de poucos exemplares. O importante para o pesquisador é a análise das sutilezas do discurso que emergem no texto, e não somente de seus principais argumentos. Como estamos interessados na linguagem em uso, o sucesso de uma pesquisa, de acordo com os autores, não depende do tamanho grande de uma amostra. Pelo contrário: pode acrescentar trabalho e dificultar a análise sem que isso contribua para o resultado final. É a questão proposta que vai determinar o tamanho da amostra apropriada para a pesquisa. Dessa forma, foi escolhido o número de trinta exemplares por possibilitar a variabilidade discursiva adequada para um trabalho deste tipo.

Após sentar-se para ler e reler o material, o pesquisador deve, então, começar a codificar o material, separá-lo em categorias. Não é uma análise propriamente dita, mas é um dos principais passos para começá-la. Sua função é transformar o material bruto encontrado na pesquisa em partes que possam ser manuseadas através de categorias que facilitem a análise. As categorias serão criadas a partir das leituras repetidas, e, de acordo com Potter e Wetherell (1992), devem ter relação com a questão de pesquisa e ser as mais inclusivas possíveis. A partir do momento em que a codificação está pronta, a análise propriamente dita começa. Às vezes o fenômeno estudado não é claro o suficiente para que se consiga separá-lo em categorias previamente, de modo que um processo de análise e codificação concomitantes se torna necessário.

Foi exatamente o que aconteceu nesta pesquisa. Durante o processo de codificação e análise, ficou claro que a complexidade do tema não permitiria codificações prévias: foi feito um trabalho que misturou análise e codificação. Os jornais foram lidos e aquilo que interessaria para a pesquisa foi sendo separado e copiado. A cada leitura a separação foi ficando mais refinada. Ao final do processo, o material foi codificado diferentemente em cada capítulo. No capítulo seis, o primeiro capítulo analítico, o material foi dividido nas seguintes categorias: textos que caracterizavam a mulher de forma mais conservadora; textos que caracterizavam a mulher de forma mais liberal em relação à sua posição na sociedade; textos que caracterizavam o homem²². No segundo capítulo analítico, o sétimo da dissertação, a

²² Para que fique claro o propósito destas categorias, é importante lembrar dos objetivos de cada capítulo. O capítulo seis teve o objetivo de analisar o modo como a instituição posiciona homens e mulheres de acordo com o sexo: busca analisar as práticas discursivas que estabelecem características essenciais em homens e mulheres, e quais são os seus lugares na sociedade. O capítulo sete procura analisar práticas discursivas que rompem com o pentecostalismo anterior à terceira geração e que mostram uma maior liberalidade nos costumes, além das práticas que permanecem com os discursos mais tradicionais das outras igrejas de gerações anteriores.

divisão foi feita da seguinte forma: textos que faziam referência ao aborto; textos que faziam referência à independência da mulher; textos sobre política; textos com um caráter mais conservador. A codificação foi feita a partir de cópias dos jornais, com as páginas separadas de acordo com a categoria proposta.

Para Potter e Wetherell (1992), não existe uma receita nem procedimentos mecânicos que indiquem como se faz uma análise. Porém, eles indicam que existe um ponto que não se deve esquecer: analisar discursos envolve muitas leituras e releituras cuidadosas. Encontrar padrões emergentes nos discursos é uma atividade que pode levar muitas horas de trabalho e raciocínio. O pesquisador deve se focar não na idéia geral do material, no seu resumo, mas nas nuances, nos detalhes. Busca-se o que está efetivamente escrito, as contradições, as estratégias discursivas, mesmo que inicialmente não façam sentido, porque nossa tendência é reparar as contradições e vaguezas para que o texto adquira sentido para nós. Potter e Wetherell (1992) argumentam que a análise é feita em duas fases: primeiramente, há a busca por um padrão nos dados. Este padrão virá na forma de diferenças no conteúdo e forma dos textos e na consistência, ou seja, na identificação das características compartilhadas por estes textos. Em segundo lugar há a preocupação com a orientação funcional do discurso e suas conseqüências, ou seja, o pesquisador formulará hipóteses sobre as funções e efeitos que as práticas discursivas têm no contexto e procurará pelas evidências lingüísticas. Para Wetherell e Potter (1996), embora muitas vezes a função e o efeito que se quer do discurso sejam claros, algumas vezes, por causa de questões de conveniência, eles permanecem disfarçados. Os autores argumentam que é igualmente difícil especificar as circunstâncias mais amplas do discurso. A análise do jornal Folha Universal exigiu muitas leituras do periódico para que estas demandas fossem atingidas, tanto pela quantidade de material muito grande quanto pela complexidade do tema. Os objetivos, como já foi dito, mudaram, e foram decididos a partir deste trabalho de leitura e reflexão, o que demandou mais esforço do que se já estivessem determinados.

5. CONSTRUINDO HOMENS E MULHERES

Este capítulo será o primeiro dos dois dedicados à realização da análise dos dados coletados durante os meses de pesquisa. Seu objetivo será analisar o modo como a instituição, representada pelo seu jornal, compreende as divisões baseadas em gênero e quais são os recursos discursivos e retóricos utilizados por ela em tal empreendimento. Será dado um enfoque específico à maneira como ela constrói discursivamente as atribuições de cada gênero, além de suas características particulares e seus posicionamentos na sociedade.

Durante o processo de coleta, leituras prévias e análise do jornal, destacou-se logo o fato de, comparativamente, ser dada uma atenção extremamente maior a temas relacionados às mulheres. Aos homens restam poucas páginas, mas muito importantes para se compreender a ética iurdiana em relação ao casamento. Em relação às mulheres, são colocados lado a lado dois repertórios interpretativos completamente diferentes, muitas vezes conflitantes. De um lado, cria-se uma espécie de essencialismo em torno do mundo feminino, posicionando-as claramente na órbita de certos valores construídos para manter uma ordem patriarcal, nos quais se valoriza a submissão às figuras masculinas, a docilidade, a resignação, e a valorização da maternidade e dos cuidados domésticos como se fossem próprios às mulheres.

Ao mesmo tempo, porém, há momentos de ruptura, quando o jornal valoriza o trabalho feminino, a participação política, uma atuação direta pelos direitos das mulheres, a independência, algumas conquistas feministas das últimas décadas e uma vaidade que, em muitos momentos, soa bastante ousada para um movimento religioso que, poucas décadas atrás, era conhecido justamente pela sua rigidez moral e afastamento do mundo. Entretanto, não se pode tomar estes dois repertórios como completamente separados: muitas vezes eles se entrelaçam, se confundem, e formam um modo de construir as relações de gênero muito interessante de se estudar, dada a riqueza como são articulados e como as contradições são, muitas vezes, ignoradas.

Machado (1996) argumenta que esta mescla de diferentes interpretações do mundo convivendo numa mesma instituição religiosa é reflexo das profundas mudanças pelas quais o Brasil passou nas últimas décadas. De acordo com a autora, houve uma perda gradativa de influência do catolicismo tradicional, acompanhado da retomada de uma forma de religiosidade mística e emocional que se mostrou capaz de articular as esferas pública e privada dos brasileiros, oferecendo uma orientação para as ações diárias dos fiéis. Machado (1996) salienta, entretanto, que este fortalecimento não invalida a teoria de que nossa

sociedade passa por um processo de secularização. Pelo contrário: a IURD é um excelente exemplo do confronto entre as tendências duais de secularização e contra-secularização das sociedades atuais.

Na análise destaca-se, também, a ausência de qualquer referência a formas de se posicionar em relação ao gênero que não seja como homem e mulher heterossexuais. Excetuando-se um pequeno trecho contendo uma crítica ao preconceito contra homossexuais²³, não há qualquer referência a nenhum outro tipo de configuração na amostra coletada. Obviamente esta amostra não é significativa estatisticamente, e nem é essa a proposta desta pesquisa. Mas de qualquer forma chama atenção a ausência de referências a alguns temas que aparecem com frequência em textos e cultos pentecostais, como homossexualidade, ou práticas sexuais consideradas não apropriadas para cristãos. É notória, por exemplo, a cruzada das igrejas evangélicas, com destaque para as pentecostais, na tentativa de barrar, no meio político, qualquer tentativa de se proporcionar direitos aos homossexuais. E, entretanto, nenhuma palavra é escrita sobre isso no jornal Folha Universal. Esta ausência é interpretada aqui como uma forma de exclusão pragmática. Ou seja, o jornal deliberadamente exclui a existência de tais configurações que contrastam com suas crenças, mas, ao mesmo tempo, não as ataca, talvez como uma forma de não criar animosidades com estes grupos. Macedo é claro em seus artigos no jornal quando fala com frequência que a IURD acolhe de braços abertos qualquer pessoa, por mais pecadora que seja, e não se importa com o que o fiel faz ou deixa de fazer fora do templo. Talvez esta ausência de outras formas de se organizar sexualmente diga respeito a uma evitação de confronto para atrair estas pessoas, mostrando a Universal como uma igreja acolhedora e que se importa com seus fiéis, não importando o que façam.

5.1 Posicionando o masculino e o feminino

O jornal Folha Universal conta com uma extensa abordagem sobre o universo feminino. Apresenta, semanalmente, inúmeras matérias dedicadas a este público, muitas vezes sob perspectivas completamente diferentes. Tem duas seções exclusivamente voltadas para elas, com nomes sugestivos: “Coisas de Mulher” e “Olhar Feminino”. Estes nomes sugerem

²³ Embora não aceite a homossexualidade, interpretamos esta crítica da IURD à homofobia como parte da política de não julgar os comportamentos de seus fiéis, atraindo vasto público insatisfeito com a rigidez com que é tratado em outras igrejas cristãs. No entanto, cabe destacar que, para a igreja, uma vez convertido, o fiel só receberá duradouramente todas as bênçãos de Deus se efetuar uma mudança de vida na direção da heterossexualidade.

que a igreja, na sua construção das relações de gênero, essencializa o que é ser uma mulher, dando-lhe atributos e posicionamentos tidos como naturais. Este fenômeno não aparece somente nessas seções, mas em todo o jornal. Vejamos este quadro:

Essência feminina²⁴

Apesar de ainda serem minoria no mercado de trabalho, as mulheres conquistam cada vez mais espaço nas empresas. **Manter a feminilidade**, aliás, pode ser o segredo para irem ainda mais longe, segundo estudo da Universidade George Marson, nos Estados Unidos, cujos resultados foram divulgados na publicação da Sociedade Britânica de Psicologia. Mulheres que adotam um comportamento mais agressivo, **numa abordagem mais masculina**, têm menos chances de serem promovidas, concluíram os pesquisadores. De acordo com os consultores de imagem Francisco Mitraud e Elizabeth Mochon, da Estilo Consultoria de Imagem, mulheres com atitudes hostis erram duas vezes. **“Porque agem de maneira contrária à própria natureza** e porque a agressividade está fora de moda nas organizações modernas”, diz Mitraud. Elizabeth completa: **“É um erro achar que assertividade é contrária à feminilidade. O que é avesso à feminilidade é agressividade em excesso, grosseria, insensibilidade”**. (FOLHA UNIVERSAL, Edição 986, 27.02.2011, p. 05)

Este texto encontra-se na seção “Sete Dias”, que consiste em resumos curtos de curiosidades, notícias e pesquisas científicas divulgadas recentemente. O quadro “Minha Carreira” faz parte dela, é fixo, e traz semanalmente textos curtos sobre formas de se enquadrar melhor no mercado de trabalho, não somente para as mulheres, mas para todo o público. Vemos neste quadro, transcrito na íntegra, um movimento claro do jornal na tentativa de estabelecer características intrínsecas a homens e mulheres. Para ele, existem características que são típicas das mulheres e outras diferentes que são típicas dos homens. Assim, as pessoas precisam adotar no mercado de trabalho a personalidade adequada ao seu sexo, para se promover melhor e conseguir evoluir na carreira. Dessa forma, a mulher deve manter sua feminilidade. Mas em que consiste masculinidade e feminilidade, afinal? De acordo com o que podemos supor da leitura, à mulher está associada a docilidade. O homem é um ser mais agressivo.

A Folha Universal, ao construir uma prática discursiva baseada nesta diferenciação, vai à contramão do que argumenta Judith Butler (2008). Para ela, não existiria um fato natural e imutável em relação ao gênero. Ele se faz a partir de performances culturais produzidas no discurso, e são efeitos de uma formação específica do poder em nossa sociedade, com imbricações políticas e culturais. A prática de produzir esta separação baseada em gênero tem conseqüências no modo como o poder entre homens e mulheres é exercido, de modo que é

²⁴ Todos os grifos dos capítulos analíticos são meus, colocados com a intenção de destacar trechos importantes para a análise.

preciso se questionar que tipo de sociedade está sendo produzida quando os comportamentos de homens e mulheres são vistos como emanações de essências masculina e feminina.

É interessante notar que, mesmo colocando homens e mulheres em posições diferentes no trabalho, o jornal não questiona a entrada maciça delas neste lugar nas últimas décadas, o que rompe com a posição pentecostal mais tradicional em relação ao lugar da mulher na hierarquia familiar. Como veremos mais adiante, o trabalho feminino é, na maioria das vezes, incentivado, embora sob certas condições. Neste texto, há um claro apoio, já que o propósito desse quadro é ajudar as pessoas a melhorarem sua empregabilidade. O argumento do jornal é que, para uma mulher melhorar seu desempenho e conseguir melhores vagas, promoções e espaços, é necessário que mantenha suas supostas características essenciais, e que são o avesso da masculinidade. Enquanto o homem é assertivo, agressivo e, no limite, insensível, a mulher é dócil e sensível. Chama atenção nesse quadro o fato de que a mulher é desestimulada a se posicionar num lugar considerado masculino. A justificativa utilizada pelo consultor de imagem, Francisco Mitraud, foi, em primeiro lugar, de que isso não é bem visto por não ser próprio à mulher, e só em segundo lugar o fato de que este modo de trabalhar está fora de moda. É preciso questionar, a partir disso, por qual razão uma mulher não deve se comportar como é esperado a um homem. Por que tomar uma atitude mais ativa e agressiva não é interpretado bem quando é feito por uma mulher, mas não é questionado quando feito por um homem? Essa interdição do mundo masculino (e, em última análise, a própria divisão de características entre masculinas e femininas) às mulheres é uma mostra de que, embora haja uma disposição a aceitar certos avanços, alguns lugares ainda são proibidos.

A feminilidade, além disso, está fortemente associada à maternidade e ao casamento. São várias as reportagens sobre este assunto, enquanto a posição de homem, embora também esteja atrelada ao casamento e ao cuidado da família, não tem sua masculinidade intrinsecamente associada a isso. Vejamos alguns exemplos. Na seção de cartas da edição 994, de 24 de abril de 2011, página 2, a leitora Mara Silvia Rodrigues escreve o seguinte texto:

FAMÍLIA

As famílias estão se desfazendo a cada dia. Tenho orgulho de ser mulher e de todas as conquistas femininas. Lutamos muito e merecemos reconhecimento, mas não podemos esquecer **nosso lugar de esposa e mãe**. As mulheres deveriam observar um ensinamento bíblico que diz que a mulher sábia edifica seu lar, mas **muitas estão sendo insensatas, humilhando seus maridos**, que, sentindo seu orgulho ferido, acabam se separando. **E os filhos são os que mais sofrem com tudo isso.**

Em outra edição, a frase da atriz Mel Lisboa, que trabalha na Rede Record, emissora pertencente à IURD, é reproduzida na seção “Você Ouviu?” como segue:

Minha feminilidade ficou mais forte depois que fui mãe. Agora uso mais saias e cintura marcada. Aproveito que meu corpo ainda está em cima. (FOLHA UNIVERSAL, edição 997, 15.05.2011, p. 07)

Igualmente, a atriz americana Jessica Alba tem sua fala reproduzida na mesma seção;

Eu me sinto mais feminina, ver a barriga crescer é divertido e emocionante. (FOLHA UNIVERSAL, edição 991, 03.04.2011, p. 07)

Os textos acima posicionam a mulher e a feminilidade como relacionados naturalmente à maternidade e ao casamento. O primeiro texto, intitulado “Família”, começa com um louvor aos avanços dos movimentos que buscaram conquistas para as mulheres. Reconhece estas conquistas como tais e afirma ter orgulho delas. Porém, logo a seguir fica evidente sua estratégia retórica. Tal louvor, que é uma maneira de se posicionar como uma pessoa sem preconceitos e conectada com a modernidade, funciona como uma vacina defensiva contra as acusações que poderiam advir do que vem a seguir (POTTER, 1998). Após o referido louvor às conquistas femininas, a leitora lamenta o suposto esquecimento das mulheres em relação à sua mais importante posição de acordo com os ensinamentos bíblicos, a de dona de casa, esposa e mãe. Ela traz à tona um discurso que valoriza a submissão feminina ao homem, e que considera a subversão disso uma humilhação a eles. Não só é humilhante para o marido, mas traz conseqüências nefastas para os filhos. Ou seja, desafiar a ordem de submissão feminina é perigoso não só para a mulher, mas também para sua família.

Esta submissão remonta suas origens ao mito da criação, e foi utilizada através dos séculos por diversos religiosos para justificar uma ordem hierárquica que assegura a manutenção do patriarcado (PAGELS, 1992; TOLEDO-FRANCISCO, 2002). Interessa refletir, entretanto, a razão de ela ter se vacinado antes para poder lembrar as mulheres da importância desta posição. Supõe-se que ser somente esposa e mãe já não seja mais algo tão valorizado para a Igreja Universal, dado o volume de material dedicado ao trabalho feminino. Ao que parece, algumas mudanças em relação aos valores tradicionais hoje já fazem parte do cotidiano da igreja, a ponto de suas fiéis precisarem utilizar estratégias retóricas defensivas para relembrar a importância da vida familiar dedicada. Há na IURD uma divisão interna, uma convivência entre dois valores que repete o que acontece na sociedade.

Em relação às falas das atrizes, constata-se mais uma vez uma associação entre feminilidade e maternidade. Ser mulher é ser mãe, é ver a barriga crescer e ver o corpo se transformar. Na fala de Mel Lisboa, por exemplo, há uma associação entre a feminilidade e um corpo que destaca as características femininas.

A biologia é utilizada em outras oportunidades na tentativa de fixar as mulheres neste lugar de mãe. Num quadro da seção “Sete Dias”, registra-se o seguinte texto, reproduzido na íntegra:

Brincadeira de meninas

Estudo feito por um grupo de pesquisadores norte-americanos da Universidade de Harvard e da Bates College sugere que, **assim como ocorre com crianças, os filhotes de chimpanzés também escolhem suas brincadeiras de acordo com o sexo**. A pesquisa indica que mesmo que a brincadeira com pedaços de pau seja comum em ambos os sexos, **as fêmeas brincam com gravetos como se fossem seus bebês, o que acontece com menor frequência com os jovens machos**. Durante as observações, os autores notaram que elas levavam seus galhos para “ninhos”, onde brincavam com eles de uma maneira que evocava as **brincadeiras das meninas**. Outro estudo com macacos em cativeiro sugere uma influência biológica na escolha dos objetos. Na ocasião, brinquedos de humanos foram oferecidos aos filhotes e as fêmeas preferiram as bonecas, enquanto os machos se interessaram mais por **brinquedos masculinos**. (FOLHA UNIVERSAL, edição 980, 16.01.2011, p. 06)

Embora as pesquisas tenham sido realizadas com macacos, a descrição do jornal estabelece claramente uma relação com seres humanos. Segundo o texto, as brincadeiras desenvolvidas por meninos e meninas seriam diferentes, e estariam de acordo com suas naturezas biológicas. Para ele, há de fato uma separação clara entre o que é masculino e o que é feminino nas brincadeiras infantis. As meninas teriam uma propensão biológica a desenvolver os dotes ligados à maternidade.

A Folha Universal faz uso de um artifício retórico que consiste em credenciar sua prática discursiva como confiável pelo fato de ser referendada pela opinião de alguma forma de autoridade (POTTER, 1998). A ciência é, neste caso, utilizada como uma fonte confiável para justificar a criação de uma diferença inata entre homens e mulheres, diferença esta que as coloca no lugar natural de mãe. A Psicologia Social Discursiva questiona este uso da ciência pelo fato de compreendê-la como uma prática discursiva suscetível a diferentes interpretações. Wetherell e Potter (1992) criticam a perspectiva representacionista da ciência contida em trechos como o citado acima porque tal perspectiva trabalha com uma noção de verdade e falsidade que pode negligenciar as práticas discursivas perpetuadoras de desigualdades, como no caso da diferenciação e hierarquização de homens e mulheres.

Numa matéria da seção “Brasil em Xeque”, da edição 985, de 20 de fevereiro de 2011, página 17, sobre o assassinato de filhos pelas próprias mães, o título é sugestivo de como a IURD posiciona as mulheres: “**Contra o próprio instinto**: abaladas por causa da depressão pós-parto ou por um desequilíbrio emocional momentâneo, mulheres matam filhos de forma cruel e fria”. Repete-se a associação entre a feminilidade e a maternidade, argumentada com base em aspectos biológicos. O dom para a maternidade estaria nos genes da mulher. Interessa perceber que em nenhum momento se faz qualquer tipo de associação parecida com homens. A paternidade é tema de algum destaque, embora não se compare à cobertura sobre a maternidade. E mesmo estas reportagens não colocam a paternidade como algo natural, embora o jornal claramente valorize esta função. É em comparação à atenção dada à maternidade e ao que ela significa na vida de uma mulher que se nota a grande diferença.

A amostra coletada ao longo dos meses conta com inúmeras matérias enfatizando a maternidade e seus desafios. Coloca a mulher no lugar daquela que é abnegada e sacrificada em benefício de sua prole, banhada por sentimentos de doação. Vejamos esta matéria, da edição 996 de 08 de maio de 2011, página 17: “**MÃES EM TEMPO INTEGRAL**: Elas transformam a própria casa em uma UTI e **abandonam suas rotinas para dedicar todo o amor aos filhos** com graves problemas de saúde”. A reportagem mostra exemplos de mulheres que abandonam todas as outras atividades, inclusive as profissionais, e se dedicam exclusivamente ao cuidado de seus filhos com algum tipo de problema de saúde. Mostra exemplos de mulheres nesta situação e como elas se sentem em relação à vida que levam. Durante a reportagem, o jornal reproduz a fala da psicóloga Maria Cecília Roth, na página 18: “Essas mulheres ficam muito sobrecarregadas. Muitas deixam de lado uma carreira promissora para se dedicar ao filho e à casa. É importante que elas tenham com quem revezar para terem tempo de cuidar um pouco delas mesmas”. Entretanto, durante a reportagem não há qualquer referência à participação masculina nos cuidados da casa nem dos filhos. O pai simplesmente é ignorado na reportagem. A julgar por ela, só as mães abandonam suas vidas para se dedicar exclusivamente aos filhos. A atividade de cuidar dos filhos e da casa aparece como uma atividade feminina, na qual os homens pouco se envolvem. Esta exclusão do homem desta função é bastante significativa do modo como a Igreja Universal o posiciona. Em outra reportagem, da edição 985 do dia 20 de fevereiro de 2011, página 10, a respeito da rotina dos pacientes internados em UTI, encontramos o seguinte trecho:

A duração e a frequência das visitas variam de acordo com o hospital e a condição do paciente, mas o tempo médio é de 30 minutos. Esse distanciamento gera medo,

insegurança, depressão e sensação de abandono, o que dificulta a recuperação da pessoa internada, na opinião dos especialistas. A proposta de Sobrati é que as UTIs sejam abertas 24 horas. “As visitas ajudam muito os pacientes, **principalmente em casos de crianças. A mãe é fundamental para o desenvolvimento da cura do filho.** É importante que os pais possam ficar mais tempo na UTI”, completa Ferrari.

Embora o profissional tenha ressaltado a importância de ambos os pais na recuperação da criança, é a mãe que é considerada fundamental para a recuperação do paciente. Assim como no trecho anterior a este, a função de cuidado dos filhos é associada à feminilidade, da mesma forma que na reportagem da edição 961, de 05 de setembro de 2010, página 18, “Do luto à luta: filme mostra como as mães brasileiras se unem por justiça depois de terem seus filhos assassinados”. Um trecho da reportagem, no qual Luís Carlos do Nascimento, o idealizador do documentário, é entrevistado, registra a seguinte seqüência:

“Eu nunca havia pensado nisso, **a gente pensa na violência como algo masculino, quem mata é o homem, que morre é o homem.** Mas existem mulheres por perto, sempre. **E as mães são as que mais se envolvem,** cobram justiça” explica Luís, que ficou 4 anos registrando depoimentos com estas **mães que perderam os filhos** em chacinas e execuções sumárias em atos justificados como “resistência seguida de morte”, cada vez mais comuns no Brasil.

A violência é associada a algo do mundo masculino, enquanto as mulheres que de alguma forma fazem parte deste mundo da criminalidade, o fazem através de sua função materna.

Como vemos pelos exemplos analisados acima, a Igreja Universal do Reino de Deus estabelece uma ligação muito íntima entre ser mulher e ser mãe, constituir uma família na qual ela possa exercer este suposto instinto biológico ou ensinamento bíblico. Vimos pelos trechos analisados que a instituição estabelece uma divisão muito forte entre o que é ser homem e o que é ser mulher, e sugere características bem diferentes para eles. Enquanto a mulher está ligada à atividade familiar, ao cuidado dos filhos, o homem é associado à agressividade, seja num nível socialmente aceitável, seja num nível que chega à criminalidade.

Estes dados sugerem que há um repertório interpretativo presente na Folha Universal que posiciona a mulher como criada, seja por Deus, seja pela genética, para o lugar de mãe e esposa. Como veremos adiante, a IURD traz em seu jornal diferentes repertórios interpretativos, muitas vezes contrastantes. Há outras reportagens do jornal que colocam a mulher numa posição de ocupação de espaços mais amplos, contrastando com o repertório analisado. Como salienta Potter et al. (1990), o conceito de repertórios interpretativos traz para o centro da discussão o caráter situado e contextualizado do discurso. Este conceito

permite que se compreenda esta aparente contradição no modo da igreja compreender a mulher e suas possibilidades de posicionamento porque as pessoas, em suas práticas discursivas cotidianas, selecionam os repertórios que melhor se adequam às intenções de suas ações. Dessa forma, de acordo com a ação que a igreja quer provocar, ela escolhe repertórios que, muitas vezes, soam contraditórios.

Uma possível explicação para a existência destes dois repertórios convivendo juntos é que a Igreja Universal do Reino de Deus é uma igreja cristã nascida no final da década de 1970, quando a sociedade brasileira já passava por profundas transformações. Ela reflete dentro de si as contradições da própria sociedade como um todo, que convive com movimentos de liberalização dos costumes e outros de conservadorismo, que se digladiam, debatem, misturam-se. Assim, como destaca Mariano (2010), o surgimento do neopentecostalismo marca justamente uma ruptura com as gerações anteriores neste quesito: os neopentecostais penetram mais profundamente nas mudanças sociais, aceitam-nas mais facilmente, talvez porque não tinham compromisso com uma tradição de peso: começaram igrejas do zero na década de 1970. Romper com velhos hábitos seria mais fácil, embora ainda mantenham limitações baseadas em regras do pentecostalismo clássico.

5.2 Coisas de mulher

O jornal Folha Universal conta com uma seção fixa denominada “Coisas de Mulher”, comandada por duas filhas de Edir Macedo: Viviane Freitas e Cristiane Cardoso. A primeira é responsável por uma coluna e um programa televisivo que é resumido por escrito na seção, enquanto a segunda é responsável por outra coluna e uma seção de perguntas e respostas denominado “Mulher Cristã”. Existe ainda um quadro fixo para propagandas de livros da editora pertencente à igreja. A proposta do “Coisas de Mulher” e do programa homônimo é, principalmente, nortear as mulheres em questões sentimentais, de comportamento e religiosas, para que sigam um comportamento aceito pela ética iurdiana, além de contar, em menor grau, com dicas de beleza, culinária e de saúde, presentes mais no programa televisivo do que nas colunas. Durante a análise, chamou atenção, principalmente, o nível maior de conservadorismo nesta parte do jornal do que em outros lugares. Se, por muitas vezes, a igreja apresenta posicionamentos nitidamente progressistas em relação às mulheres, como será visto adiante, na seção “Coisas de Mulher”, entretanto, resiste um posicionamento que coloca a

mulher num lugar mais restrito de mãe e esposa submissa, devotada a cuidar preferencialmente de sua família em vez de seus próprios interesses. Vejamos esta coluna de Cristiane Cardoso, presente na edição 971, de 14 de Novembro de 2010, página 8i:

PEDI E VOS SERÁ DADO

“Dona Cris, que o Senhor Jesus realize todos os desejos do seu coração” Eu a amo como se fosse minha própria mãe!”

Recebi este e-mail recentemente, no dia do meu aniversário, e nunca tive um aniversário tão abençoado em toda a minha vida. Quem poderia imaginar que, há apenas alguns anos, eu era espiritualmente estéril?

Eu era o tipo de garota que achava que ia crescer, casar com um pastor e depois ter muitos filhos. Eu queria muito ser mãe; quando meu irmão entrou em nossas vidas eu tinha 11 anos, o que fez com que esse desejo se tornasse ainda mais presente. Sendo assim, logo que fiquei noiva do meu marido, disse-lhe que queria ter filhos. Ele disse que me daria filhos depois de 5 anos de casados, e eu aceitei a proposta.

Mas assim que me casei e me vi em casa a maior parte do tempo, longe dele, da minha família e de todos os meus amigos, a proposta do bebê parecia longa demais para esperar. **Eu pedi para começarmos uma família mais cedo, mas ele foi firme, queria que nos conhecêssemos melhor. Ele estava certo. Mas meu coração era, como sempre, teimoso.**

Dessa forma, levei o assunto a Deus. Eu disse-lhe que queria ter filhos, e se Ele poderia, por favor, **tocar o coração do meu marido** para que ele viesse a concordar com isso. No final, acrescentei: *“No entanto, quero que a Tua vontade seja feita”*, como um pequeno lembrete para frisar a oração.

Depois de 30 dias, **Ele me mostrou que a Sua vontade não era que eu tivesse meus próprios filhos, mas os Seus filhos.**

Então dei-Lhe o que Ele queria de mim como sacrifício: o meu direito de dar à luz, mas Lhe pedi algo em troca, algo grande, da mesma forma que o sacrifício que eu fiz representou para mim: *“Senhor, já que eu não vou ter meus próprios filhos, eu não quero apenas ter alguns de Seus filhos, eu quero ter milhares deles em todo o mundo! Eu quero ser uma mãe espiritual verdadeira e alcançar mulheres de todas as idades e estilos de vida e, de alguma forma, mostrar a elas o caminho para chegar ao Senhor”*.

Já se passaram 18 anos desde que fiz essa oração...E há uma boa chance de que você faça parte desta oração respondida.
Na fé.

Este artigo traz em si alguns elementos que permeiam toda a abordagem da seção “Coisas de Mulher”. Como foi dito anteriormente, ela representa a parte mais conservadora do jornal, no que diz respeito ao que se espera do comportamento feminino. Ela é posicionada, na maioria das vezes, no lugar de esposa submissa, que precisa agradar o marido, ceder aos seus desejos para preservar o casamento. Como é possível ver no texto da autora, o maior desejo de Cristiane Cardoso em sua adolescência era casar e ter filhos, de preferência com um

pastor evangélico. Seu ideal de mulher é o de mãe e esposa devotada a Deus e à família. Ela se casou com um pastor e foi morar nos Estados Unidos, deixando de lado sua família e sua vida própria no Brasil. Lá, suas atividades eram basicamente domésticas. Passava o dia em casa, e, às vezes, ajudava seu marido na igreja. Em outras ocasiões ela relata seu sofrimento nesta nova vida, mas sempre reitera a necessidade de se submeter ao projeto de vida do marido²⁵.

É importante perceber que Cristiane se propõe ser uma espécie de mãe espiritual das fiéis da igreja. Pretende mostrar a elas o melhor caminho para atingirem seus objetivos espirituais. Assim, sua vida pessoal é, antes de qualquer coisa, um exemplo. Seu objetivo ao escrever suas colunas, ou ao responder às perguntas das fiéis, é norteá-las, é normatizar o comportamento destas mulheres e fornecer repertórios interpretativos condizentes com uma ética evangélica mais tradicional. O que Cristiane Cardoso e Viviane Freitas fazem é dar mecanismos a estas mulheres para que elas se espelhem em exemplos de lideranças da igreja. Questiona-se, então, quais valores estão sendo fornecidos às fiéis, e com que intenção.

Além da questão da importância da maternidade como fundadora da feminilidade, este artigo traz também o casamento como ideal da mulher e espaço para que ela sirva a Deus da forma que for mais conveniente. O casamento e a formação de uma família são tidos como aquilo que deseja quase toda mulher. Na edição 990, de 27 de março, de 2011, página 2i, por exemplo, na coluna “Superação”, lemos o seguinte: “Vivia em miséria total: **sonho de ter uma família bem-sucedida e próspera foi conquistada na IURD**”. O texto se inicia da seguinte forma: “**A maioria das mulheres sonha com a formação de uma família.** Para completar a felicidade, muitas almejam um lar espaçoso e confortável, onde possam se reunir e desfrutar de um ambiente tranquilo.” A Igreja Universal coloca o casamento e a formação de uma família como aquilo que deseja quase toda mulher. Propõe-se a ser aquela que vai intermediar junto a Deus a realização deste sonho, assim como o sonho de ter uma vida próspera financeiramente. Mas para isso o fiel tem que oferecer uma contrapartida: participar das campanhas, como a Fogueira Santa de Israel, e levar uma vida compatível com os valores cristãos.

É neste ponto que entram os repertórios interpretativos oferecidos pela igreja, inclusive através de seu jornal. O que a colunista Cristiane Cardoso propõe com seu testemunho é um exemplo de como deve ser uma mulher: alguém que deseja ardentemente constituir e cuidar de uma família. A mulher serve de apoio ao homem. Este leva uma vida

²⁵ Informações reunidas ao longo de várias edições do jornal

pública, trabalha, passa o dia fora de casa, enquanto a mulher cuida para que a fortaleza que é o lar esteja pronta para recebê-lo quando ele voltar. Além disso, a mulher deve ser submissa à vontade do marido. Se ele não quis ter filhos, resta a ela se resignar. Esta submissão se acentua no caso de mulheres de pastores, que são orientadas abertamente a não levar em consideração seus desejos pessoais em prol da carreira do marido. Exemplos que corroboram estes valores pipocam pela seção “Coisas de Mulher”. Na seção de cartas “Mulher Cristã” da edição 980, de 16 de janeiro de 2011, página 8i, por exemplo, uma leitora faz a seguinte pergunta: “Li que uma esposa de pastor não pode seguir nenhuma carreira profissional. Pergunto-me se ela deve ou pode fazer faculdade”. A resposta é esta: **”Ela pode até fazer faculdade, mas isso não quer dizer que irá exercer a profissão, já que o pastor não tem morada fixa e ela, se for de Deus, não tem sonhos pessoais”**. Ou seja, a mulher precisa abdicar de seus interesses pessoais pelo desejo de seu marido, porque, se não o fizer, não é verdadeiramente de Deus. É interessante se perguntar se fosse o caso de uma pastora mulher, se a recomendação seria a mesma para seu marido. Entretanto, mesmo contando com algumas pastoras em seu quadro, esta questão não apareceu na amostra.

Na edição 981, de 23 de janeiro de 2011, página 8i, na mesma seção “Coisas de Mulher”, o resumo do programa homônimo colocava em discussão a suposta eterna insatisfação das mulheres com os homens. Vejamos:

SERÁ QUE ELE ME AMA?

Para os homens, as mulheres nunca estão satisfeitas

A maior parte dos homens já ouviu a frase “você me ama mesmo?”. E depois da pergunta vêm as afirmações: **“você nunca me escuta, não se importa com a minha dor”**. **Afinal, agradar ao sexo feminino é tão difícil assim, ou eles estão deixando a desejar?**

O psicólogo Sérgio Savian, em entrevista ao programa “Coisas de Mulher”, que debateu o tema “Por que elas não se sentem amadas?”, disse que as esposas se **sentem inseguras** e cobram do marido. “Eles, por sua vez, **acham esse comportamento chato** e se afastam ainda mais”.

A apresentadora Vivi Freitas falou que eles cometem erros muitas vezes sem intenção, mas que podem prejudicar o relacionamento. **“Outro problema é quando o homem demanda e cobra muito da mulher. Ela já cobra muito de si própria, é detalhista, mãe, esposa, trabalha fora. Então, ela se sente massacrada e infeliz”**.

Já as convidadas Cláudia Brandão e Vanessa Champi explicaram que são grandes fontes de frustração para a mulher quando **ele não retorna os mimos** que ela faz, não reconhece seus erros e a culpa por tudo. E quando ela precisa de afeto do marido por estar com algum problema, **ele se limita a apenas tentar resolver a questão**.

“O homem foge de discutir a relação, parece que não quer ouvir a verdade, mas isso faz com que ela pense que a insatisfação dela não é levada em conta”, disse Cláudia.

E Vanessa completou: “É fundamental dar mais importância para a esposa, pois ela **quer ser prioridade na vida do marido**”.

(...)

O resumo do programa de televisão traz uma série de caracterizações a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher e de como os dois interagem entre si. Apresenta, como em outras passagens, uma essencialização, constrói um modo de ser típico de um homem e outro típico de uma mulher. É interessante notar que, segundo a opinião dos participantes do programa, ambos não conseguem se entender muito bem entre si, justamente por causa da incompatibilidade entre as características de cada gênero (ou sexo, já que o texto trata como iguais). O jornal posiciona homens e mulheres em lados diferentes e incompatíveis, o que supostamente gera desentendimentos entre os casais. As mulheres são seres insatisfeitos, que sempre demandam mais atenção e carinho do que os homens estão dispostos a dar. São seres difíceis de se entender e agradar, e inseguras. Além disso, a mulher é mais detalhista que o homem, mais exigente, e exerce múltiplas funções, como mãe, esposa e trabalhadora. É interessante perceber que o jornal em momento algum questiona essa sobrecarga de atividades exercidas pela mulher. O homem não é chamado como responsável igualmente por cuidar da casa. Neste texto o homem é posicionado como aquele que não demonstra o suficiente seus sentimentos, que se aborrece facilmente com a insistência neste aspecto. Além disso, o homem é colocado como insensível aos desejos e necessidades da mulher, e cuja reação a suas demandas é extremamente objetiva: quando a mulher surge com algum problema, ele não lhe dá atenção e afeto, e se restringe a objetivamente resolver a questão. O homem não conversa, não demonstra o que pensa, e foge da discussão.

O ato de estabelecer características próprias a cada gênero, seja com justificativas sociais, biológicas ou religiosas, funciona como uma estratégia retórica poderosa para se posicionar as pessoas do jeito que for mais interessante à instituição. Conceição Nogueira (2001a) chama a atenção para o fato de que a própria Psicologia, como ciência, muitas vezes pode ser usada como artifício para tal empreitada. De acordo com a autora, a Psicologia é utilizada frequentemente para justificar e perpetuar práticas opressivas, na medida em que solidificam as mulheres em posições das quais elas não conseguem se deslocar sem bastante trabalho. Neste caso, a submissão feminina à vontade do homem é algo extremamente valorizado, e as características de cada sexo parecem favorecer isto: a mulher é sentimental, enquanto o homem é racional e objetivo.

A Psicologia Social Discursiva, de acordo com Potter (1998), rompe com esta compreensão essencialista do mundo ao defender que este modo de posicionar homens e mulheres é problemático por não levar em conta a construção social dos repertórios interpretativos e a orientação funcional do discurso. Este discurso da igreja, as descrições das características baseadas nas diferenças sexuais que ela faz, o modo como ela coloca homens e mulheres em locais diferentes, fazem parte de uma construção discursiva com objetivos mais ou menos visíveis, e que terminam por criar, mais do que refletir, tais diferenças.

De acordo com Gebara (2000), esta caracterização dos homens e das mulheres segue uma lógica já bastante antiga dentro do cristianismo, e que ainda hoje permeia grandes estratos da nossa sociedade. Tal lógica estabelece que a mulher é, essencialmente, um ser transpassado pela emoção e que se deixa levar pelos sentimentos. Por outro lado, o homem é o ser da razão, objetivo, aquele que não se deixa levar facilmente pelas emoções. Este modo de posicionar o gênero remete a uma idéia da mulher como alguém fortemente ligado à natureza, aos instintos, alguém que precisa ser guiado por outra pessoa racional para não se deixar cair. Neste sentido, os lugares privilegiados da mulher na sociedade seriam os ligados a esta característica, como a maternidade, tida, ela própria, como fruto de um instinto. Existe uma conexão grande desta idéia com a própria história de Adão e Eva, na qual a mulher se deixou levar pela lábia de uma serpente e provocou a queda de toda a humanidade. Esta mitologia é um dos grandes pilares da justificação da necessidade feminina de se submeter à autoridade masculina.

E, de fato, a submissão é um atributo feminino valorizado pelas filhas de Edir Macedo. Na coluna “Mulher Cristã” da edição 991, de 3 de abril de 2011, página 8i, uma leitora faz a pergunta: “Qual o segredo para um casamento duradouro?”. Cristiane Cardoso responde: **“Creio que o maior segredo é ter Deus como base desse casamento. Depois então estar disposta a sacrificar para manter o casamento. Isso inclui submissão, respeito, tolerância, e paciência”**. As características essenciais da mulher, ligadas à natureza e às emoções, exigem que ela seja submetida a alguém que seja seu cabeça. Este posicionamento da mulher como um ser essencialmente emocional se reflete na própria coluna “Coisas de Mulher” como um todo. A leitura de edições seguidas do jornal mostra que estas são as principais temáticas da seção. Dificuldades emocionais, dificuldades no relacionamento, dicas de casamento e amizades, maternidade, vida em família. Essas são as coisas de mulher. Embora o jornal traga uma grande cobertura sobre conquistas de outros espaços pelas mulheres, isso se dá em outras seções. Naquela que é o lugar privilegiado da mulher no jornal,

que carrega seu nome, e sugere que seja a essência feminina, a mulher é colocada no lugar da emoção, do cuidado, e da guardiã dos valores familiares.

Como salienta Bovkalovski (2005), a Igreja Universal do Reino de Deus produz um discurso que colabora para a adaptação da mulher a uma cultura marcadamente desigual quando se estabelece um recorte por gênero. De acordo com ela (2005, p. 194), a afirmação de que todos são filhos de Deus “deixa implícito por trás de seu discurso igualitário [...] uma disputa não só pelo poder, mas pela manutenção do status já conferido aos homens na cultura ocidental”. O discurso que marca uma desigualdade entre homens e mulheres, mesmo que não venha em um tom abertamente hierárquico, de acordo com a autora, ainda assim o é, e torna-se mais eficaz na aceitação de sua mensagem pelo seu caráter religioso.

5.3 Um traço de personalidade

No jornal “Folha Universal” existe outra coluna que traz referências à feminilidade em seu próprio nome. É a “Olhar Feminino”. E o que o jornal entende por um olhar feminino? Após uma leitura rápida de algumas colunas seguidas, fica claro que este é um espaço dedicado exclusivamente a reportagens sobre dicas de estética. Percebe-se mais uma vez a associação entre a feminilidade e o corpo, feminilidade e a natureza. A coluna dedica-se a ensinar às leitoras, modos de elas cuidarem melhor da aparência e ficarem mais bonitas. Certamente existe uma ruptura com outras denominações evangélicas. Diferentemente do pentecostalismo clássico, que exige das fiéis um quase abandono da vaidade, a IURD incentiva suas fiéis a cuidar ativamente da beleza, chegando, em alguns momentos, a trazer sugestões bastante ousadas no vestuário e nos cortes de cabelo. A intenção é, claramente, valorizar o corpo, mostrá-lo como algo sensual e bonito de se ver.

A questão do cuidado com a beleza como um atributo feminino não aparece somente na coluna “Olhar Feminino”. Embora este seja o seu lugar mais comum, são constantes, em todo o jornal, as referências à vaidade como associada à feminilidade. Os trabalhos sociais dos membros da igreja são um bom exemplo disto. A Igreja Universal do Reino de Deus conta com inúmeros projetos sociais, com os mais diversos interesses e públicos. Conta com projetos esportivos, projetos voltados ao público jovem, projetos educacionais, entre muitos outros. São grupos de fiéis reunidos com um objetivo em comum, em torno da igreja, mas exercendo atividades seculares como parte do projeto. Há, entre estes grupos, alguns dedicados exclusivamente a reunir mulheres cristãs e outros que, embora tenham outro

objetivo, mesmo assim dão atenção especial a elas. Mas que tipo de atenção é esta? Vejamos como os interesses das mulheres são caracterizados a partir de alguns trechos de reportagens:

MEGABAZAR EM CURITIBA

Evento proporcionou diversão e serviços para os participantes

Curitiba (PR) – A escola Bíblica Infanto-juvenil (EBI) promoveu recentemente, no estacionamento do Cenáculo do espírito Santo, um megabazar com produtos da “Turminha da Fé”. O evento teve início às 9h e terminou às 17h. **Além dos produtos escolares, como mochilas e lancheiras, o bazar colocou à disposição dos visitantes bijuterias, camisetas da EBI e prestação de serviços no cantinho da beleza, em que se podia fazer serviços de manicure, pedicure, cortes de cabelo e escova. Enquanto os pais almoçavam um delicioso churrasco e as mães se embelezavam, as crianças brincavam na piscina de bolinhas, cama elástica e pula-pula.** (...) (FOLHA UNIVERSAL, Ed. 993, 17.04.2011, p. 5i)

AMC VISITA FUNDAÇÃO CASA

São Paulo (SP) – As voluntárias da Associação de Mulheres Cristãs (AMC) compareceram, recentemente, à Fundação Casa de Parada de Taipas (antiga Febem), situada na Zona Oeste da capital paulista. As voluntárias enfeitaram o lugar com arranjos coloridos e organizaram uma mesa com lanches e refrigerantes especialmente para as internas. Para agradecer o carinho, as meninas fixaram mensagens de agradecimento à AMC em um mural exposto no pátio. **Além disso, todas foram presenteadas com kits de beleza do cabeleireiro Celso Kamura** e receberam pijamas doados pelas voluntárias que, descontraídas, cantaram, dançaram e recitaram poemas. A diretora da instituição, Ana Lúcia Ribeiro da Silva, falou sobre a iniciativa. **“Esse tipo de trabalho levanta a auto-estima delas. Agradecemos imensamente às mulheres da AMC e ao pastor Geraldo Vilhena, que está à frente do trabalho de evangelização em unidades da Fundação Casa”,** finalizou.

(FOLHA UNIVERSAL, Ed. 961, 05.09.2010, p. 4i)

Na edição 972, de 28 de novembro de 2010, página 20, uma reportagem sobre problemas nas unhas começa da seguinte forma: “Além de revelar os cuidados de uma pessoa com a higiene e com a estética (**no caso das mulheres**), as unhas vão além das aparências e mostram como vai a saúde”. A edição 995, de 01 de maio de 2011, página 14, traz uma reportagem sobre as cada vez mais freqüentes intervenções cirúrgicas plásticas de noivas para que fiquem mais bonitas no dia do casamento, uma reportagem sem qualquer indício de crítica ou mesmo de preocupação sobre o tema: “Retoques finais: noivas recorrem a plásticas para se sentirem confiantes e mais belas no dia do casamento”. A reportagem de capa da edição 971, de 14 de novembro de 2010, intitula-se “Corrida para a boa forma: ainda dá tempo de deixar o corpo esbelto para o verão. Saiba como perder peso de forma saudável e o que há de mais moderno nos tratamentos estéticos”. Estes exemplos corroboram uma interpretação do jornal que coloca a vaidade e o cuidado estético do corpo como uma coisa propriamente feminina. A Folha Universal estabelece claramente esta diferença de

posicionamento entre homens e mulheres. No primeiro quadro transcrito aqui, por exemplo, durante o evento do megabazar de Curitiba, as mulheres tiveram à sua disposição um serviço de embelezamento, ao passo que os homens, por seu lado, ficaram comendo churrasco. O jornal estabelece visivelmente uma diferenciação entre o lugar do homem e o lugar da mulher, e o dela é o cuidado estético. No outro exemplo relativo ao cuidado com as unhas, ao homem cabe prestar atenção na higiene somente. O cuidado com a estética fica restrito à mulher.

É interessante refletir sobre a insistência do jornal neste posicionamento, já que, em maior ou menor grau, a maioria dos homens tem algum tipo de preocupação com a estética. Mas, na Folha Universal, isto é completamente negligenciado, ao passo que a preocupação feminina com isso é exacerbada. Conta com uma coluna fixa e diversas reportagens e referências na amostra recolhida e analisada. No segundo quadro, a visita das mulheres à instituição resultou na doação de kits de beleza. É importante pensarmos na razão desta escolha. Entre tantas possibilidades e necessidades das detentas da instituição, as mulheres do grupo da igreja escolheram kits de beleza para distribuir, porque, pela leitura que foi feita do jornal, a vaidade é algo interpretado como uma grande necessidade feminina, chegando a ser descrita como um traço de personalidade típico das mulheres. Supõe-se que elas os consideram algo muito importante, inclusive em detrimento de outros objetos. Dificilmente elas doariam kits de beleza se a visita fosse numa instituição para detentos masculinos.

A vaidade é ligada à auto-estima, à confiança em si própria. Na edição 980, de 16 de janeiro de 2011, página 22, por exemplo, na coluna “Olhar Feminino”, a maquiagem é descrita como “a maior aliada das mulheres”. Mesmo quando o assunto é a maternidade, a vaidade é avaliada como algo positivo e que deve ser cultivado pelas mulheres. A coluna “Olhar Feminino” da edição 992, de 10 de abril de 2011, página 22, traz a matéria “Gesto de inteligência: amamentar faz bem tanto para o bebê, que desenvolve melhor o raciocínio, **quanto para a mãe, que perde peso mais rapidamente**”. A amamentação é colocada aqui de uma forma extremamente pragmática, sendo incentivada não só pela saúde do bebê, mas também pelos benefícios que traria para a aparência física da mãe. A coluna da edição 984, de 13 de fevereiro de 2011, página 22, sobre cuidados com os pés, reproduz a seguinte fala da podóloga Neusa Lopes: “**A vaidade é um traço da personalidade da mulher**. Além disso, a sociedade exige que as pessoas aparentem estar bem. Caminhar bem e ter um pé bonito fazem parte disso”.

Os exemplos citados ao longo deste subtópico corroboram a idéia de que a vaidade é ligada à feminilidade, e a Folha Universal se vale do essencialismo para colocar esta

característica como um traço de personalidade da mulher. Enquanto isso, a vaidade masculina não só é ignorada, como sua ausência é frisada, como é possível se ver no trecho sobre o cuidado com as unhas citado anteriormente: “Além de revelar os cuidados de uma pessoa com a higiene e com a estética (**no caso das mulheres**), as unhas vão além das aparências e mostram como vai a saúde”. A publicação faz questão de frisar que o cuidado com a estética das unhas é uma exclusividade feminina, separando-o ativamente dos homens.

O incentivo, por parte da Igreja Universal, para que as mulheres desenvolvam uma vaidade que valoriza as formas do corpo e destaca a beleza e a sensualidade é um exemplo do que Moreira (2006) chama de rompimento com o sectarismo e ascetismo tradicionalmente associados aos pentecostais. Para a autora, esta é uma característica própria do neopentecostalismo, um verdadeiro rompimento com a fuga do mundo que existia anteriormente no movimento religioso pentecostal. Há ativamente uma evitação do sectarismo fortemente presente outrora, já que, de acordo com o próprio Macedo (2010), a IURD faz questão de não querer saber o que o fiel faz ou deixa de fazer de sua vida. Entretanto, esta adaptação aos valores seculares da sociedade não é completa, já que alguns aspectos sectaristas permanecem, como a condenação ao sexo antes do matrimônio e ao álcool, por exemplo.

5.4 O homem iurdiano

Numa leitura e análise atentas do jornal “Folha Universal”, salta aos olhos a desproporção com a qual homens e mulheres são referidos. Enquanto o dito universo feminino é explorado à exaustão, aos homens restam poucas referências. Mesmo uma leitura rápida do jornal permite a constatação de que ele é, sem dúvida, voltado para o público feminino. Não que homens não o leiam nem sejam importantes para a igreja, mas a Folha Universal conta com duas seções fixas inteiramente dedicadas nominalmente às mulheres (“Coisas de Mulher” e “Olhar Feminino”), e suas demais reportagens, como já foi analisado anteriormente, abordam com muita frequência temas de interesse da mulher, como maternidade e a situação do mercado de trabalho para as mulheres.

Machado (2005) pode sugerir uma explicação para isso ao afirmar que a doutrina pentecostal enfatiza valores mais ligados à subjetividade considerada feminina. De acordo com a autora, o pentecostalismo combate o posicionamento tradicionalmente associado à masculinidade no Brasil, estimulando os homens a adotar comportamentos que remetem a

qualidades anteriormente tidas como femininas, como o cuidado com a família, a valorização da intimidade, da docilidade e da tolerância. Dessa forma, mesmo que seu público seja, em grande parte, masculino, a subjetividade valorizada pela igreja é a associada normalmente às mulheres. A autora (1996) afirma que a Igreja Universal é, em comparação às outras igrejas pentecostais, a mais feminina em seus valores e composição demográfica.

Entretanto, existem, mesmo que poucas, referências a um posicionamento masculino. Alguns destes posicionamentos já foram abordados em subtópicos anteriores. Neles, os homens foram posicionados como agressivos, como no trecho já analisado, do dia 27.02.2011: “Mulheres que adotam um comportamento mais agressivo, **numa abordagem mais masculina**, têm menos chances de serem promovidas, concluíram os pesquisadores”. Na edição 995, de 1 de maio de 2011, sobre o massacre na escola de Realengo, Rio de Janeiro, um especialista escreve que “somos uma espécie agressiva, **principalmente os homens**. Somos atraídos por imagens violentas, que refletem nossos interesses internos”. Ou no seguinte extrato, também já abordado:

Eu nunca havia pensado nisso, **a gente pensa na violência como algo masculino, quem mata é o homem, que morre é o homem**. Mas existem mulheres por perto, sempre. E as mães são as que mais se envolvem, cobram justiça” explica Luís, que ficou 4 anos registrando depoimentos com estas mães que perderam os filhos em chacinas e execuções sumárias em atos justificados como “resistência seguida de morte”, cada vez mais comuns no Brasil.

Em outros pontos, ele é apontado como objetivo, mais frio que a mulher, pouco ligado à emoção, ao passo que a mulher é posicionada na direção contrária, como neste texto:

SERÁ QUE ELE ME AMA?

Para os homens, as mulheres nunca estão satisfeitas

A maior parte dos homens já ouviu a frase “você me ama mesmo?”. E depois da pergunta vêm as afirmações: “**você nunca me escuta, não se importa com a minha dor**”. **Afinal, agradar ao sexo feminino é tão difícil assim, ou eles estão deixando a desejar?**

O psicólogo Sérgio Savian, em entrevista ao programa “Coisas de Mulher”, que debateu o tema “Por que elas não se sentem amadas?”, disse que as esposas **se sentem inseguras** e cobram do marido. “Eles, por sua vez, **acham esse comportamento chato** e se afastam ainda mais”.

A apresentadora Vivi Freitas falou que eles cometem erros muitas vezes sem intenção, mas que podem prejudicar o relacionamento. “**Outro problema é quando o homem demanda e cobra muito da mulher. Ela já cobra muito de si própria, é detalhista, mãe, esposa, trabalha fora. Então, ela se sente massacrada e infeliz**”.

Já as convidadas Cláudia Brandão e Vanessa Champi explicaram que são grandes fontes de frustração para a mulher quando **ele não retorna os mimos** que ela faz, não reconhece seus erros e a culpa por tudo. E quando ela precisa de afeto do marido por estar com algum problema, **ele se limita a apenas tentar resolver a questão**.

“O homem foge de discutir a relação, parece que não quer ouvir a verdade, mas isso faz com que ela pense que a insatisfação dela não é levada em conta”, disse Cláudia.

E Vanessa completou: “É fundamental dar mais importância para a esposa, pois ela **quer ser prioridade na vida do marido**”.

(...)

A IURD combate ativamente esta compreensão da masculinidade que ela mesma reproduz, incentivando a participação familiar e o trato mais afetuoso com os membros da família.

O trabalho aparece também como algo de muita importância na construção da masculinidade. Na Folha Universal de 14 de novembro de 2010, edição número 971, página 3, por exemplo, há uma entrevista com o piloto Emerson Fittipaldi, na qual há o seguinte trecho:

10 – Fora das pistas, você é reconhecido como um empreendedor. Aos 63 anos, você pensa em se aposentar?

Eu tenho o trabalho dentro de mim. **Homem não pode parar de trabalhar. É igual bicicleta: se parar cai. Você pode diminuir o ritmo, mas não pode parar.**

Além destes posicionamentos já citados, a masculinidade, entre outras coisas, é associada também à função de pai de família, aquele que cuida do bem estar da mulher e dos filhos. Na maioria das vezes, os homens aparecem no papel de trabalhador, marido, e pai de família. Em sua pesquisa, Bovkalovski (2005) interpretou os dados de maneira similar, ao destacar a importância que a IURD dá ao núcleo familiar e às relações afetivas que o cercam. Para ela, à medida que a igreja foi se fortalecendo e se institucionalizando, o foco se voltou dos modelos de conduta ética rígidos para a organização familiar, o fortalecimento dos laços entre pais e filhos e a valorização do núcleo familiar como célula da sociedade. Talvez por isso, há um farto material presente na seção “Superação”. Esta parte do jornal se refere a depoimentos de pessoas que superaram situações de crise financeira e familiar difíceis, através da participação nas campanhas da Igreja Universal do Reino de Deus. Quase sempre são histórias parecidas: homens que enfrentavam dificuldades financeiras e familiares e que, após participarem das atividades da igreja, viram seu casamento e suas finanças restaurados. O homem é associado à sua função de cuidador de sua família.

Vejamos este texto, da edição 975, de 12 de dezembro de 2010, página 2i:

A CONQUISTA DO IMPOSSÍVEL

Casal viveu crise familiar e financeira, quase chegou ao divórcio, mas participou da Fogueira Santa de Israel e mudou situação que parecia irreversível

Brigas conjugais podem ser ocasionadas por diferentes motivos e, se pelo menos um dos envolvidos não buscar uma solução para que haja o entendimento, o resultado pode ser o divórcio.

O empresário Wellington Mariano de Brito, de 40 anos, e **sua esposa** Adriana, de 36, relatam que se não tivessem tomado a iniciativa de procurar ajuda espiritual na Igreja Universal teriam se separado, pois as brigas eram constantes devido ao intenso ciúme presente na relação. “Certa vez os vizinhos chamaram a polícia para acabar com as discussões”, conta Wellington.

Além dos problemas conjugais, o casal tinha grande dívida. “Morávamos de favor, pois não tínhamos condições de pagar aluguel. Chegamos a ter R\$80 mil reais em dívidas”, recorda. Num determinado dia, ao sair de uma consulta médica em que fazia tratamento para depressão, Adriana estava decidida a se suicidar. “Queria me matar, só que, no caminho, avistei na IURD e resolvi entrar na Igreja. Através de minha primeira oração, Deus me livrou daquele mal interior, me curando da doença.”

Por meio da iniciativa da esposa, Wellington também passou a ir à Igreja Universal. **“Quando percebi que Adriana estava diferente, resolvi frequentar as correntes de orações escondido”**, explica o empresário.

O casal passou a orar junto nas reuniões. Inclusive, participaram com determinação da Fogueira Santa. “Fizemos o nosso sacrifício e Deus nos mostrou que o impossível poderia acontecer. **Nosso casamento foi restaurado, as brigas acabaram, passamos a nos respeitar**”, afirma Adriana.

Na Fogueira Santa seguinte, eles deram fins às dívidas. “Nas campanhas que vieram depois, como não havia mais débito, conquistei bens materiais. Já na quinta, consegui realizar o sonho de ser dono do meu próprio negócio. Abri uma empresa, tenho clientes por todo o Brasil”, declara o empresário. A família tem todo o conforto e estabilidade.

“Eu, Adriana e minha filha Raíssa Lara, de 17 anos, fazemos viagens para o exterior, temos carro e moto importados e uma casa triplex muito confortável. Sou grato a tudo o que Deus fez por nós”, conclui Wellington.

Este texto ilustra bem um padrão encontrado no jornal. Nele há exemplos variados de superação, com as mais diversas temáticas, e é o homem que, na maioria das vezes, é apresentado como exemplo de superação. No exemplo citado acima, Wellington é apresentado como empresário, enquanto Adriana é referida a partir da posição de esposa de um homem. Nos exemplos de superação que envolvem homens, frequentemente esses são apresentados como pessoas que não conseguiam trazer bem estar material nem afetivo para a família, mas que só passam a conseguir através da interseção da Igreja Universal, e de uma valorização da afetividade e de um trato mais próximo e intimista com a mulher e os filhos. A

Igreja Universal do Reino de Deus, dessa forma, tenta aproximar o homem de sua família. Bovkalovski (2005), nesse sentido, escreve que a Igreja Universal, em seus cultos e em seus escritos, destaca sempre a importância da reorganização familiar, a recuperação daquelas que estão em dificuldades de qualquer tipo, e a manutenção da família como a principal estrutura de nossa sociedade. A autora sugere que a igreja coloca na mulher o pesado fardo de ser a responsável pelo sucesso ou fracasso do casamento, pela administração do lar, e pela educação dos filhos. Porém, o que foi encontrado nesta pesquisa foi uma intensa valorização da participação masculina no cuidado da família.

O texto acima citado chama atenção igualmente por fortalecer a opinião de Machado (1996) a respeito do processo de conversão dos homens. De acordo com a autora, muitas vezes os maridos apresentam uma reação hostil à conversão da mulher à Igreja Universal. Porém, na medida em que percebem os benefícios desta conversão, as atitudes hostis tendem a diminuir, como vemos explicitamente no texto. Neste caso, Wellington começou a se interessar em ir à Igreja após ver como sua esposa Adriana estava diferente. Para Machado (1996), o homem tende a perceber que a decisão individual da mulher não ameaça a autoridade masculina na casa, muito pelo contrário: A esposa é incentivada na Igreja a dar seu testemunho de mudança justamente através da tolerância, da submissão e da tranquilidade diante das dificuldades.

Além disso, uma possível interpretação para os frequentes testemunhos de restauração de casamentos após a conversão do casal é que, de acordo com Machado (1996), a conversão conjunta aproxima o casal, intensifica o diálogo, e fornece um código de conduta que valoriza profundamente o relacionamento familiar harmonioso. Mesmo os maridos que não se convertem tendem a mudar de comportamento no caminho de mais aproximação e menos desentendimentos com a mulher. Estas, para a autora, associam esta mudança ao comportamento santificado que praticam, e que influenciaria os maridos.

O homem aparece frequentemente a partir de sua posição de marido e pai. Enquanto a feminilidade é associada a uma rede complexa de referências, que envolve a posição familiar, a maternidade, e outras características psicológicas, o homem é, na maioria das vezes, posicionado quase exclusivamente como membro de um casamento e como um trabalhador. Na edição 978, de 2 de janeiro de 2011, página 3, por exemplo, há uma entrevista com o modelo Daniel Bueno, participante vencedor do programa da rede Record (pertencente à IURD) “A Fazenda”, em sua terceira edição. O foco da entrevista foi sua posição de pai de família. Vejamos o título da reportagem e alguns trechos da entrevista:

AMOR DE PAI

Vencedor de “A Fazenda 3” fala como o amor pelos filhos o ajudou a enfrentar o confinamento

1 – A relação com seus filhos foi importante para ganhar “A Fazenda 3”?

O amor que eu tenho pelos meus filhos deve, de certa maneira, ter tocado as pessoas, pois é o que estão me sinalizando aqui fora e o que me deu muita força para chegar até a final e atingir meu objetivo. A coisa que eu mais desejava quando estava na “Fazenda” era estar com meus filhos.

8 – Mas antes você pensa em dar uma pausa para ficar com a família?

Pretendo ficar com a família durante o Natal e o réveillon. Então agora vou dar um tempo, deixar as coisas se acalmarem um pouquinho e ficar com meu filho e minha família, que é o que eu preciso muito. (...)

Entre muitos aspectos possíveis de se destacar, o entrevistador escolheu aquele que caracteriza Daniel Bueno como pai. A reportagem inicia justamente com uma pergunta que tenta associar o sucesso de Bueno no programa com sua relação com os filhos. A pergunta de número 8, novamente, intenta voltar o foco da conversa para a paternidade. A pergunta anterior, de número 7, se referia aos projetos profissionais do modelo e, diante de sua resposta, o entrevistador insiste se, antes disso, ele não estaria pensando em passar algum tempo com sua família. Nota-se um movimento ativo do jornal no caminho de construir esta associação entre masculinidade e família, já que a iniciativa para tal associação partiu do próprio jornal. Uma leitura mais atenta da primeira pergunta e sua resposta mostra que foi a Folha Universal, em primeiro lugar, quem associou o sucesso do modelo no programa com sua relação com os filhos. A resposta dele denota uma falta de atenção inicial a este aspecto, já que ele diz que isso aconteceu “de certa maneira”, e que “é o que estão me sinalizando aqui fora”. Em seguida, quando o modelo não mais falava de sua família, o jornal volta ao assunto perguntando se ele não passaria algum tempo com a família, diante de tantas ocupações, e ele responde que pretende passar as festas de final de ano junto dela.

É interessante ter um olhar atento para as escolhas efetuadas pelo jornal tanto na formulação das perguntas, que tentam estabelecer uma associação direta entre Bueno e sua relação familiar, antes mesmo de o modelo fazê-la, e a escolha do título e subtítulo da reportagem. Há uma intenção ativa por parte do jornal de construir sua imagem a partir de um modelo de pai cuidadoso com sua família. O casamento e seus frutos, no jornal, são compreendidos como uma conquista para o homem. Vejamos este texto, da edição 974, de 5 de dezembro de 2010, página 2i:

“Eu e um grupo, juntamente com o pastor, subimos um monte. Recordo-me que a subida demorou bastante e era noite. Ao chegar, iniciamos um propósito de oração e ali permanecemos até o amanhecer, orando e jejuando. Foi muito sacrificante, fazia muito frio. Eu nunca havia feito algo parecido. Além desse propósito, lembro que, junto com a Fogueira Santa, passei a me dedicar ao trabalho evangélico e a ganhar almas para o Reino de Deus. **A minha vida mudou. Tenho minha empresa, me casei, tenho dois filhos, conquistei três carros, uma casa de praia, além de outra com cinco quartos no Rio de Janeiro. Estou Feliz e realizado graças à Fogueira Santa de Israel**”, comemora. (Pierre Góes, 38 anos)

Este testemunho coloca o trabalho e seus frutos, o casamento e a paternidade como aquilo que realiza um homem. A mudança de vida efetuada por Pierre, no caminho de sua realização, trouxe a ele aquilo que é o ideal de vida do homem iurdiano: um trabalho que proporcione conforto material para a família, uma esposa e filhos. Para consegui-lo, faz-se necessário o intermédio da Igreja Universal. Como bem resume uma história contada na edição 964, de 26 de setembro de 2010, na página 3i, “uma boa esposa e a vida completamente sobre o altar era o simples, mas infalível segredo do homem de Deus”. O homem é chamado para este lugar de marido e pai afetuoso. Ainda como exemplo desta valorização do homem como marido e pai de família, temos a edição 960, de 29 de agosto de 2010, na qual há os seguintes textos:

CASADOS E MENOS ESTRESSADOS

Pesquisa da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, publicada na revista “Stress”, e realizada com 500 estudantes de mestrado, **em sua maioria homens**, apontou que os **casados apresentavam menores níveis de cortisol** (hormônio responsável pelo estresse) na saliva do que os solteiros. O estudo foi baseado em um jogo de computador que testava o comportamento econômico e se ele exercia influência direta na carreira dos participantes. **O resultado foi que todos apresentavam aumento de cortisol na saliva, principalmente os solteiros.** (Página 5)

“Casar foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Estamos casados há quase dez meses e estou aproveitando muito. Está maravilhoso.” (Kevin Jonas, da banda Jonas brothers, à agência “EFE”, a respeito do casamento com a ex-cabeleireira Danielle Deleasa) (Página 7)

Nos dois trechos reproduzidos acima, a vida de casado é idealizada como algo que trará muitos benefícios ao homem. No primeiro caso, a pesquisa repercutida pelo jornal sugere que homens casados apresentam níveis mais baixos de estresse, enquanto solteiros sofrem mais intensamente deste mal. No segundo trecho, uma frase de um ídolo da música pop adolescente glorifica o casamento como a melhor decisão que um homem pode tomar em sua vida.

A IURD faz este chamado claramente. Na edição 964, de 26 de setembro de 2010, por exemplo, há uma longa reportagem intitulada “Onde estão os pais? Quase cinco milhões de alunos de escolas brasileiras não têm o registro paterno na certidão de nascimento, o que pode causar problemas que vão do constrangimento à falta de laços familiares”. Vejamos alguns trechos da matéria:

“Passei muita tristeza, os colegas de escola falavam que não tinha o nome lá porque era filho de um ou de outro, não tinham respeito. Você vira um Zé Ninguém. Com o tempo, até deixei de ir à escola e me revoltei. Usei drogas e só caí na real quando eu tive meus próprios filhos, que hoje são registrados no nome do pai e da mãe”. (Página 14)

“Isso vai além do registro, é questão de saúde mental. Não ter o nome do pai afeta muito a vida, principalmente no período da escola. Eles ficam com vergonha dos documentos, sofrem bullying”, diz Jaqueline. Quem sofre com a ausência da figura paterna, e não apenas a falta do nome, tem problemas ainda maiores. “Muitos crescem achando que fizeram algo de errado por não terem pai. Quase 80% das pessoas se revoltam por isso e muitos chegam a usar drogas”, completa. Para o juiz de Direito Silvio Dagoberto Orsatto, idealizador do projeto Paternidade Responsável, o registro e a presença da figura do pai são também uma questão de saúde pública. “Uma pesquisa que fizemos mostrou que 72% dos presos de Santa Catarina não têm o nome dos pais no registro, não tiveram laço de afetividade. Desenvolver isso pode ajudar a diminuir a marginalidade”, acredita. (Página 15)

Nesta reportagem o jornal coloca a paternidade num patamar alto o suficiente para que, em sua ausência, sérios problemas psicológicos e sociais surjam. O homem é chamado a assumir o cuidado de sua família sob fortes argumentos: de acordo com o depoimento colhido pela Folha Universal, crianças que não tenham o registro do pai na certidão de nascimento não são respeitadas, são “Zés Ninguém”, sofrem perseguição na escola, se revoltam, e podem chegar ao mundo das drogas por causa disso. O autor do depoimento faz uma associação direta entre estes problemas e a falta do pai, e argumenta que só conseguiu sair desta vida problemática quando ele próprio teve seus filhos e os registrou em seu nome.

O segundo trecho traz a opinião de especialistas. Primeiramente, a presença ativa do pai é colocada como uma questão de saúde mental. O pai que não exerce sua paternidade, que abandona sua prole sem registro, pode estar condenando-a a problemas psicológicos e humilhações na escola. Para a especialista, a falta da figura paterna, mais do que propriamente do registro, é ainda pior para as funções psicológicas da criança: 80% se revoltam com isso, e a maioria começa a usar drogas. Outro especialista, juiz de Direito, associa a falta do pai à criminalidade. Para ele, a presença paterna diminuiria consideravelmente os níveis de criminalidade do país. Mais uma vez, vemos a Igreja Universal utilizando o artifício retórico

mencionado por Potter (1998) que consiste em dar credibilidade ao discurso através do uso de alguma figura de autoridade que o certifique, que lhe dê credibilidade.

Estes exemplos corroboram a opinião de que a Igreja Universal do Reino de Deus valoriza o posicionamento do homem como membro ativo de uma família, em contraste com uma cultura na qual o lugar do homem se resume a ser provedor material. A IURD chama os homens a uma convivência familiar mais ativa e afetuosa.

Na edição 968, de 24 de outubro de 2010, página 10, uma reportagem sobre as dificuldades de famílias pobres que vivem na Amazônia apresenta o seguinte trecho: “Amorosos com os filhos, solidários à comunidade e perseverantes na luta pela sobrevivência, esses homens se tornaram vilões perseguidos pelos órgãos de controle ambiental”. Este trecho mostra o amor pelos filhos como um argumento para defender os homens moradores de zonas de proteção ambiental perseguidos pelos órgãos de controle destas áreas. Na defesa deles, a igreja utiliza o argumento de que eles são amorosos com os filhos, o que sugere, no mínimo, que esta é uma característica de grande valor para a instituição. Interessante notar, porém, que, diferentemente do que ocorre com as mulheres, não existe qualquer tipo de essencialização da paternidade como algo inerente ao homem, ou como algo instintivo. Pelo contrário, boa parte da cobertura sobre o assunto versa sobre a distância dos homens em relação à responsabilidade de cuidar de uma família, e como a Igreja Universal os ajudou neste caminho.

6. MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Enquanto no capítulo anterior foram analisados os modos como a Igreja Universal posiciona homens e mulheres em relação a suas supostas características próprias e seus lugares específicos na sociedade enquanto homens e mulheres, neste capítulo serão analisados alguns posicionamentos onde há continuidade em relação ao pentecostalismo das gerações anteriores e onde há rupturas, do ponto de vista da liberalização dos costumes. Durante a análise do jornal Folha Universal, foi percebido que muitas vezes a igreja rompe com o que tradicionalmente é aceito pelo movimento pentecostal, mostrando uma grande adaptação às mudanças pelas quais a sociedade brasileira passou nas últimas décadas, e que flexibilizaram fortemente alguns aspectos das relações de gênero, promovendo maior abertura para a ocupação de diferentes espaços tanto por homens quanto por mulheres. Mas parte também da interpretação de que a IURD mantém muitos aspectos das relações de gênero tradicionais no pentecostalismo das primeiras duas gerações, como a valorização da submissão feminina, o apoio de sua função materna e cuidadora, e a interdição de sua participação nas instâncias de poder da instituição. Por outro lado, apresenta rompimentos importantes, como a defesa da descriminalização e legalização do aborto, da independência feminina, de sua entrada no mercado de trabalho, da possibilidade de as mulheres ascenderem a cargos de chefia, entres muitos outros exemplos.

A análise de como a Igreja Universal posiciona homens e mulheres mostrou que há, fortemente, uma tendência a colocá-los no lugar de membros de uma família. Seja através da maternidade e paternidade, seja através de marido e mulher, existe uma valorização do homem e da mulher como pais e cônjuges. Entretanto, rompendo com uma tradição que valoriza a mulher no lugar de mãe e esposa submissa, que doa sua existência para cuidar dos filhos e do marido, paradoxalmente o lado oposto aparece com muita frequência no jornal. Há uma grande cobertura jornalística que fala sobre as conquistas e os direitos femininos conseguidos nas últimas décadas, glorificando, inclusive, a chegada das mulheres aos postos de comando no trabalho e a chefia da casa. Porém, como veremos, esta abordagem positiva do assunto esconde igualmente uma cumplicidade com certos problemas enfrentados pelas mulheres hoje, como a dupla jornada de trabalho, que é mencionada, mas não criticada profundamente, o que exigiria questionamento de privilégios masculinos. Analisaremos a partir de agora como estes dois movimentos à primeira vista antagônicos se integram num mesmo jornal.

6.1 Aborto, controle de natalidade, planejamento familiar e AIDS

Talvez o rompimento mais contundente que a Igreja Universal faça com o movimento pentecostal seja em relação à sua posição quanto ao aborto. Diferentemente das primeiras duas gerações pentecostais e da maioria absoluta das igrejas cristãs como um todo, a igreja de Edir Macedo defende abertamente o direito da mulher a interromper a gravidez, embora com restrições. De acordo com Gomes (2009), esta defesa escancara a heterogeneidade característica das opiniões a respeito do assunto e a necessidade de exposição pública dos argumentos. Para a autora, a resposta das instituições religiosas apresenta um duplo movimento: por um lado, provoca uma união de igrejas com posições doutrinárias diferentes em outros assuntos, mas que criticam o direito ao aborto com veemência. Por outro, mostra que há igrejas com uma disposição para discutir o assunto com mais abertura: a Igreja Presbiteriana do Brasil defende o direito ao aborto em caso de risco de vida para a mãe. A Igreja Metodista, em casos semelhantes, além de casos em que haja má formação fetal e estupro. A IURD é a igreja que permite o aborto em mais ocasiões, como em todos os casos anteriormente citados mais em casos de dificuldades econômicas.

Esta defesa, mesmo que já seja exercida há certo tempo, entrou no olho do furacão durante a conturbada eleição presidencial de 2010, na qual Dilma Rousseff foi eleita presidente da República. Na época, o tema do aborto foi levantado pela coligação que pretendia eleger José Serra, do PSDB, presidente. Valendo-se de declarações antigas de Dilma e do apoio de boa parte das lideranças cristãs, como Silas Malafaia e alguns membros da hierarquia católica, a suposta defesa da petista em relação ao direito de abortar foi usada como arma contra ela própria pela coligação de José Serra.

Edir Macedo entrou com força na campanha, defendendo a petista. Esta atitude não seria estranha, já que a Igreja Universal, através de seu braço político, faz parte da base aliada do PT no Governo Federal. O jornal foi usado inúmeras vezes durante a campanha para atacar Serra e defender Dilma. A questão que importa para este trabalho é que, ao surgirem os ataques contra Dilma em relação à sua posição sobre o aborto, a Folha Universal foi ao contra-ataque defendendo-o com veemência e criticando tanto as lideranças religiosas envolvidas nos ataques quanto o candidato José Serra. Vejamos este texto, publicado na seção “Ponto Final” da edição 968 de 24 de outubro de 2010, 24, na semana que antecedeu o segundo turno:

CUIDADO COM O PROFETA VELHO

Em artigo publicado em seu blog, o bispo Edir Macedo pede cautela para as eleições do próximo domingo. Segundo ele, é importante que o eleitor não se deixe enganar. Veja abaixo o texto completo.

A principal característica do profeta velho é o engano. Em I Reis 13, encontramos um homem de Deus sendo enganado por aquele que deveria orientá-lo, falar a verdade e guiá-lo no caminho certo.

Temos visto nos últimos dias uma verdadeira demonstração de que o espírito do profeta continua atuando e tentando levar as pessoas ao engano.

Veja o que aconteceu com o pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha política apoiando a candidata Marina Silva e depois, usando o argumento de que o partido dela, o PV, apoiava o aborto, mudou de lado e, para justificar que não apoiaria a candidata Dilma, acusou o PT de ser a favor do aborto e apoiar o casamento de homossexuais. Pronto, o caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar o candidato Serra.

Como não há nada escondido que não seja revelado, veio a declaração do próprio Serra, em vários meios de comunicação, de que é favorável ao casamento de homossexuais. E não para por aí não. Explodiu como uma bomba a denúncia de algumas ex alunas da esposa do candidato, Mônica Serra, que ficaram indignadas com a **hipocrisia** do casal de que, como cristãos, são radicalmente contra o aborto. Inclusive, a senhora Mônica chegou a dizer que se Dilma vencesse, ela iria matar as criancinhas.

Revoltadas, as alunas disseram que em uma aula, muito tempo atrás, a senhora Mônica declarou que havia feito aborto, com o consentimento de seu marido José Serra. Agora ficam as perguntas: o que fez o pastor Malafaia mudar de lado? Ele vai continuar apoiando o Serra?

Diante desse cenário temos que lembrar o que aconteceu com o homem de Deus (I Reis 13) que seguia o seu caminho e foi levado à morte, enganado pelo profeta velho, porque não guardou a sua fé.

Neste trecho vemos que Macedo usa de uma história bíblica para argumentar contra aqueles que criticam o aborto. O pastor Silas Malafaia argumenta a favor de suas opções políticas baseado na questão da crítica ao aborto. Macedo ataca-o com base na passagem bíblica²⁶ que fala sobre um homem de Deus que desobedece às suas ordens baseado nas mentiras de um velho profeta e termina por morrer em decorrência disso. Assim, Macedo coloca Malafaia na posição do velho profeta que diz coisas erradas, que engana as pessoas para que elas sigam um caminho errôneo e que levará, como na história bíblica, a

²⁶ Em I Reis 13 há a história de um profeta que recebe a ordem de Deus para ir a determinado lugar, mas não comer nem beber nada de lá, nem voltar pelo mesmo caminho. Sabendo disso, após sua saída, um velho profeta morador da localidade procura-o pela estrada, encontra-o e convence-o, através de uma mentira, a voltar, comer e beber em sua casa. Após este fato, quando está indo embora novamente, um leão ataca a mata o profeta que desobedeceu às ordens divinas.

conseqüências desastrosas. Em última instância, a própria crítica ao direito de abortar é compreendida por Macedo como uma pregação incorreta, não baseada na fé racional em Deus. A proibição da interrupção da gravidez é algo vinda de um profeta velho, que leva as pessoas à perdição. Aquele que crê verdadeiramente em Deus e que houve aqueles que realmente têm uma aliança com Ele, sabe que a crítica à descriminalização e legalização do aborto é marcada pela hipocrisia, palavra que aparece neste texto e que parece ser um dos principais pilares da argumentação pró-aborto de Macedo. A estratégia retórica deste texto é claramente colocar aqueles que criticam o aborto na posição de falsos profetas, pessoas que, embora falem em nome de Deus, na verdade afastam os fiéis da verdade divina. Macedo procura posicionar os críticos do direito ao aborto no lugar do engano e da hipocrisia.

Outra mensagem escrita pelo próprio Macedo, publicada na edição 973 de 28 de novembro de 2010, página 3i, já após as eleições, conta com as justificativas do bispo na sua defesa deste direito, o que é importante na análise efetuada neste trabalho:

O QUE É MATAR?

Algumas pessoas têm questionado minha posição quanto à descriminalização do aborto. Um dos argumentos mais citados é quanto ao mandamento “não matarás”. **Mas me parece que o engano está na compreensão da totalidade do significado do termo “matar”.**

O dicionário Houaiss, entre as várias definições que apresenta para este verbo, diz: “causar grande prejuízo ou dano a, arruinar.” E também: “causar sofrimento a; mortificar, afligir; ferir.” **Vemos, com isso, que matar não é somente tirar a vida de alguém, mas também praticar qualquer ato que impeça que alguém tenha vida com qualidade, dignidade, felicidade.**

Permitir que uma criança indesejada venha ao mundo em uma família desestruturada, sem condições de lhe oferecer uma vida minimamente digna, expondo-a a violência, maus-tratos, perda de autoestima e tantas outras mazelas, não significa dar um ser à luz, mas sim condená-lo à morte; uma morte social e psicológica, que vai gerar a pior de todas as mortes: A ESPIRITUAL.

As crianças que andam pelas ruas, entregues à própria sorte, não nasceram; elas foram jogadas no mundo, como fruto da inseqüência e da irresponsabilidade de adultos despreparados, cuja maioria apenas repete a história de abandono e omissão da qual também foi vítima.

Essas crianças primeiro são odiadas por seus genitores e depois passam a ser odiadas pela sociedade. **A mesma sociedade que levanta a bandeira do direito à vida é capaz de virar o rosto em atitude de asco, e atravessar a rua para não passar perto de um menor indigente estirado no chão, cheirando a fezes e urina. O nome disso é hipocrisia.**

Os que gostam de apontar pecados precisam ver que o erro não está em interromper uma gravidez indesejada; está, antes, na banalização do sexo, da desinformação, nos inúmeros fatores que levam um casal a se relacionar e gerar um filho com o mesmo descompromisso com que encara a própria vida.

Não estamos fazendo apologia ao aborto; estamos dizendo “não” à hipocrisia. As mulheres não deixam de abortar porque isso é um ato ilegal. A decisão de interromper uma gravidez tem como motivo principal o fato de ela não ser desejada, por fatores que vão desde uma noite de loucura até violência sexual. Se esta decisão for tomada, ela será levada a cabo, independentemente de sua legalidade, em clínicas clandestinas, que podem levar estas mulheres à morte, mutilação ou seqüelas de procedimentos mal realizados.

A legalidade do aborto permite que estas mulheres possam ser atendidas clinicamente de maneira que procede, e não coloquem sua vida em risco. Isso é direito à vida.

A legalidade do aborto evita que crianças inocentes venham ao mundo para sofrer e ter uma vida miserável.

A legalidade do aborto evita a clandestinidade dos procedimentos cirúrgicos.

Uma mulher que deseja interromper uma gravidez, seja pelo motivo que for, não é uma criminosa, é um ser humano em aflição, que precisa ser acolhido, amado, orientado, não condenado. **Este é o papel que a IURD tem realizado como Igreja.**

A todas as que olham estas mulheres com ódio e intolerância, achando que com isso estão agradando a Deus, fica esta Palavra: *“Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele”*. (I João 3:15)

A base da argumentação de Macedo neste texto é bastante pragmática. Segundo ele, a IURD não defende o aborto. Mas, diante das conseqüências sociais, econômicas e psicológicas que uma criança não desejada traz para os envolvidos e para a sociedade como um todo, o melhor a se fazer é interromper a gravidez. Ele não parte de uma questão de direitos da mulher. A descriminalização e legalização do aborto, para a Universal, não é um problema que diga respeito à autonomia da mulher em decidir se quer levar a gravidez adiante ou não. Não é uma escolha livre. Não é um direito conseguido pelo simples direito sobre o próprio corpo. São defendidas pelas conseqüências nefastas que uma criança indesejada traria.

Macedo produz uma retórica que mexe com os significados do verbo matar. Para ele, matar não significa somente tirar a vida, mas também proporcionar uma vida sem qualidade. A palavra “somente” é utilizada para expandir os significados do verbo, e assim atingir seu objetivo de propor que uma vida sem qualidade é também uma morte. Essa expansão funciona como uma estratégia retórica que o ajuda a argumentar a favor da descriminalização e legalização. Uma vida sem dignidade, na pobreza, no sofrimento, no abandono, não seria uma vida. Seria uma morte muito pior do que a própria morte física: seria uma morte espiritual. Dessa forma, diante destas dificuldades, a interrupção da gravidez seria uma solução mais adequada.

Gomes (2009) esclarece que alguns pesquisadores sugerem que a defesa da descriminalização e legalização do aborto e o incentivo ao planejamento familiar fazem parte de uma estratégia da Igreja Universal para se confrontar com a posição da Igreja Católica. Ela não descarta esta explicação. Porém, a compreende como incompleta. Para a autora, este posicionamento da Universal tem forte relação principalmente com suas idéias de “fé racional” e “vida em abundância”. De acordo com ela (2009, p. 113), “o planejamento familiar destoa dos discursos tradicionais, já que está previsto inclusive na orientação institucional, sendo adotado como recurso racional para o alcance dos objetivos de uma vida plena”. Este conceito de vida plena diz respeito à recusa do fiel em aceitar a pobreza e as limitações que uma família com muitos filhos traria. Gomes (op. cit.) traz, por exemplo, a militância do bispo licenciado e senador Marcelo Crivella, que sugere, através de seu trabalho como parlamentar, a obrigatoriedade das aulas de educação sexual e a facilitação do acesso a cirurgias de esterilização como forma legítima de combater a pobreza. É por este caminho que deve ser interpretada a defesa por parte da Igreja Universal da descriminalização e legalização do aborto.

A argumentação fundamenta-se numa espécie de determinismo social muito mal disfarçado. A leitura atenta do texto mostra uma argumentação baseada principalmente na suposição de que uma criança indesejada será necessariamente um problema para a família e para a sociedade. Macedo afirma que, diante da violência, da carência, do abandono e da exclusão social, a melhor solução seria não ter nascido, em primeiro lugar. Embora Macedo traga o tema da descriminalização e legalização do aborto para discussão e o apóie abertamente, sua argumentação nada tem a ver com o direito da mulher em decidir sobre o próprio corpo. Diz respeito a um determinismo que infere que uma pessoa nascida em condições precárias não teria outras soluções em vida e seria necessariamente um morto espiritual sofredor e causador de problemas para a sociedade. Uma afirmação que, no mínimo, não leva em consideração os testemunhos de mudança de vida de seus próprios fiéis, tão importantes na estratégia de conversão da igreja. A mesma linha de argumentação segue na reportagem de capa “Vítimas da Hipocrisia”, da edição 980, de 16 de janeiro de 2011, página 8. Seu subtítulo é:

Cada vez mais casos de bebês abandonados logo após o nascimento chocam o país. Mas a gravidez indesejada ainda é tratada com preconceito, o que impede um debate sério e necessário sobre a legalização do aborto.

A reportagem baseia-se principalmente em histórias reais de bebês abandonados em lixeiras, lagos e terrenos baldios. Na página 08, há o seguinte trecho:

O caso não é único. Eles se multiplicam pelo país e muitas vezes são vistos como fatos isolados. Não são. Histórias trágicas como a de Elinaura e seu filho e de dezenas de outras mulheres, **a maioria pobre, excluída e desamparada** se repetem constantemente.

Na seção “Recado da Redação” da mesma edição, página 2, há o seguinte trecho:

Poucas situações nos levam a tanta perplexidade e compaixão do que ver uma criança recém-nascida **abandonada, indefesa e completamente vulnerável**. Por mais cruel que seja o abandono, ele demonstra, muitas vezes, uma atitude de **desespero da mãe**, agravado pela forma como a gravidez indesejada é tratada no país. **As autoridades, pressionadas por setores conservadores da sociedade**, permanecem insensíveis à questão e, **por hipocrisia**, não debatem seriamente a legalização do aborto – que continua criminalizado no Brasil, **ao contrário do que ocorre nas regiões mais avançadas do planeta**.

Na página 11 há o seguinte trecho:

No Brasil, a discussão sobre a legalização do aborto caminha a passos lentos. A lei brasileira sobre a prática se assemelha com a de **países africanos como a Nigéria, Angola e o Sudão**, onde a interrupção da gravidez indesejada é considerada crime contra a vida.

Como vemos nestes trechos, a defesa da legalização do aborto é aberta, o que rompe com toda a tradição pentecostal e com o cristianismo em geral. São poucos os setores ligados às igrejas cristãs que aceitam a legalização da interrupção da gravidez como a IURD o faz. É interessante notar que, em sua argumentação, ela utiliza o artifício retórico de associar a legalização do aborto ao avanço e a proibição ao atraso. Num dos trechos citados acima o jornal afirma que o aborto no Brasil é criminalizado, “ao contrário do que ocorre nas regiões mais avançadas do planeta”. Em outro trecho, ele associa a situação legal do aborto no Brasil a “países africanos como a Nigéria, Angola e Sudão”, países estes sabidamente muito pobres e com instituições governamentais frágeis. Há, dessa forma, o uso de um contraste entre os “países avançados” que legalizaram o aborto e os países atrasados que o mantém proibido. A IURD se posiciona do lado oposto aos “setores conservadores da sociedade”, colocando-se como uma igreja progressista e criticando outras igrejas que defendem o aborto como conservadoras. É interessante uma igreja cristã pentecostal utilizar o adjetivo “conservador” com um sentido tão pejorativo, e é bem provável que isto seja uma referência à Igreja Católica e a outras igrejas pentecostais com as quais a IURD tem entrado em conflito aberto.

Além disso, sugere a associação entre o desejo de se realizar um aborto e uma situação econômica, psicológica e social precária. Como foi visto antes em outras reportagens, o direito ao aborto não é justificado a partir do simples desejo de interromper uma gravidez indesejada. É justificado com o argumento que coloca em foco as conseqüências que o nascimento de uma criança não desejada traria para a família, para a sociedade, e para ela própria. É importante se perguntar qual seria a posição da IURD sobre o aborto praticado por famílias economicamente bem estabelecidas, já que toda a sua argumentação parece girar em torno dos problemas sociais de crianças pobres indesejadas.

Em relação ao controle de natalidade e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a leitura do jornal Folha Universal deixa claro uma campanha aberta da IURD para que o tema seja mais discutido, e de forma mais aberta. A instituição defende abertamente o controle de natalidade, além do uso da camisinha como principal forma de conter o avanço de doenças sexualmente transmissíveis.

Como exemplo, temos as ações que a igreja realiza nos países com grande incidência do vírus HIV, principalmente na África. Diferentemente de outras igrejas cristãs que focam suas ações na promoção do casamento monogâmico, ou até mesmo do celibato como principais formas de conter a AIDS na África, a Universal foca suas ações na distribuição de preservativos. Vejamos, por exemplo, o seguinte Box na seção “Sete Dias” da edição 988, de 13 de março de 2011, página 4:

DESCUIDADAS

Estudo mostra que maioria das mulheres não usa preservativo e estão cada vez mais suscetíveis a doenças sexualmente transmissíveis

As mulheres vêm abandonando gradualmente o uso do preservativo. O alerta foi dado por uma pesquisa do Ibope que mostra que apenas 49% das brasileiras – contra 55% dos homens – usam camisinha quando iniciam um novo relacionamento, **mesmo que se trate de sexo casual.** Em 2002, os números mostravam que 60% delas usava preservativo. A queda é preocupante, pois as mulheres ficam **expostas** à transmissão de inúmeras doenças, como a AIDS. O dado **assusta** ainda mais se levado em conta outra pesquisa que mostra que pelo menos 50% dos homens possui algum tipo de vírus papiloma humano (HPV), doença sexualmente transmissível (DST) e que pode **causar câncer.** O resultado deste último levantamento foi publicado na revista científica “The Lancet” e contou com a participação de voluntários no Brasil, México e Estados Unidos.

De acordo com um estudo realizado pelo Instituto de pesquisa e Centro de Câncer H. Lee Moffitt, na Flórida, estima-se que **somente nos Estados Unidos** pelo menos 32 mil casos de câncer em homens tenham **sido conseqüência de infecção por HPV.** Algumas variações do vírus estão associadas ao desenvolvimento de **tumores** em homens e mulheres. Os casos de **câncer de colo de útero são os mais**

frequêntes. Segundo a pesquisa, a incidência de infecção com o vírus é de 38,4 por mil pessoas por ano.

A infectologista Sumire Sakabe, do Hospital 9 de Julho, em São Paulo, **afirma que o uso da camisinha é essencial para a proteção contra a transmissão de DSTs.** Segundo a médica, há muito tempo não existe mais o conceito de grupo de risco. “A infecção está relacionada a atitudes como prática sexual com parceiros múltiplos **sem proteção**”, comenta.

Este texto demonstra uma preocupação na escrita em caracterizar o uso de preservativo como a atitude mais sensata a se fazer diante dos perigos que o sexo desprotegido pode trazer. O próprio título do texto já é um indício disto: “DESCUIDADAS”. Assim, a mulher que não utiliza preservativo em suas relações é adjetivada de maneira indubitavelmente negativa. O texto inicia relatando sobre a diminuição do uso de preservativos pelas mulheres, e então parte para uma argumentação sutil que usa uma série de palavras cuja função é de convencimento em relação à importância da camisinha. Vejamos: após o diagnóstico de que se usa menos preservativo hoje em dia, o texto começa a listar uma série de problemas de saúde que podem ser adquiridos por causa desta omissão. Além desta estratégia, há também o uso de um vocabulário voltado para o convencimento da tese a ser defendida pelo jornal. Assim, a mulher que não usa preservativo fica EXPOSTA à transmissão de doenças graves como a AIDS, e os dados ASSUSTAM ainda mais quando se leva em consideração o número de homens infectados com HPV, que CAUSA CÂNCER. Além disso, SOMENTE nos EUA existe um grande número de casos de câncer que, em última instância, poderiam ser evitados com o uso do preservativo.

No último parágrafo, o texto utiliza o depoimento de uma autoridade para corroborar a tese de que o uso do preservativo é de suma importância. Trata-se de uma infectologista, cujo foco da declaração é o risco de transmissão de DSTs. É interessante perceber que, ao abordar a transmissão do vírus HIV, a IURD concentra toda a sua atenção na prevenção pelo uso de preservativos. É uma posição importante, visto tratar-se de uma igreja cristã cuja moral sexual é ainda a majoritariamente aceita pelo pentecostalismo: a relação sexual somente é aceita dentro do contexto do casamento. Há inúmeras igrejas cristãs, inclusive, que usam esta regra como principal estratégia de combate à AIDS, conseguindo apoio e financiamento de governos como dos Estados Unidos²⁷. A Igreja Universal do Reino de Deus, por outro lado, nem sequer menciona a questão da moral sexual, e foca toda a sua estratégia de combate à AIDS no uso do preservativo. No texto transcrito acima, por exemplo, a médica entrevistada

²⁷ Ver, por exemplo, reportagem publicada neste endereço eletrônico: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI211793-EI298,00-EUA+gastam+US+mi+em+campanhas+de+abstinencia.html>

relata que “a infecção está relacionada a atitudes como prática sexual com parceiros múltiplos **sem proteção**”. Ou seja, a questão não é necessariamente a prática sexual com múltiplos parceiros, mas sim este ato *sem proteção*.

Esta despreocupação com a vida sexual do fiel corrobora a fala de Macedo na mensagem “Jesus Odeia Hipocrisia”, da edição 996, de 8 de maio de 2011, página 3i. Nela, ele escreve que “na Igreja Universal temos o seguinte critério: não estamos preocupados com o que a pessoa faz ou deixa de fazer, se ela tem dez amantes, se é viciada, se é isso ou aquilo! O importante é que ela é um ser humano e Deus olha para o ser humano”. Dessa forma, mesmo apresentando uma moral sexual tradicional do pentecostalismo e que exige dos fiéis um comportamento dentro do casamento que em nada difere de outras igrejas pentecostais mais tradicionais, pode-se dizer que a IURD se diferencia delas na medida em que não exerce grande pressão sobre os fiéis para que sigam esta moral.

Gomes (2009) destaca que a IURD, na verdade, incentiva seus fiéis para quem mantenham uma vida sexual ativa. A autora escreve que a igreja valoriza com frequência o que chamam de harmonia familiar. A vida conjunta e pacífica da família é de extrema importância para a Universal, e a vida sexual do casal não fica de fora disto. Dessa forma, ter satisfação sexual é algo muito recomendável, assim como proporcionar satisfação para a outra parte da relação. O sexo é visto como algo fundamental para a harmonia da família. A autora argumenta que o planejamento familiar é igualmente incentivado por razões pragmáticas

Para Gomes (2009.), a ênfase iurdiana no planejamento familiar tem relação com a Teologia da Prosperidade. O fiel é incentivado a buscar uma “vida em abundância”, ou seja, uma vida confortável, em que seus desejos materiais sejam satisfeitos. O número de filhos a sustentar se torna importante nesse contexto. Dessa forma, os métodos contraceptivos são encarados como uma boa opção para o fiel, longe de uma interpretação fundamentalista da Bíblia tal como é feita pelo catolicismo, que proíbe a atividade sexual sem fins reprodutivos.

Funcionando como um supermercado da fé, no qual as pessoas buscam serviços específicos em grandes templos impessoais, não é foco da igreja controlar o comportamento de seus fiéis, muitos deles vindos anteriormente de vidas consideradas pecaminosas por outras instituições. Esta posição da igreja contrasta mais fortemente com a posição da Igreja Católica, que ocasionalmente aparece nos jornais condenando a estratégia de combate à AIDS baseada na distribuição de preservativos. Confrontação que não é nenhuma surpresa, dado o fervor com que volta e meia a Folha Universal é usada para atacar diretamente a Igreja Católica em questões as mais variadas, como combate à AIDS, planejamento familiar, a

interferência católica nas eleições presidenciais de 2010, os escândalos de pedofilia envolvendo padres, além da tentativa recorrente de responsabilizar o catolicismo pela pobreza brasileira.

6.2 *Mulheres no poder*

A eleição de Dilma Rousseff foi amplamente festejada pelo jornal. A Igreja Universal do Reino de Deus fez parte ativamente da campanha, já que é da base aliada do Partido dos Trabalhadores no Governo Federal desde a primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002. Isto talvez explique seu apoio entusiástico. Mas o que interessa ao nosso trabalho é a forma como este apoio foi exercido. É interessante perceber que, numa leitura sobre a cobertura da eleição e posse da presidente da República, o fato de ela ser a primeira mulher a chegar ao cargo foi o fato de maior destaque. Nas cartas dos leitores da edição 981, de 23 de janeiro de 2011, página 2, por exemplo, a leitora Ludmila P. Almeida escreve o seguinte:

MULHER

A edição 679²⁸ provou, com certeza, que o ano de 2010 entrará para a história, com um grande acontecimento nas eleições: **a vitória de Dilma Rousseff, a primeira mulher na presidência da República**. Sua história de luta e perseverança encantou os brasileiros e **provocou algo que parecia impossível**. Diante disso, também sabemos que a foto da capa desta edição 679, que mostra Dilma e o bispo Edir Macedo, representa que eles têm algo em comum, pois, além das injustiças e perseguições, possuem o que poucos têm: a perseverança.

Na edição citada pela leitora, de 9 de janeiro de 2011, na página 11, temos o seguinte trecho: “No sábado (1), o bispo Macedo era um dos presentes num **momento único** do País: a posse **da primeira mulher na presidência, uma conquista que também vem cheia de simbolismo e esperança**”. Nesta mesma edição, página 2, há a seguinte charge:

²⁸ Embora a leitora cite duas vezes a edição como sendo de número 679, o correto é 979, datada de 9 de janeiro de 2011.



A Folha Universal retrata a chegada de uma mulher à presidência da República com um acontecimento cheio de simbolismo. Vinda de uma igreja evangélica, é surpreendente que esta abordagem seja estampada na capa do jornal. Existe uma valorização da mulher num lugar independente do homem, fora do esquema de submissão que, em outros locais, o próprio jornal defende, através das filhas de Edir Macedo, Cristiane Cardoso e Viviane Freitas. Que simbolismo seria este? A eleição de Dilma Rousseff para o cargo de presidente é tratado pela Folha como uma conquista das mulheres em geral, o que supõe uma verdadeira mudança em relação aos posicionamentos analisados anteriormente.

Esta aparente contradição entre diferentes abordagens da posição da mulher na sociedade fica melhor compreendida quando pensamos que as contradições da igreja refletem as contradições presentes na própria sociedade. De acordo com Toledo-Francisco (2002), o modelo tradicional de família, hierárquico e assimétrico, vem perdendo espaço nas últimas décadas, provocando redefinições nas posições anteriormente atribuídas a homens e mulheres. Assim, há dentro da família contemporânea uma interrelação de interesses complexa e contraditória, e que as igrejas não podem ignorar. Dessa forma, a IURD traz em seus escritos elementos de ambas as posições: a do pentecostalismo clássico, marcada pela forte divisão entre homens e mulheres, mas também das mudanças contemporâneas nas quais esta divisão é

um pouco borrada. Como foi dito no capítulo anterior, a Igreja Universal já nasceu sob esta marca de contradição, porque foi fundada numa época em que o debate sobre as mudanças sociais já estava bastante estabelecido. Baseado na constatação destas contradições internas, que refletem as contradições da própria sociedade como um todo, é necessário, assim, analisar em que momentos a igreja utiliza cada repertório, e com que função.

De fato, para Davis e Harré (1990), o discurso é uma forma de interação social cujos produtos também são sociais. Dessa forma, a escolha dos repertórios interpretativos diferentes produzirá ações diferentes, e é também por este caminho que o discurso deve ser analisado: quais são as diferentes ações que a Igreja Universal realiza quando utiliza dois repertórios interpretativos diferentes? De um lado, um que valoriza a submissão da mulher ao seu lugar de esposa e mãe, e outro que celebra as conquistas femininas nos espaços de poder. Porém, estes repertórios são, de certa forma, manipulados retoricamente pela Folha Universal de modo que a contradição diminui um pouco.

Por exemplo: a eleição de Dilma Rousseff é tratada como um fato que traz esperança e simbolismo. Isto talvez se ligue ao conteúdo da charge: uma mulher na presidência serviria para colocar as mulheres em outro patamar de respeito. Por outro lado, é interessante se fazer uma análise criteriosa da charge. O que fazem as mulheres representadas nela? Uma faz compras para a cozinha da casa. Outra cuida da filha, e uma terceira está acompanhada pelo marido. Somente uma delas está numa representação que não denota antigos e tradicionais posicionamentos atribuídos à mulher, a saber, o cuidado da família e da casa. Assim, embora festeje a eleição de Dilma e destaque o ineditismo do evento, a Folha Universal ainda assim sustenta uma imagem da mulher presa à função de mãe e esposa.

Esta charge representa uma celebração dos avanços na conquista de novos espaços por parte da mulher, mas ao mesmo tempo ainda a coloca nos lugares tradicionalmente destinados a elas. Bovkalovski (2005) traz, apoiando esta interpretação, uma análise de textos escritos por Edir Macedo que caminham pelo mesmo sentido: se de um lado permitem certos avanços, como o pastorado feminino e a valorização da mulher no mercado de trabalho, por outro ainda exigem um passe para que estes espaços abertos sejam ocupados: a submissão à autoridade do homem. De fato, ao passo que a igreja apresenta certos comportamentos considerados progressistas, como a participação política feminina, a valorização do trabalho feminino, a defesa da descriminalização e legalização do aborto, ao mesmo tempo estas conquistas são limitadas pela exigência da manutenção da submissão aos valores do casamento tradicional. A

mulher é apresentada como tendo uma essência interior propícia à posição de mãe e esposa, embora alguns avanços sejam tolerados e, às vezes, até mesmo incentivados.

Na edição 980, de 16 de janeiro de 2011, página 3, há uma entrevista com o pesquisador Frederico Almeida, autor de uma tese de doutorado sobre as relações de poder nas altas instâncias do judiciário brasileiro. Vejamos esta pergunta:

10 – Como você vê a questão da mulher neste meio?

Estima-se que na advocacia e na Defensoria Pública existam muito mais mulheres que homens. Na magistratura já tem muita mulher e isso é crescente. Mas as mulheres não chegam às elites, e isso não é uma questão de geração, elas não chegam por barreiras sociais, políticas e discriminação mesmo. O que, infelizmente, não é muito diferente do que ocorre no resto da sociedade.

É importante levar em consideração primeiramente que foi o próprio jornal quem tomou a iniciativa para abordar o assunto. A entrevista vinha focando no tema da exclusão de determinados grupos e da luta para que as altas instâncias do judiciário pudessem ser ocupadas de forma mais meritocrática, em vez das atuais confabulações políticas. O jornal toca no tema da exclusão das mulheres destas instâncias de poder, o que indica um questionamento ao atual sistema excludente. O pesquisador mostra um quadro atual favorável à melhoria da situação feminina no judiciário: em instâncias mais baixas elas já são maioria. Porém, lamenta-se da falta de mulheres em cargos com maior poder. A IURD mostra um certa disposição a romper com o tradicional posicionamento da mulher como mãe e esposa, o qual ela mesma endossa muitas vezes em outras páginas do jornal.

Como exemplos destes aparentes rompimentos com um posicionamento de submissão, temos o trecho presente na edição 997, de 15 de maio de 2011, página 22, na seção “Olhar Feminino”. Voltada para reportagens sobre estética feminina, esta seção abordava na edição citada a preocupação das mulheres com o surgimento de cabelos brancos, quando, no último parágrafo, surge o seguinte trecho:

Seja por estar cansada de ir frequentemente ao cabeleireiro ou mesmo por uma questão de estilo, há quem opte pelo visual platinado – como fizeram as cantoras Pink e Cristina Aguilera, além da atriz Meryl Streep, no filme “O Diabo Veste Prada”. **“A mulher que assume os cabelos brancos passa a imagem de independência e atitude.** Mas é preciso investir em cortes e tratamentos, como hidratações e produtos específicos, para deixar os fios saudáveis e bonitos, sem sugerir um aspecto de velhice e desleixo”, alerta o visagista e hairstylist Marcello Marcondes, do MM HairSalon, em São Paulo.

Na edição 974, de 5 de dezembro de 2010, página 22, por sua vez, numa reportagem sobre cabelos curtos na mesma seção, há o seguinte trecho:

ATITUDE

Arrepiados, lisos ou mais modelados, o efeito dos cabelos curtos é poderoso. **“A imagem é de uma pessoa mais decidida, independente, que toma a rédea de sua vida. Essa mulher vai causar mais impacto no mundo masculino”**, comenta Alvarez Segundo ele, **as mais arrojadas** ainda podem optar por raspar as laterais e deixar a parte de cima mais alongada.

Nestes dois trechos percebe-se que palavras como independência, atitude, arrojo e a tomada de decisões sobre a própria vida são colocados como valores a ser cultivados. A fiel da Igreja Universal é incentivada a desenvolver tais atributos, já que a abordagem do jornal é visivelmente positiva. Tais posicionamentos (decidida, independente, atitude, etc.) são colocados como algo desejável, e mesmo uma análise do material fotográfico das páginas corrobora esta sugestão: as reportagens são recheadas de fotos de atrizes famosas respectivamente com cabelos brancos e curtos. Este posicionamento das mulheres certamente rompe fortemente com a postura adotada pelos pentecostais tradicionais, como os membros da Igreja Assembléia de Deus, por exemplo. As primeiras gerações do pentecostalismo pregam uma ruptura do fiel com o mundo, o que traz conseqüências para a sua própria aparência. É clássica a imagem de uma fiel da Assembléia de Deus: roupas simples, com o uso obrigatório de saia, sem maquiagem, cabelos longos e pouco enfeitados, sem depilação. No neopentecostalismo, por outro lado, há enorme incentivo para uma postura quase oposta: o jornal Folha Universal conta com uma seção exclusivamente dedicada a reportagens sobre estética, e que prezam por uma ousadia que, muitas vezes, posicionam as mulheres de forma bastante diferente do pentecostalismo clássico, como se pôde ver nos trechos transcritos.

Na edição 987, de 6 de março de 2011, a reportagem de capa se intitula: **“Mulheres no controle: Agora são as mulheres que administram o orçamento da casa e decidem como gastar o dinheiro. E elas já comandam mais de um terço das famílias brasileiras”**.

Há tempos elas deixaram o avental para trás e saíram de casa em busca do desenvolvimento profissional. Todos sabem que as mulheres chegaram com tudo no mercado de trabalho. O que os mais desavisados podem ainda não ter se dado conta é que agora **muitos lares são comandados por elas**, seja contribuindo com a maior parte da renda familiar, seja decidindo como será usado o orçamento da família. Hoje 35% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. Mas elas ainda não podem comemorar completamente o Dia Internacional da mulher, celebrado no dia 8 deste mês, pois ainda **enfrentam algumas contradições: essas matriarcas, com ou sem maridos, encaram mais anos de estudo, se dividem entre os cuidados com a casa, trabalham mais horas que os homens, mas ainda ganham menos.**

A reportagem destaca ainda a questão da divisão dos afazeres domésticos, mostrando que as mulheres, somando os dois tipos de trabalho (remunerado e doméstico), trabalham até 15 horas semanais a mais que os homens, em média. Na sequência, o texto segue:

“Além de serem mais qualificadas e trabalharem fora, **elas ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos. Muitas vivem com jornadas duplas e até triplas**”, destaca Sabrina. A professora Márcia Torres, de 32 anos, sabe bem o que é administrar múltiplas tarefas. Além de cuidar da casa, ela encontra tempo para dar aula, cuidar do filho e do marido e dar assistência ao pai, que tem Alzheimer. E ainda organiza o orçamento da família. “Anoto as entradas e saídas numa planilha semanal”, conta. Os homens, porém, continuam contribuindo pouco com as tarefas domésticas. **“É difícil homem que realmente divide o trabalho em casa.** Mas elas também precisam aprender a deixar os companheiros participarem dos afazeres. De nada adianta elas terem conquistado espaço no mercado produtivo se o trabalho doméstico não for dividido”, diz Claudia Nogueira.

O conceito de comando de uma família utilizado pela reportagem é “quem assume a responsabilidade com os cuidados do lar ou quem responde mais fortemente pela manutenção econômica da casa”. Esta reportagem traz, assim como outras, repertórios interpretativos à primeira vista incompatíveis, mas que se entrelaçam e se imbricam de maneira bastante peculiar.

A leitura do primeiro trecho transcrito mostra uma celebração da abertura do mercado de trabalho para as mulheres, questiona os menores salários recebidos por elas, menciona a dupla jornada de trabalho, valoriza o maior tempo de estudo dedicado por elas. É, sem dúvida, algo que rompe com o tradicional posicionamento pentecostal destinado às mulheres. É um texto que transmite uma idéia de apoio a estas mudanças, e ainda questiona outros problemas que estariam atrapalhando as mulheres neste processo. O segundo trecho, por exemplo, critica abertamente a não participação dos homens na divisão dos afazeres domésticos. Ou seja, a Folha Universal busca um movimento de mão dupla nas relações de gênero junto a seus leitores: valorizar a ocupação feminina de espaços tradicionalmente masculinos, como o mercado de trabalho, e trazer os homens para um espaço anteriormente dominado pelas mulheres: a casa e suas demandas.

Porém, de igual forma, chama atenção o que a reportagem entende por chefia de uma família. Repetindo: é “quem assume a responsabilidade com os cuidados do lar ou quem responde mais fortemente pela manutenção econômica da casa”. Não deixa de se destacar que, embora valorize o comando feminino, é um *certo tipo* de comando: o comando do lar. A chefia mencionada na reportagem diz respeito à administração do orçamento doméstico, à manutenção financeira, e à melhoria das condições de trabalho doméstico e remunerado. Ou

seja, ainda que faça um rompimento com o tradicional posicionamento de homens e mulheres presente no pentecostalismo, a Igreja Universal do Reino de Deus ainda mantém a mulher presa à idéia de cuidadora do lar e da família, dentro do contexto do casamento. É a este tipo de comando a qual a reportagem se refere.

Assim, nota-se que a IURD apresenta em seu discurso manobras retóricas que dão conta de celebrar as conquistas femininas ao mesmo tempo em que ainda as mantém sob rédea curta da instituição. Há, dessa forma, uma mistura de duas formas distintas de compreender a posição da mulher na sociedade, e que forma um discurso bastante interessante no pentecostalismo brasileiro. Toledo-Francisco (2002), em sua pesquisa, interpretou seus dados de maneira semelhante. As mulheres neopentecostais de sua pesquisa não negam as concepções religiosas tradicionais sobre o gênero, sobre o lugar do homem e o lugar da mulher na sociedade. Porém, elas realizam uma manipulação retórica destas idéias e as interpretam de uma maneira bastante peculiar, na direção de uma contestação da hierarquização entre homens e mulheres. É o que ela chama de hibridização: os neopentecostais, em sua grande maioria, são convertidos. A maioria deles não era ligado com muita força a igrejas e apresenta valores mais seculares. Trazem-nos então para dentro das instituições que, pragmaticamente, os incorporam a seus próprios valores. Há, de acordo com a autora (2002), uma apropriação seletiva das diversas culturas em que os fiéis estiveram ou ainda estão inseridos.

A participação política feminina noticiada na Folha Universal pode ser interpretada pelo mesmo caminho. São dois repertórios interpretativos diferentes, usados conjuntamente. De um lado, a valorização dos novos espaços ocupados pela mulher e de suas conquistas, e de outro uma permanência em certos patamares, ou, dito de outra forma, a insistência em limites para estas conquistas.

Como exemplo, temos a seção “Política e Fé”. Como mencionado anteriormente, esta parte do jornal é dedicada a destacar e divulgar as atividades exercidas pelos políticos ligados à igreja, em todos os níveis de poder: vereadores, deputados estaduais e federais, senadores e mais diversos tipos de cargos políticos ocupados por pessoas ligadas à Universal. Em primeiro lugar destaca-se o fato de, na amostra recolhida, a presença feminina ser mínima. Esta forma de exclusão não deixa de ser uma maneira de se demarcar territórios: o mundo político é, para a igreja, masculino. Esta interpretação ganha ainda mais peso quando se considera que a IURD é, de acordo com Machado (1996), uma igreja bastante feminina em sua composição demográfica. Ou seja, as mulheres são maioria absoluta entre os fiéis, mas

nas instâncias de poder há uma interdição à sua ascensão. Porém, há mulheres nas instâncias políticas. Em Salvador, por exemplo, há a vereadora conhecida como Tia Eron. Vejamos sua atuação propagandeada na seção “Política e Fé” da edição 958, de 15 de agosto de 2010, página 6i:

BAHIA EM FAVOR DA MULHER

Comissão dos direitos da mulher discute questões sobre discriminação e violência

Salvador (BA) – A comissão dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Salvador, presidida pela vereadora Eron Vasconcelos, **tem desencadeado inúmeras discussões na Casa sobre a importância da mulher na sociedade**, principalmente contra a discriminação e a violência. A comissão, além de lutar junto ao Tribunal de Justiça da Bahia (TJ – BA) **pela realização de casamentos coletivos, tem como meta a implementação da lei que concede aposentadoria especial às donas de casa.**

O resultado imediato dessa atuação foi o aumento das denúncias para os casos de agressão contra as mulheres aos órgãos competentes. Em citação à discriminação da mulher negra, a parlamentar dedicou a comenda Maria Quitéria à professora Ivete Alves do Sacramento, reitora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), primeira negra brasileira a ocupar cargo de reitora em uma universidade.

Neste primeiro semestre, a Câmara Municipal de Salvador lembrou de questões como a saúde da mulher, a eliminação da violência, a importância do aleitamento materno e ainda o aniversário da Lei Maria da Penha.

“Em todos os debates buscamos esclarecer questões relevantes para a população, a exemplo do perigo do fumo e das drogas, como também no caso da doação de órgãos, contribuindo com alertas e ações educativas”, declarou a vereadora.

Ela também incrementou importantes ações dirigidas às mulheres de presos e às presidiárias, oportunizando uma assistência social integral.

Este é um exemplo entre muitos de um padrão encontrado nas poucas aparições de mulheres na política partidária iurdiana. A interpretação dada ao que foi lido nesta seção é de que a presença da mulher no mundo político apresentado na Folha Universal teve como função, quase que estritamente, garantir direitos para as mulheres. Interessa, então, analisar a natureza destes direitos. O texto expõe, no início, que a vereadora Eron Vasconcelos tem ajudado a promover “inúmeras discussões” sobre a importância da mulher na sociedade. Seria bastante interessante estudar o que a vereadora entende por importância da mulher. Infelizmente não é possível neste trabalho, mas interessa saber. Em relação ao texto citado acima, ele mescla dois posicionamentos diferentes em relação à mulher, como já vinha sendo analisado anteriormente.

No primeiro parágrafo o texto afirma que uma das ações da Comissão dos Direitos da Mulher foi tentar promover casamentos coletivos e a implantação de uma lei que concede aposentadoria especial às donas de casa. Estas são ações que posicionam a mulher no lugar tradicional de cuidadora de um lar. Por outro lado, a comissão trabalha temas que rompem com este posicionamento, como a celebração do fato de a Universidade do Estado da Bahia ter como reitora uma mulher negra. Como neste exemplo, a Folha Universal traz diversas reportagens sobre direitos das mulheres. São inúmeras edições que trazem textos sobre a luta contra a violência, tanto em nível nacional quanto internacional, e sobre a Lei Maria da Penha. A mulher, dessa forma, recebe nitidamente uma atenção especial de suas representantes políticas.

De acordo com Machado e Figueiredo (2002), os evangélicos parecem estar afinados com uma preocupação de estimular a presença de mulheres no jogo político. Os números da proporção homem/mulher nas disputas eleitorais analisadas pelas autoras sugerem que não há grande diferença entre as candidaturas evangélicas e as não-evangélicas. Pelo contrário: em sua amostra, as candidaturas femininas evangélicas foram levemente maiores que o conjunto geral. Para as autoras, o pentecostalismo, até a década de 1990, foi marcado pela compreensão dos pesquisadores de que eram apáticos politicamente. Além disso, sua participação era mais forte nas lutas políticas mais conservadoras.

Porém, este estereótipo foi sendo deixado de lado na medida em que foram surgindo grupos evangélicos organizados, com projetos políticos explícitos e estratégias ousadas na tentativa de aumentar sua influência. E hoje até mesmo este conservadorismo tem sido deixado de lado, como na luta pela descriminalização e legalização do aborto e na crítica de Macedo aos “setores conservadores da sociedade”. Machado e Figueiredo (2002) argumentam que o crescimento da participação feminina pentecostal na política deixa evidente a complexidade da relação destas igrejas com as mulheres. Incentivam-nas, por um lado, a seguir numa posição subalterna à vontade masculina, e, por outro, sugerem um alinhamento dos líderes religiosos com a preocupação atual de estimular a presença feminina no mundo político, lugar que anteriormente era quase exclusivamente masculino.

Porém, a participação política das mulheres da IURD ainda é marcado por uma limitação: o comando feminino se restringe ao lar. A participação política da mulher é direcionada para os assuntos que dizem respeito às próprias mulheres, muitas vezes reafirmando antigos posicionamentos, como o casamento e os direitos de uma dona de casa. Não é uma questão de ser contra ou a favor de tais direitos. Mas sim de se refletir que

caminhos estas mulheres ligadas à IURD estão trilhando em suas carreiras políticas. Que mensagem elas estão produzindo. E a interpretação pensada aqui é que esta mensagem é que, embora aceite e incentive a conquista de novos espaços pelas mulheres, como a reitoria de uma universidade, as lideranças políticas iurdianas femininas ainda são poucas e, para elas, mulher na política se envolve majoritariamente em temáticas cujo posicionamento subentendido ainda guarda certas amarras que prendem as mulheres a antigos espaços.

Machado e Figueiredo (2002) destacam um fato importante, e que pode explicar o interesse da Universal em alavancar candidaturas femininas, defender com ardor os direitos das mulheres, e apoiar tão enfaticamente o fato de Dilma Rousseff ser a primeira mulher presidente da República no Brasil: em suas pesquisas, verificou-se que a IURD chega a ter uma composição feminina de aproximadamente 80% do total de seus membros. Somando-se a isso, numa pesquisa realizada pelo ISER e reproduzida pelas autoras, 94% dos membros da igreja declaram que votariam nos candidatos indicados pela instituição. Assim, as mulheres representam um poder político para os interesses eleitorais da igreja que não pode ser de modo algum negligenciado. Dessa forma, construir um discurso que remete a uma valorização da mulher e seus interesses é crucial para as pretensões políticas da IURD, na medida em que atinge seu maior público. Além disso, as autoras (2002) sugerem que este movimento tem relação com uma tentativa de se adequar às mudanças nas relações de gênero que aconteceram nas últimas décadas, que catapultaram a mulher a um lugar de maior destaque em comparação à sua antiga posição.

Machado e Figueiredo (2002) apontam que o discurso das parlamentares mulheres da IURD, fortemente marcado pela questão dos direitos da mulher, não têm engajamento nem diálogo direto com grupos feministas. Para elas, este discurso tem mais relação com um fenômeno que começou a se destacar na década de 1990, a saber, a absorção seletiva dos aspectos mais digeríveis do imaginário político feminista por parte de organizações da sociedade civil, de Estados, de instituições culturais, etc. A Igreja Universal, que sempre demonstrou um movimento de adaptação a algumas mudanças sociais, seguiu este fluxo. Dessa forma, as autoras (2002) argumentam que esta apropriação seletiva tem a função de elaborar um novo significado para tais demandas, absorvendo algumas delas, mas atenuando seus impactos revolucionários que pudessem romper com os arranjos hierárquicos de gênero.

Por fim, Bovkalovski (2005) destaca, no que este trabalho concorda plenamente, que a igreja de Edir Macedo procura conciliar um olhar moderno e outro arcaico no que diz respeito às relações de gênero. A IURD e suas publicações promovem modelos de conduta para as

mulheres facilitadores de uma inserção em repertórios interpretativos que mesclam habilmente um respeito e valorização em relação às conquistas femininas das últimas décadas, das quais há pouco vestígio de crítica nos jornais analisados, com uma defesa do posicionamento mais tradicional da mulher como mãe e esposa.

6.3 A resistência

A abordagem sobre as relações de gênero no jornal Folha Universal traz elementos de diferentes repertórios interpretativos, que misturam elementos tradicionais do pentecostalismo com algumas rupturas com ele, muitas vezes com um discurso construído que funde os dois repertórios. Há certos espaços, porém, nos quais uma produção discursiva mais conservadora é mais forte. No capítulo anterior vimos que a seção “Coisas de Mulher”, comandada por Viviane Freitas e Cristiane Cardoso, filhas de Edir Macedo, concentra grande parte desta posição mais conservadora em relação ao lugar da mulher na sociedade. Enquanto em outras seções a mulher é incentivada a buscar espaços novos na casa, no trabalho, ou mesmo no fechado mundo político, no lugar reservado especialmente às mulheres há um posicionamento bem mais tradicional: a mulher é colocada na posição de submissão a um homem, o casamento é compreendido como seu espaço natural e existe um maior controle sobre sua vida sexual. Vejamos, por exemplo, o resumo do programa “Coisas de Mulher”, publicado semanalmente na seção homônima, na edição 974, de 5 de dezembro de 2010, página 8i:

NA HORA DA PAQUERA

As mulheres devem tomar a iniciativa?

Hoje as mulheres têm muito mais liberdade do que no passado: trabalham e correm atrás dos seus sonhos. Na hora da paquera não são poucas as que deixam a tradição de lado e vão falar com o rapaz. Entre eles, há os que gostam da ousadia delas e há os que não vêem essa atitude com bons olhos. “Quem deve tomar a iniciativa: o homem ou a mulher?” foi o tema de debate do programa “Coisas de Mulher”, apresentado por Vivi Freitas e que contou com as convidadas Vanessa Champi, Jéssica Almeida e Luísa Teixeira.

Vivi disse que a mulher deve se considerar valiosa, então, é o homem que tem que se arriscar para conquistá-la.No entanto, elas concordaram que **se a situação está num “chove e não molha”, ela está apaixonada, sofrendo e quer uma definição, nesse caso, ela pode chamar o rapaz para uma conversa.**

Vivi salientou que, antes de isso acontecer, é importante ter havido tempo para os dois se conhecerem. “Se a pessoa é amiga, trata-a bem e ela tem dúvidas se é correspondida ou não”, disse Jéssica.

Vanessa ressaltou a importância de se evitar vulgaridades como olhares provocantes, gestos sensuais, roupas extravagantes para chamar a atenção e linguajar chulo.

As dicas da semana foram: avalie as conseqüências, pois é preciso estar preparada para a possibilidade de ouvir um não. Avalie a finalidade e tenha certeza do que você quer.

O texto posiciona claramente as mulheres num lugar mais conservador no que diz respeito às suas relações com homens. Ele inicia relatando algumas conquistas femininas, como a abertura do mercado de trabalho e a possibilidade de se correr atrás dos sonhos. Segue discorrendo sobre a atual liberdade feminina em tomar a iniciativa no campo amoroso, atividade anteriormente dominada pelos homens, ou ao menos atribuída a eles. Porém, a leitura do texto mostra uma construção discursiva que critica fortemente a liberdade das mulheres em buscar ativamente seus interesses nos assuntos amorosos: o lugar da mulher é na espera da iniciativa masculina.

A argumentação das apresentadoras gira em torno, inicialmente, do suposto valor da mulher. De acordo com Viviane Freitas, o valor de uma mulher está atrelado a sua passividade no jogo da conquista. Só é valiosa aquela que permanece passiva à espera da iniciativa masculina, submissa à vontade e disposição do homem em conquistá-la ou não. Este é, certamente, um posicionamento bastante conservador em comparação aos valores da sociedade brasileira atual. O próprio texto menciona o fato de que são muitas as mulheres que deixam este modo de agir de lado e partem para a iniciativa na hora da paquera. Ele reconhece que o comportamento de homens e mulheres mudou bastante ao longo do tempo, e já há larga aceitação de uma maior liberdade.

Este fato destaca ainda mais a importância exercida pelas duas colunistas na seção “Coisas de Mulher”. Elas funcionam, declaradamente, como modelos de conduta para as fiéis da Igreja Universal. A proposta de ambas é formar moralmente mulheres para que sigam determinada forma de interpretar seus lugares no mundo enquanto mulheres. Para isso contam não só com a seção a qual lideram e o programa de televisão. Cristiane Cardoso formou, de fato, um grupo voltado exclusivamente para a promoção de determinados valores em suas alunas, o Sisterhood, um curso cujo objetivo seria resgatar a essência feminina colocada por Deus em cada mulher.

De acordo com Bovkalovski (2005), esta formação de modelos de conduta baseada em exemplos é uma técnica utilizada com muita frequência pela Igreja Universal do Reino de Deus. Para ela, o objetivo seria persuadir indivíduos e grupos a criarem novas atitudes morais. Além das filhas de Edir Macedo, que se declaram abertamente exemplos de mulher a se

seguir, a igreja trabalha com muita frequência com personagens bíblicos que reforçam características positivas que devem ser seguidas e características negativas que devem ser evitadas. Além do exemplo, Macedo tem o hábito de argumentar a partir de parábolas retiradas da Bíblia, como no texto sobre o aborto analisado anteriormente, que utiliza I Reis 13, cujo personagem é o profeta que desobedece às ordens de Deus por causa de um profeta velho que o engana. De acordo com a autora, esta técnica é abrangente, e usada de formas diferentes em muitas sociedades. Em sua pesquisa nos livros de Edir Macedo, Bovkalovski (2005) constatou que os modelos de mulher são principalmente Rute, Noemi e Maria, e são ressaltados principalmente temas como fidelidade, fé, virtude, castidade e pureza espiritual.

Para as apresentadoras, só há uma possibilidade de a mulher tomar a iniciativa sem ferir sua feminilidade nem seu valor. É quando a situação está indefinida, a mulher está sofrendo e apaixonada, os dois já se conhecem, são amigos, ele trata a mulher bem e ela tem dúvidas se é correspondida ou não. Ou seja, uma situação extremamente restrita, e que cerca a possibilidade de iniciativa feminina a algo muito específico: quando a mulher ama um homem com toda a certeza. Todas as restrições colocadas pelo programa parecem convergir para evitar a iniciativa feminina em relacionamentos mais casuais, nos quais não há, ao menos inicialmente, grande amor envolvido. É, talvez, uma forma de evitar o exercício da paquera e, em última instância, da sexualidade fora do contexto de um relacionamento sério. Esta interdição da sexualidade fora do casamento é corroborada pela recomendação quanto ao que o texto classifica como vulgaridades: olhares provocantes, gestos sensuais, roupas extravagantes e linguajar chulo são expressamente desaconselhados. Tais vulgaridades são formas de exercício da sexualidade mais livre das amarras do casamento. São coisas que valorizam o corpo, e que são vedadas pelas apresentadoras do programa. Esta interdição da sexualidade fora do contexto do casamento é reforçado por Viviane Freitas em sua coluna da edição 968, de 24 de outubro de 2010, página 8i:

DEVO ENTREGAR-ME?

Que pergunta, hein? Quem é solteiro e vive esta questão diariamente fica ardendo de paixão por dentro, mas quando coloca a cabeça no travesseiro, **a consciência fala bem alto: “O que será de mim quando eu me entregar a ele? Será que serei a mesma? Será que vou mudar para melhor ou para pior? E o amanhã, como será?**

Eu não creio que seja útil para uma adolescente entregar-se. Ou uma mulher adulta, que vive descompromissadamente, **sendo usada e jogada fora. Cadê o valor?**

Minha história de amor é maravilhosa. **O único homem a quem me entreguei no dia do meu casamento me realizou desde aquele momento**, como mulher, como também como pessoa. Pude constatar que o mesmo homem fiel que encontrei antes de me comprometer, que me respeitou, ainda leva essa personalidade intacta, de fidelidade, até hoje. **Tive e obtive essa segurança porque nós esperamos até o dia do nosso casamento.**

Mas não quero dizer com isso que foi fácil. Não. Houve momentos em que sentia uma louca necessidade de entregar-me, mas foram nesses momentos em que demonstramos um respeito mútuo, uma dignidade. **O mais profundo é que isso revelou que tipo de pessoas éramos.** Ficou evidente como reagiríamos no meio de um turbilhão de sentimentos avassaladores.

Agora imagine, se tudo fosse o oposto daquilo que escrevi acima, **quantas mulheres ou maldades haveria na cabeça dele? E na minha? Como ele seria capaz de trazer-me confiança em sua declaração de fidelidade? Desconfiança, ciúmes e nosso passado estariam presentes em nossas vidas, porque não teríamos moral na história que travamos outrora.**

É através dos sentimentos avassaladores que verá quem está disposto a renunciar por amor e respeito a você, até o dia em que ele assumir um compromisso.

Viviane, assim como no texto anterior, associa o valor da mulher à sua virgindade até o casamento. Sua estratégia retórica é colocar a manutenção da virgindade ao lado da segurança, da certeza. De acordo com ela, quando uma mulher pensa em se entregar a um homem, sua consciência irá necessariamente pesar, de forma que, ao tentar dormir, incertezas pairarão sobre sua mente. Além disso, para Viviane, uma mulher que exerce sua sexualidade fora do contexto do casamento está sendo usada pelo homem e será jogada fora. Esta é, certamente, uma posição extremamente conservadora, na medida em que não considera o desejo da mulher. Ou melhor, considera que o desejo da mulher é sempre uma relação duradoura que culmine num casamento. Dessa forma, no discurso de Viviane, não existe a possibilidade de a mulher desejar ter simplesmente uma relação casual, ou ao menos desejar ter uma relação sexual fora do casamento: caso isso aconteça, ela estaria sendo usada, manipulada, enganada por um homem. No fundo, não seria seu desejo.

Ao levarmos em consideração o texto anterior, que prega a iniciativa masculina e a passividade feminina no campo amoroso, e este, que defende abertamente a virgindade até o casamento, vemos que o discurso da seção “Coisas de Mulher” é certamente mais condizente com a linhagem pentecostal clássica, mais conservadora que o neopentecostalismo iurdiano. Enquanto o exercício da sexualidade fora do casamento é colocado no lugar da incerteza, do arrependimento, a manutenção da virgindade é defendida com uma argumentação que se baseia, principalmente, na segurança. A espera pelo casamento é interpretada como uma prova de respeito, a segurança de que o homem e a mulher são dignos de confiança, e que os votos de fidelidade serão cumpridos.

Esta interdição da sexualidade como algo perigoso, que se deve evitar fora do contexto do casamento, tem forte relação com a história do cristianismo, de acordo com Pagels (1992). De acordo com a autora, a história da criação foi utilizada pelos teólogos dos primeiros séculos da era cristã para justificar a austeridade sexual. Paulo, por exemplo, considerava em alguns textos que o ideal de vida para um cristão seria a castidade, e só os mais fracos recorreriam ao casamento. Somente mais tarde, como foi visto no capítulo três, a sexualidade, ao menos dentro do casamento, foi melhor aceita. Para Amorim (2009), este controle institucional da sexualidade de suas fiéis é fruto da separação e hierarquização entre corpo e alma. Neste caso, seria uma das funções da religião disciplinar os corpos das fiéis, controlar o instinto manifesto no corpo, normalizar o prazer e domesticar os corpos para que elas não percam a salvação.

De acordo com a autora (2009), até meados do século XX a tradição católica e protestante seguia com rigor este controle. Entretanto, com as mudanças sociais que transformaram as relações entre homens e mulheres na segunda metade do século passado, muitas igrejas se adaptaram. O neopentecostalismo, como já foi dito, levou esta mudança mais adiante que a média das outras igrejas cristãs. Porém, permanecem no discurso da IURD ainda alguns interditos, como a necessidade da virgindade antes do casamento e a subordinação feminina à iniciativa masculina. Esta subordinação, de acordo com Amorim (2009), é corroborada pelas igrejas, que funcionam como instâncias legitimadoras das relações sociais de gênero. Para a autora, as igrejas canalizam as eventuais resistências a este modelo para o plano simbólico, através da oração.

Porém, Amorim (2009) aponta que esta subordinação, em pesquisa que confirma as interpretações de outras autoras citadas anteriormente, como Francisco-Toledo (2002), Machado (1996) e a própria interpretação deste trabalho, é muitas vezes manipulada retoricamente pelas mulheres para que haja uma ruptura em relação às ordens recebidas sem haver insubordinação direta. Elas mexem com os significados da palavra subordinação para que ganhem espaços na sociedade sem romper diretamente com o mandamento institucional da subordinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste trabalho, alguns pontos merecem ser destacados. Primeiramente, é imprescindível levar em consideração a variabilidade do discurso encontrado na Igreja Universal do Reino Deus sobre os temas abordados na pesquisa. As relações de gênero, e, mais especificamente, o modo como a instituição posiciona homens e mulheres a partir desta separação, foi tema de grande variabilidade nas práticas discursivas produzidas pela igreja.

Por um lado, há um repertório interpretativo que essencializa homens e mulheres a partir de supostas características típicas de cada sexo. E, de fato, de acordo com este repertório, não existiria gênero, no sentido que ancora esta pesquisa e que leva em consideração a construção social dos seres humanos. Este posicionamento da igreja utiliza tanto a Biologia quanto a Bíblia para produzir uma prática discursiva que atribui características essenciais a homens e mulheres, determinadas pela divisão sexual. Estas características produzidas pelas práticas discursivas do jornal Folha Universal procuram posicionar a mulher como formada, seja pela natureza, seja pelos mandamentos de Deus, para a maternidade e o casamento. Este seria o lugar apropriado para o melhor desenvolvimento da mulher na sociedade. A mulher desejaria instintivamente ser mãe e ocupar o lugar de esposa de um homem.

Cabe destacar o papel exercido pelas filhas de Edir Macedo na propagação desse repertório. Cristiane Cardoso e Viviane Freitas promovem ativamente essa posição para as mulheres, valorizando a submissão ao marido como algo a ser cultivado. As duas funcionam como um exemplo da alta liderança da igreja a ser seguido. A proposta de ambas é formar mulheres com esses valores, através do grupo liderado por Cristiane chamado Sisterhood.

O homem, por outro lado, é posicionado num lugar mais ativo. A ele caberia cuidar e buscar o sustento da família, e por isso ele muitas vezes aparece associado ao mundo do trabalho. A partir disso é que se compreende a maior participação masculina na coluna “Superação”, na qual a história de superação das dificuldades familiares e financeiras de um fiel da IURD é contada, dando ênfase na função da igreja em prover as possibilidades de melhora na vida financeira e familiar do membro. A Folha Universal ainda posiciona o homem como mais assertivo e agressivo, associando constantemente masculinidade e violência.

Um outro repertório encontrado no discurso do jornal, bastante diferente do mencionado anteriormente, apresenta uma maior liberalização dos costumes em comparação ao pentecostalismo de outras gerações. Louva as conquistas femininas das últimas décadas, como a entrada no mercado de trabalho, a independência, a presença feminina nas altas esferas do poder. A IURD participou abertamente da campanha de Dilma Rousseff nas eleições de 2010, e o fato de ela ser a primeira mulher eleita presidente do Brasil foi bastante destacado pela Folha Universal.

Além disso, a instituição defende com veemência a descriminalização e legalização do aborto. Porém, é importante que se leve em consideração que tal defesa é argumentada a partir de fatores sociais, e não leva em consideração qualquer discussão a respeito do direito feminino em decidir sobre uma gravidez indesejada. Para a IURD, a descriminalização e legalização do aborto são defendidas no contexto de gravidezes indesejadas de famílias pobres, que não apresentariam condições sociais e econômicas de arcar com o nascimento de uma criança. Assim, o aborto seria uma opção para que conseqüências negativas para a criança, para a família e para a sociedade sejam evitadas. A retórica de Edir Macedo se baseia principalmente nesta questão das conseqüências de uma gravidez indesejada, e utiliza artifícios como associar a crítica ao direito de abortar aos setores conservadores da sociedade (como mencionado na análise, não deixa de surpreender uma igreja cristã pentecostal utilizar este termo como algo pejorativo) e a países atrasados, em oposição aos países desenvolvidos que o permitem. Faz parte também da estratégia retórica de Macedo uma manipulação do conceito do verbo “matar”. Além de uma confrontação com a posição mais conservadora da Igreja Católica, esta defesa da descriminalização e legalização é interpretada, de acordo com Gomes (2009), como estando ligada à ideia de vida em abundância da Teologia da Prosperidade, que exigiria um controle maior das condições financeiras e sociais da família.

Nesse sentido, o planejamento familiar e o uso de preservativos como principal método de combate à AIDS são incentivados com muita ênfase pela igreja, chegando a fazer parte das propostas políticas dos legisladores ligados à IURD a obrigatoriedade das aulas de educação sexual. A igreja propõe ativamente colocar a questão do planejamento familiar em discussão, e incentiva seus membros a ter algum tipo de proteção e planejamento em relação ao número de filhos. .

Um outro ponto que denota mais liberalização nos costumes é a defesa da satisfação sexual como parte importante de um casamento. Além disso, a instituição não parece se preocupar muito com as práticas de seus fiéis anteriores à conversão, e mesmo entre os

frequêntadores da igreja. Faz parte da retórica deixar claro que não julga o que seus fiéis fazem ou deixam de fazer. Ela funciona como um supermercado que oferece produtos específicos, de modo que não é sua função exercer grande controle sobre a vida dos membros.

A Folha Universal traz igualmente uma associação entre feminilidade e vaidade. Isto é uma ruptura evidente com o pentecostalismo clássico, amplamente conhecido pela severidade com que adota uma desvalorização de tudo o que é terreno, mundano, inclusive o corpo humano. A IURD, por sua vez, traz um discurso que valoriza o cultivo da beleza, inclusive de uma maneira que incentiva o destaque de atributos sensuais nas mulheres, de maneira que mostrem o corpo feminino e potencializem suas belezas.

Estes dois repertórios, um mais ligado ao pentecostalismo clássico, no qual a mulher e o homem têm lugares bem definidos e hierarquizados, e outro que traz maior liberalização dos costumes e das relações de gênero, entretanto, não podem ser compreendidos de forma separada. A IURD os mescla de forma bastante hábil, e, na maioria das vezes, os dois discursos aparecem juntos. As práticas discursivas da igreja habitualmente celebram as conquistas femininas, valorizam os novos lugares ocupados pelas mulheres, mas o fazem de forma a ainda colocarem-nas em posições mais tradicionais. Há uma seleção conveniente de aspectos das lutas feministas, de modo que o apelo questionador delas é diminuído.

Esta mescla entre repertórios distintos pode ser explicada pelo próprio processo de secularização e contra-secularização pelo qual passa a sociedade brasileira. O país, nas últimas décadas, convive com esta contradição entre movimentos conservadores, que propõem relações de gênero baseadas numa forte hierarquização entre homens e mulheres, e movimentos liberalizantes, que promovem uma abertura a novas configurações. A IURD, sendo uma igreja formada no final da década de 1970, e com uma proposta diferente em relação ao pentecostalismo das duas primeiras gerações, carrega dentro de si estas contradições. Mesmo as igrejas mais tradicionais, e que anteriormente eram conhecidas pelo sectarismo e rigidez nos costumes, têm passado por um processo de abertura.

As práticas discursivas produzidas por estes dois repertórios exercem a função de oferecer novos lugares às mulheres, mas ao mesmo tempo limitando estes novos lugares a determinadas condições: como exemplo, podemos citar o fato de a Folha Universal não questionar a sobrecarga das mulheres quando saem para o mercado de trabalho, mas ainda são responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Embora a função de pai seja valorizada, é à mulher que cabe liderar tal cuidado.

Em relação ao homem, como dito, a função de pai é colocada como de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças. Porém, diferentemente das mulheres, esta função não é essencializada: não é da natureza do homem ser pai, de modo que a Folha Universal traz inúmeras reportagens sobre a distância dos homens em relação aos seus deveres familiares. Enquanto a maternidade é algo instintivo, a paternidade precisa ser desenvolvida, incentivada e valorizada. E este incentivo é de fato exercido pela Folha, que em suas reportagens chama os homens para que assumam plenamente a função de pai de família. Mais do que a paternidade, o casamento é o lugar privilegiado do homem. Enquanto a mulher é abordada em diversos lugares diferentes, como a maternidade, o casamento, mas também a vaidade, e inúmeras outras características, o homem é posicionado na maioria das vezes como trabalhador e membro de uma família. O casamento para a mulher é o seu lugar natural, e para o homem é uma conquista, assim como uma situação financeira confortável ou boa saúde. É algo que melhora sua vida. Porém, o casamento não é igualitário: cada um tem suas funções específicas, e o homem, embora tenha sua função paterna valorizada, não é tão abordado neste lugar quanto a mãe.

A cobertura política do jornal mostrou a predominância masculina nesta atividade, embora a presença feminina seja valorizada. As mulheres da igreja que estão na vida política trazem para a discussão principalmente temas ligados aos direitos da mulher. Embora haja discussões de um ponto de vista mais liberal em relação à posição da mulher na sociedade, muitas vezes elas giram em torno de posicionamentos mais tradicionais, que colocam a mulher exclusivamente como mãe e esposa.

Estas contradições encontradas nestes dois repertórios podem servir de base para futuras pesquisas. Em conversas informais com fiéis, pude ver que o discurso da Folha Universal a respeito das questões abordadas neste trabalho é aceito seletivamente. Há fiéis que descartam as mudanças liberalizantes trazidas pela igreja, enquanto outros as levam ainda mais adiante, e criticam certos conservadorismos. Seria importante analisar como eles fazem esta seleção, quais são os argumentos utilizados para justificar suas posições diante das discordâncias e concordâncias em relação às posições da igreja.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

AMORIM, A. **Igrejas evangélicas e relações de gênero: o impacto da experiência migratória**. Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia de 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)

ANTAKI; C.; BILLIG, M.; EDWARDS, D.; POTTER, J. El análisis del discurso implica analizar: crítica de seis atajos analíticos. **Athenea Digital**, nº 3, p. 14-35, 2003.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BILLIG, M. **Argumentando e pensando: uma abordagem retórica à psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BITTENCOURT FILHO, J. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, A. et alii. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOVKALOVSKI, E. C. **Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do Reino de Deus (1986-2001)**. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPOS, L.. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011.

DAVIES, B; HARRÉ, R. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 20, n. 1, 1990.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et alii. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GERGEN, K. **Construccionismo social: aportes para el debate y la práctica**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2007.

GOMES, E. C. Fé racional e aborto: família e aborto a partir da ótica da IURD. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, v. 2, p. 97-120, 2009.

JABLONSKI, B. **Até que a Vida nos Separe: a Crise do Casamento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

LIMA, D. N. O. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, Julho de 2007.

MACEDO, E. Páginas de salvação. **Folha Universal**. Belo Horizonte, 5 de junho de 2011

_____. **Mensagens do meu blog**. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2010

MACHADO, M. D. C. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. São Paulo: ANPOCS, 1996.

_____. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, Agosto de 2005 .

_____. SOS Mulher – A identidade feminina na mídia pentecostal. **Ciências Sociais e Religião**, v. 1, n. 1, 1999.

MACHADO, M. D. C.; FIGUEIREDO, F. Religião, gênero e política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre: Ed.UFRGS, v. 4, p. 125-148, 2002.

MARIANO, R. . Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião**, v. 1, n. 1, 1999.

_____. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo: REVER/PUC-SP, pp. 48-58, dez. 2008.

MAZZAROLO, I. Paulo e os conflitos na antropologia feminina. **Caminhos**, Goiânia, v. 2, n. 2, jul./dez. 2011

MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** São Paulo: Cortez, 2000.

MENDONÇA, J. O Evangelho Segundo o Gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo. **Revista do Conservatório de Música Ufpel**, v. 01, p. nº 09, 2008.

MOREIRA, A. S. As muitas faces do pentecostalismo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia: Editora UCG, v. 16, n. 3/4, p. 233-242, 2006.

NOGUEIRA, C. Contribuições do construcionismo social: a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 137-153, 2001a.

NOGUEIRA, C. Construcionismo social, discurso e gênero. **Psicologia**, n. 15, v. 1, p. 43-65, 2001b.

NUNES, T. D. O crescimento das igrejas pentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n.35, ano 19, p. 127-132, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, M. A. **A Folha Universal como instrumento de conquista da Igreja Universal do Reino de Deus.** Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Curso de lingüística Aplicada do Departamento de Ciências Sociais e Letras - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2006.

PAGELS, E. **Adão, Eva e a serpente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

PINTO, F. S.; RIBEIRO, J. W. A mídia e a Igreja Universal. **Intercom**, Santos, p. 1-11, 2007.

POTTER, J. Discourse analysis and constructionist approaches: theoretical background. In: RICHARDSON, J. (Org.). **Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences**. Leicester: BPS Books, 1996.

_____. **La representación de la realidad: discurso, retórica y construcción social**. Barcelona: Paidós, 1998.

POTTER, J.; EDWARDS, D. Discursive Social Psychology. In: ROBINSON W.; GILES, H. (Eds). **The new handbook of language and Social Psychology**. Londres: John Wiley & Sons, 2001.

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and social psychology: beyond attitudes and behavior**. London: Sage, 1992.

POTTER, J.; WETHERELL, M.; GILL, M.; EDWARDS, D. Discourse: noun, verb or social practice? **Philosophical Psychology**, vol. 03, nº 02, 1990.

PROENÇA, W. L. Fontes para estudo do neopentecostalismo brasileiro: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Patrimônio e Memória Cedap**, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2005.

ROSADO-NUNES, M. J. Gênero e religião. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, Ago. 2005.

SANT'ANNA, F. **Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo**. Brasília: Casa das Musas, 2006.

SANTOS, F. **Neopentecostais e mídia: um estudo de caso na Igreja Bola de Neve**. [on line] Disponível em <http://www.fespsp.org.br/sic/papers/ESP/SIC_Fabiana_Oliveira.pdf>. Arquivo capturado em 19/10/2010.

SILVA, M. C. Cristianismo: gênero e família. **Fragments de Cultura**, Goiânia: Editora UCG, v. 16, n. 3/4, p. 233-242, 2006.

SIQUEIRA, D. Religiosidade contemporânea brasileira: estilo de vida e flexibilidade. **Revista de Sociedade e Cultura**, n. 9, v.1, 13-26, 2006.

SPINK, P. Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2000.

TELLES, D. 19 anos de história. **Folha Universal**, Belo Horizonte, 5 de junho de 2011

TOLEDO-FRANCISCO, C. **Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VALLE, R.; SARTI, I. O risco das comparações apressadas. In: ANTONIAZZI, A. et alii. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

WETHERELL, M.; STIVEN, H.; POTTER, J. Unequal egalitarianism: a preliminary study of discourses concerning gender and employment opportunities. **British Journal of Social Psychology**, nº 26, 1987.

WETHERELL, M; POTTER, J.; **Mapping the language of racism: discourse and legitimation of exploitation**. Hemel Hempstead: Harvest Wheatsheaf, 1992.

WETHERELL. M.; POTTER, J. El análisis del discurso y la identificación de los repertorios interpretativos. In: GORDO, A.;LINAZA, J. L. (Eds). **Psicologias, discursos y poder**. Madri: Visor, 1996.